

NO TEXTO:

TENORIO NÃO É ANJO NEM DEMÔNIO

O MAIS BELO ORNAMENTO DE RESIDÊNCIA

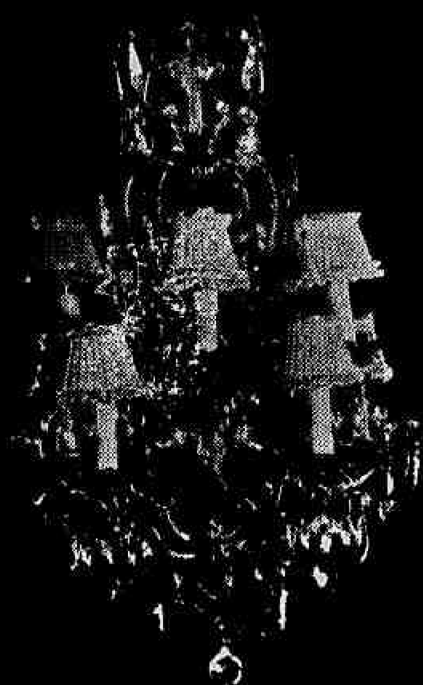
ESCOLHIDO DA PRODUÇÃO DE 26 DAS MELHORES FÁBRICAS EUROPÉIAS

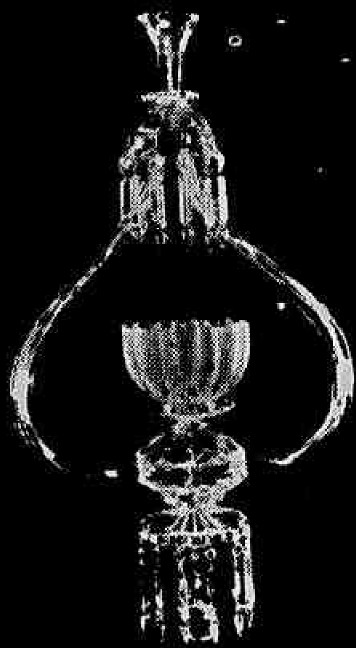
NILO RIBEIRO lhes oferece as seguintes vantagens:

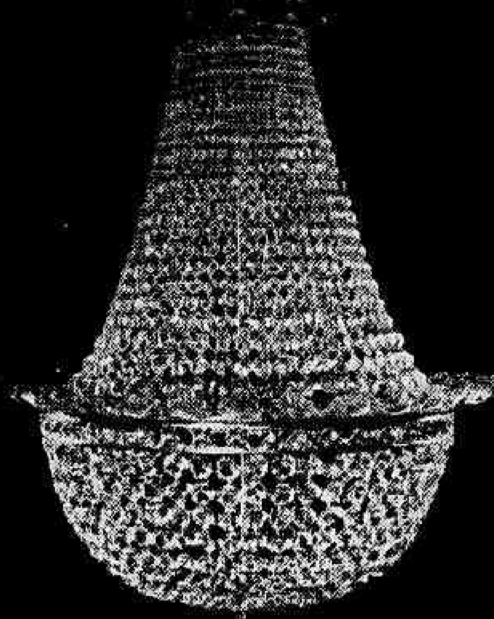
1.ª — Facilidade de pagamento e 30% de desconto.
2.ª — Vendas a varêjo por prêço de atacado por ser representante de 26 fábricas européias.
3.ª — Material de 1.ª qualidade.
4.ª — Transporte e colocação gratuita no Distrito Federal feita por profissionais especializados.
5.ª — Artistas decoradores para orientação na iluminação de sua residência.

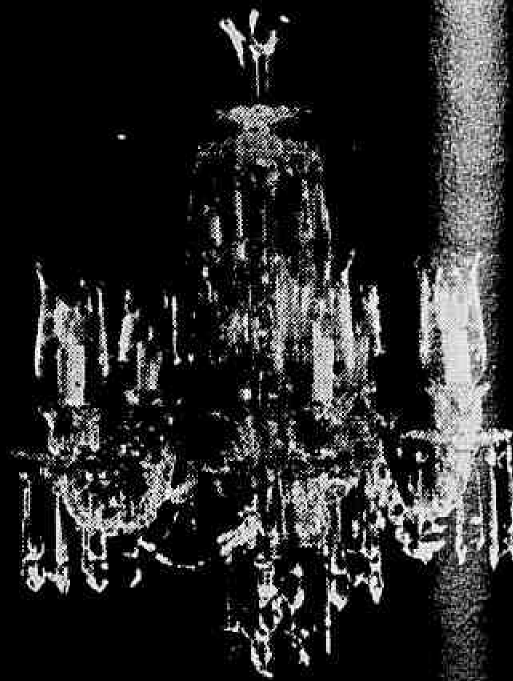
GALERIA SÃO PEDRO

AVENIDA PRINCESA ISABEL, 126-D (Junto do Tunel Novo) — Telefones: 37-1200 e 37-3428

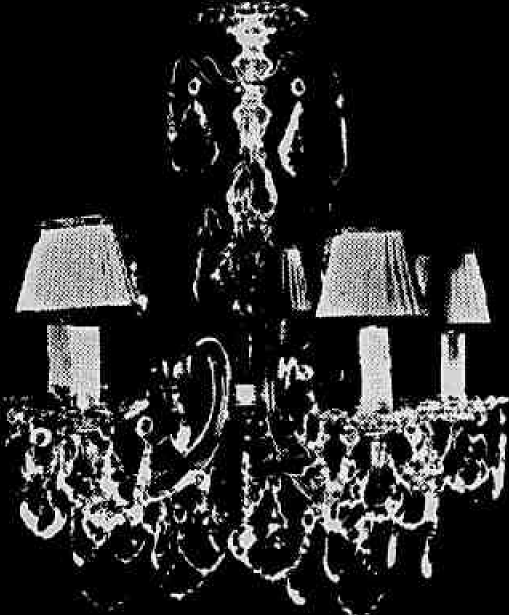

1

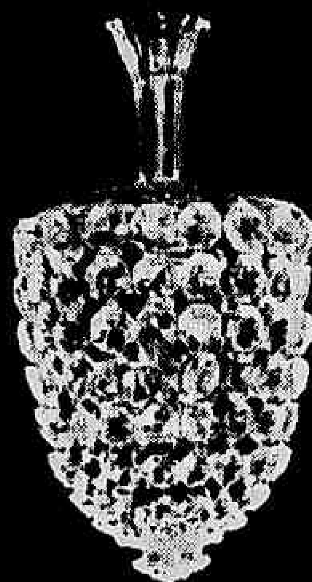

2

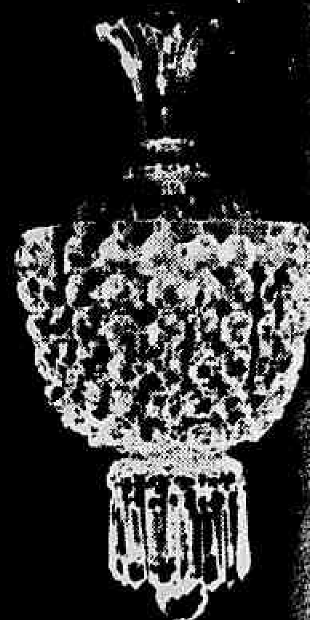

3


4

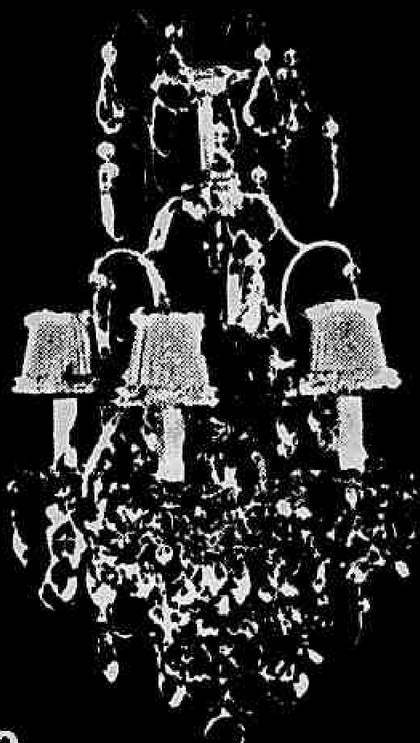

5


6


7


8


9


10


11


12

ACABAM DE CHEGAR DA EUROPA 146 MODELOS DE LUSTRES, LANTERNAS, APLIQUES E CANDELABROS PARA TODOS OS ESTILOS, E PRÓPRIOS PARA APARTAMENTOS. — TAMANHOS ESPECIAIS PARA HALL DE EDIFÍCIOS, HOTÉIS, ETC.

Não compre sem visitar a exposição da GALERIA S. PEDRO onde encontrará a melhor mercadoria pelo menor prêço.

FACILITA-SE O PAGAMENTO ★ REMESSAS PELO REEMBOLSO POSTAL ★ EXPOSIÇÃO: DAS 8 ÀS 22 HORAS.

NESTE NÚMERO:

REPORTAGENS

As chuvas (artificiais) chegaram! (Aloísio Bonavides) 4/5
O relógio da era atômica ... 10/13
Um baile no Waldorf 14/17
Tenório não é anjo nem demônio (Abdias Rodrigues) . 19/22
Tomar, Santarém e Arredores (Celestino Silveira) 24/27
República de Estudantes (Jorge Lyra) 29/32

LITERATURA

O amor envolto em celofane (Edmundo Lys) 3
Sala Fechada (Péricles Leal) . 23
Semana Literária (Edmundo Lys) 34/35
Casamento Arranjado (Moyses Duek) 36

SEÇÕES PERMANENTES

Semana em Revista 8
Personagem da Semana 6
Puxe pelo cérebro 9
Palavras-Cruzadas 18
Saúde do Bebê (Dr. Sabóia Ribeiro) 44
Tudo isto aconteceu 48/49

HUMORISMO

Bode Expiatório (Théo) 7
Nem Cara... Nem Coroa (Nicodemus) .... 22 e 32
Êste mundo e o outro (Darcy) 28

ATUALIDADES

Skensen — uma Suécia em miniatura 8
Aumenta anualmente o número de loucos 50

FEMININAS

Pied-de-poule 37
Silhuêtas elegantes 38
Combinação das côres 39
Week-End na Cozinha 40/41

CURIOSIDADE

Crime e Castigo 42/43

FOLHETIM

O amor era seu jôgo 47

FOTOS

Cristiano Portela — Abdias Rodrigues — Celestino Silveira — Jorge Lyra — Avulsas.

ILUSTRADORES

Jerônimo Ribeiro — M Queiroz — Rafael.

★

NA CAPA:

Marina Berti

(Foto Universal-International)

O amor envolto em celofane

— Compreendeu?

— Compreendi. Isso se chama "amitié amoureuse", segundo o livro célebre, um romance francês para moças. O título é bonito e convém às adolescentes.

— E não acha que é um sentimento belíssimo, mistura de amizade fraternal e de amor... não acha?

— Em teoria. Mesmo assim, tenho objeções.

— Objeções?

— Pois, então? Acredita que amizade, misturada com amor, valha alguma coisa?

— Mas, não se trata de valer... Está saindo da teoria..

— Não há outra maneira de analisar as teorias, como essa do amor-amizade, que considera sublime.

— Sim, muito.

— Entretanto, falsa. Amizade com amor não é nem amizade, nem amor, como quem diz, nem carne, nem peixe.

— Que horror!

— Horror é êsse hibridismo que está pleiteando... e que não existe. O fato é que desejaria uma roseira que desse rosas e que também desse laranjas.

— Que exagêro! Mas repare que está comparando o amor às laranjas.

— Às rosas, quer dizer. Como vê, um fato exclui o outro.

— Há roseiras e roseiras...

— Talvez, por um artifício de botânica, se chegue ao híbrido — no caso estritamente vegetal, com referência ao jardim e à horta. Mas, o híbrido é antinatural.

— Deixemos as rosas...

— As laranjas. O que acontece na botânica afetiva é idêntico. Amizade-amorosa é artifício técnico.

— Continue...

— Amizade é um sentimento diferente do amor. Direi mesmo, oposto. A amizade tem tôda uma outra origem, outra composição, outra finalidade.

— Outra finalidade?

— Sim, finalidade econômica.

— Oh! econômica...

— Como a laranja. Resulta de cálculos, de afinidades. condutas convergentes e coincidentes. Só temos amizade a pessoas que se identificam conosco. Por isso, somos, no geral, amigos dos parentes, por fôrça da hereditariedade e da consanguinidade. Dos vizinhos, por questão de interêsses comuns. Por isso, ainda, é mais comum a amizade entre pessoas da mesma atividade, da mesma classe. E do mesmo sexo, uma vez que são mais numerosas as coincidências. E, note: há homens demasiado delicados que preferem amizades femininas, como existem mulheres menos feminis, que optam pelas amizades masculinas.

— Então?

— E' a regra justificada pelas exceções.

— E o amor?

— O amor aproxima os contrários. Pode, por acaso, surgir entre temperamentos afins. Mas, não é uma condição dêle. Depois, o amor não respeita a economia. O próprio da paixão de amor é ser, pelo contrário, anti-econômica e apolítica Não cede, nem concede. Aproxima pela violência, por uma fôrça incontrolável que não conhece acomodações. E' um sentimento furioso e desvairado, inconciliável com o clima sereno, social, conveniente e tolerante da amizade.



GOETHE

— Isso é o horrível!

— Horrível é pretender, por covardia, por temor à violência do amor, desejar acomodá-lo com um sentimento que o repele. E' como se quiséssemos envolver um incêndio em celofane.

— Disse antes rosas... não falou em incêndio.

— Pois envolva as rosas em celofane: não lhes sentirá o perfume, a maciez, a presença. Quer dizer: as rosas envôltas em papel, não são mais rosas. Poderão ser um "bouquet" ou, quando muito, uma natureza-morta.

— Acredito na amizade-amorosa.

— As mulheres só acreditam nos absurdos. Está defendendo apenas uma comodidade da vida moderna, tão prática e confortável, como as geladeiras e as máquinas de lavar roupa, que as mulheres tanto apreciam.

— E' um sentimento legítimo, um amor puro e honesto.

— O amor é sempre puro e honesto. Desonesta é a simples curiosidade do amor, isto é, a aventura. Não confundamos.

— Está exagerando.

— Pelo contrário, estou simplificando a sua tese. Não há afinidade possível entre amizade e amor. Um exclui completamente o outro. Só somos amigos das pessoas que não amamos. Há pouco falava de George Sand. E' um exemplo. Ela só foi realmente amiga de Liszt, porque a Liszt ela não amou, uma vez que não poderia dominá-lo. E de Balzac, talvez, que não lhe agradava para o amor. Quanto à amizade com que pretendia prolongar o amor, depois do amor ter passado, resultou em nada, como sabe. Aliás, os psicólogos já disseram que o amor é uma espécie de ódio. E' principalmente uma forma de egoísmo. O amor busca anular a dualidade dos sêres. E isso é o oposto da amizade — que é solidariedade, fraternidade, colaboração.

— Carlota não amou Goethe?

— Não, teve mêdo. Era uma burguezinha estúpida e conformada. Preferiu o outro. E quis inventar essa fábula da amizade-amorosa, de larga tiragem desde aí, em todos os casos semelhantes.

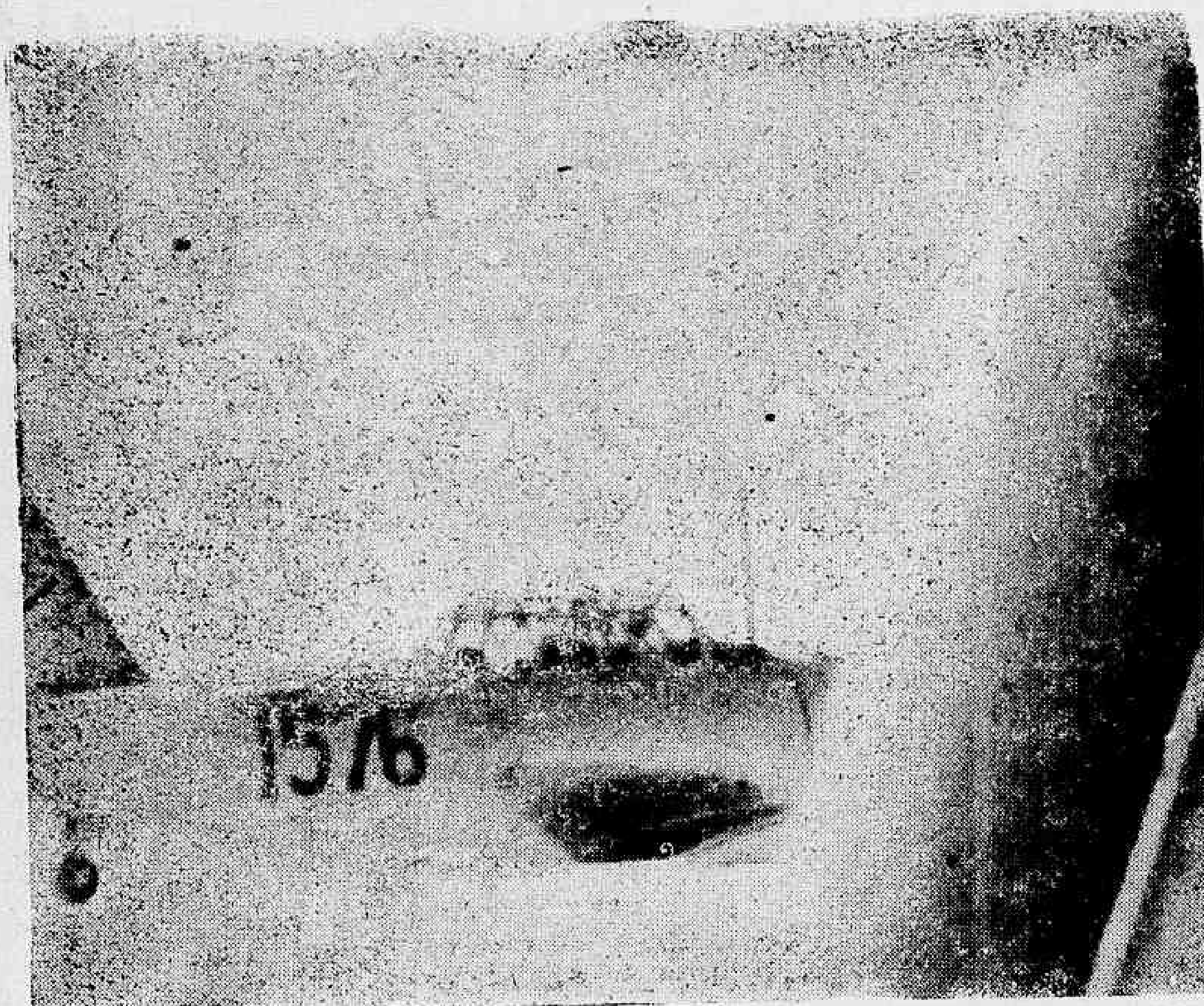
— Quer dizer?

— Exatamente o que está pensando, minha amiga: não é possível envolver o amor em celofane.

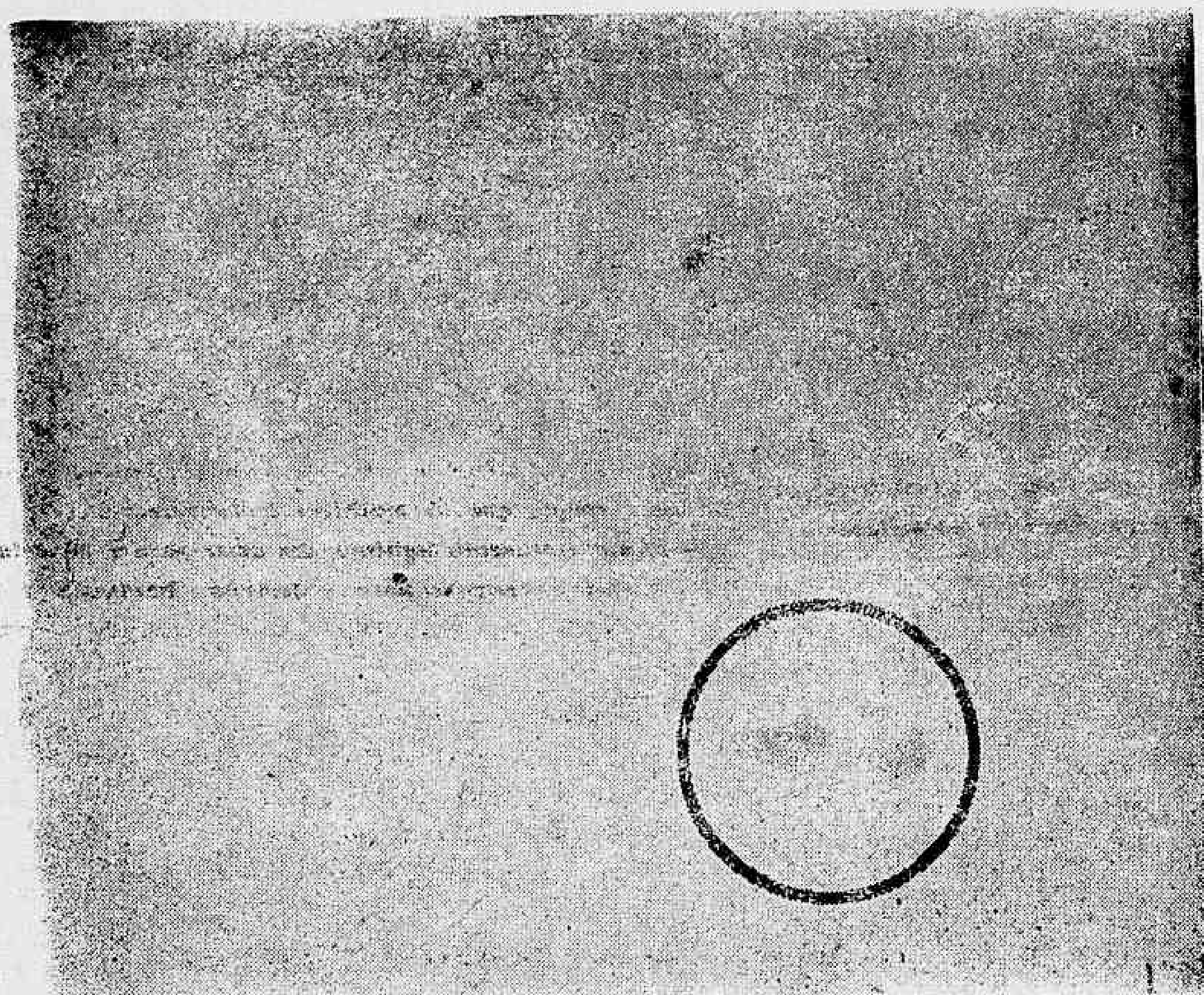
EDMUNDO LYS



AS CHUVAS (artificiais) CHEGARAM!



1 O avião North America 1576 em que conduziram o gêlo sêco para bombardear a «cúmulús». Era comandado pelo tte. Pinheiro e transportava êsse elemento num total de 12 kgs. congelado e acondicionado numa geladeira portátil de alumínio. Altura do vôo, 14,700 pés.



2 O mesmo aparelho quando retornava da 1a. experiência, tendo provocado uma inesperada chuverada em extensão de 5 quilômetros, quando até momentos antes não havia o menor indício de máu tempo. Sua missão foi cumprida impecàvelmente num tempo reduzido.

A sêca continua a ser para as populações rurais do Nordeste um acontecimento que ainda as aterroriza. E as aterroriza porque não dispõem dos mínimos recursos de defesa. Não têm meios para enfrentar o flagelo. Ou emigram ou perecem. E, sob êsse dilema, preferem debandar, desordenadamente, em massa, formando, através das estradas, filas imensas, num cortejo impressionante de misérias e desencantos. Marcham dia e noite em demanda das cidades numa desesperada tentativa de sobrevivência.

Foi a isso que assistimos, recentemente, em cinco Estados da Federação: o Piauí, o Ceará, o Rio Grande do Norte, a Paraíba e Pernambuco. A ausência de chuvas prolongou-se determinando o temor da sêca. Dezenas e dezenas de famílias largaram-se, então, pelas estradas, à procura de salvação. As cidades ficaram cheias de flagelados e só assim o clamor dos retirantes chegou aos gabinetes das autoridades. Organizaram-se planos, e medidas de emergência foram sendo tomadas ali, acolá.

MAS... AS CHUVAS VIERAM

As providências das autoridades não eram, em verdade, tranquilizadoras. Um dia, porém, a situação se modificou, sùbitamente: o céu ficou coberto de pesadas nuvens e, para surprêsa geral, fortes aguaceiros banharam as terras queimadas dos sertões nordestinos. Os retirantes encheram-se de novas esperanças e muitos retornaram aos seus campos. Não contariam, é certo, com inverno regular, mas ainda poderiam produzir o suficiente para esperar o ano novo...

CHUVAS ARTIFICIAIS, UMA TENTATIVA

O govêrno do Ceará verificou não ser possível desprezar o drama das sêcas e achou aconselhável munir-se de meios para enfrentar, em futuro, situações semelhantes. Daí haver convidado o engenheiro Janot a realizar, em Fortaleza, experiências de chuvas artificiais. O sr. Janot há anos se vem dedicando apaixonadamente ao estudo de tudo que diz respeito à provocação de chuvas pelo processo do gêlo.

Chegou ao Ceará cercado pela curiosidade popular e também pela indiferença de muitos. Tomou aposentos num dos hotéis da capital e sem perda de tempo iniciou o seu trabalho.

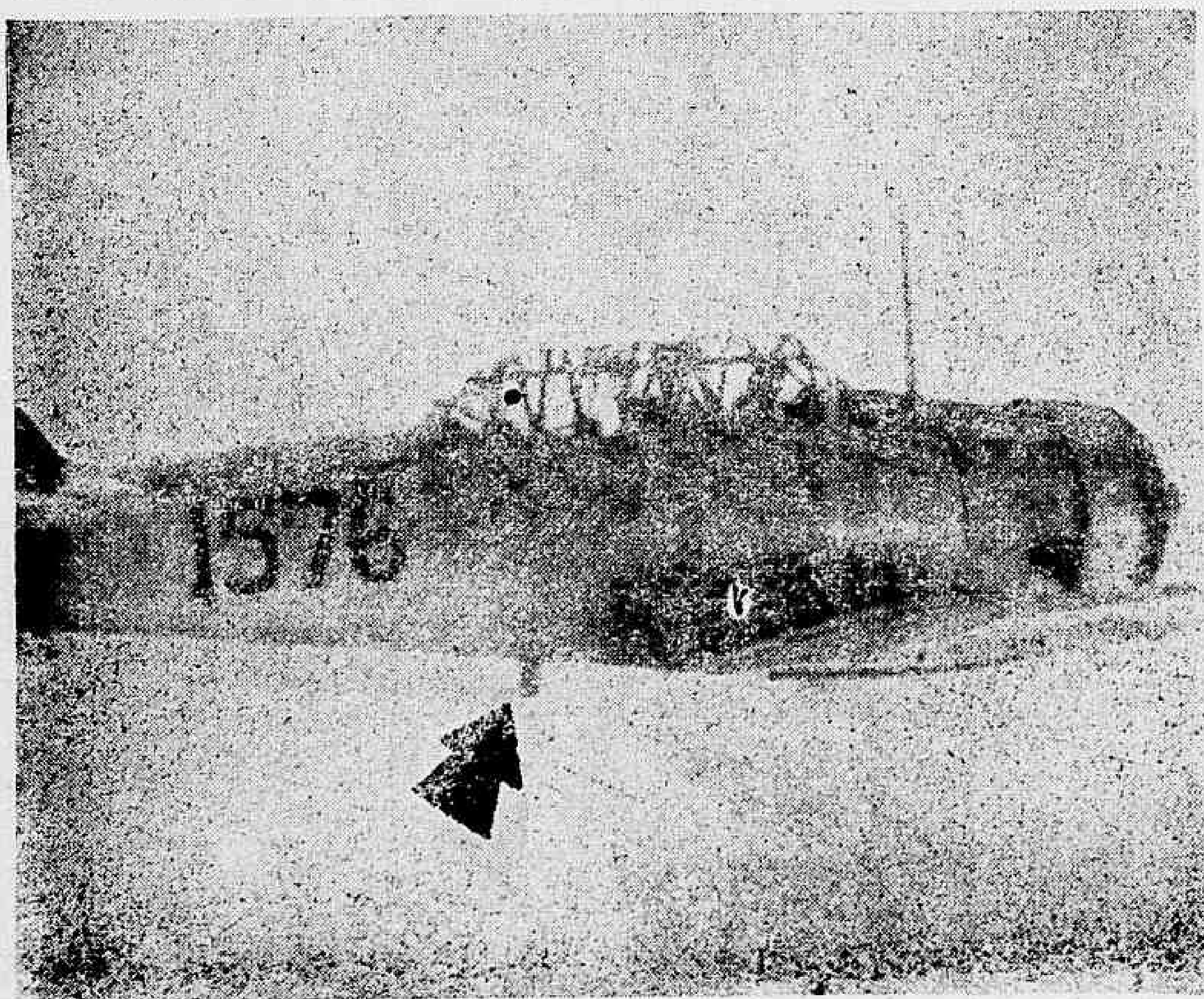
Fomos encontrá-lo em palestra com técnicos do Laboratório de Biologia do Estado discutindo providências iniciais para a realização da experiência com o emprêgo de gêlo sêco. O sr. Janot Pacheco é um homem de pouco mais de cessenta anos, cabelos grisalhos, conversação agradável. Nasceu na cidade de Campos, onde fêz os estudos preparatórios. Obteve o grau de engenheiro pela antiga Escola Politécnica do Rio de Janeiro. Conhece o problema da sêca como catedrático. Em 1920, o presidente Epitácio Pessoa o mandou ao Nordeste, em missão do govêrno, para inspecionar os serviços de Obras Contra as Sêcas.

NO EXÍLIO, COMEÇARAM OS ESTUDOS

Mas o interêsse do engenheiro Janot pelo processo de fazer chover artificialmente começou alguns anos mais tarde. Data da época em que teve de abandonar o país para exilar-se no estrangeiro. Estêve nos Estados Unidos e posteriormente na Suiça. Em 1931, encontrando-se na cidade suiça de Vevey, teve ensejo de assistir à transformação de uma chuva de pedras em chuva comum, devido à ação de poderosos explosivos, provocados com o emprêgo de peças de artilharia. Essa experiência foi realizada por cientistas suiços para poder salvar a safra de uvas naquela região, sèriamente ameaçada pelas chuvas de pedras. Ao testemunhar êsse acontecimento, ocorreu-lhe a idéia de tentar provocar chuvas artificiais com explosões "cúmulus".
violentas no seio das nuvens denominadas

NA TERRA DA SÊCA, A EXPERIÊNCIA FOI VITORIOSA

Cessados os motivos que o levaram ao exílio, o engenheiro Janot Pacheco retornou ao Brasil e continuou os estudos iniciados



3 Este flagrante, obtido de perto, permite vêr-se o fúnil através do qual foi projetado o gêlo sêco. Após o lançamento da 1ª descarga, verificou-se um fenômeno inédito em circunstância semelhante: o aparecimento de um arco-íris em tôda a extensão da «cúmulús»



4 Do interior do avião, o cinegrafista Cristiano Portela pôde bater êste flagrante, mostrando ao fundo o outro aparelho de onde se realizou o bombardeio. Nossas fotos são exclusivas e pacientemente reproduzidas do filme cinematográfico. Outras não foram obtidas

BEM SUCEDIDAS NO CEARÁ AS EXPERIÊNCIAS DO DR. JANOT PACHECO ★ A 14.700 PÉS DE ALTITUDE, DOIS AVIÕES DESPEJAM 12 QUILOS DE GÊLO SÊCO, SURGE UM ARCO-ÍRIS E CAI O AGUACEIRO NUMA EXTENSÃO DE 5 QUILÔMETROS ★ SURPREENDIDOS OS PILOTOS DA PANAIR ★ MAS UM SALINEIRO NÃO GOSTOU DA PROVA! ★ QUE DIRÃO OS IANQUEIS?

Texto de ALOISIO BONAVIDES (Fotos de CRISTIANO PORTELA) — da Cinegráfica Norte do Brasil.



8 O pôrto de Mocuripe, sob chuva artificial. Foi preciso sobrevoar extensa região antes de localizar as nuvens mais propícias para dar início às operações. Dessa experiência foi lavrada uma áta assinada por oficiais da FAB que acompanharam as diversas fases da prova.

na Suiça. Passou, então, a adquirir tôdas as obras cientificas existentes sôbre a matéria. Mas sòmente veio a obter êxito nos seus estudos anos após, isto é, agora, com a sua vinda ao Ceará. Aqui, na terra da sêca, o sr. Janot Pacheco obteve razoável sucesso nas experiências empreendidas para provocar chuvas artificiais.

A experiência inicial verificou-se no dia sete de maio. Manhã cedo, já se notava grande movimento nas dependências do Sexto Corpo de Base Aérea. Aviões eram preparados para levantar vôo, técnicos discutiam detalhes, enquanto o gêlo sêco ia sendo colocado nos aparelhos e o dr. Janot entendia-se com os operadores da "Tôrre de Contrôle" da Base, ultimando providências.

Pouco mais tarde os aviões "North American", de números 1579 e 1576, pilotados pelos tenentes Pinheiro e Padilha, dois hábeis pilotos da nossa fôrça aérea, decolavam, conduzindo a bordo os senhores Mauro Botelho e Abnor Gurgel Gondim. Durante algum tempo, sobrevoaram extensa região cabendo ao aparelho comandado pelo tenente Pinheiro localizar, às 11hs,10, a primeira "nuvem-cúmulus". Era êsse o aparelho escolhido para as operações. Assentadas as providências finais procedeu-se à primeira descarga de gêlo sêco. O "North American" do tenente Pinheiro conduzia 12 quilos de CO2, congelados e acondicionados numa geladeira portátil, de alumínio. Voava numa altitude de 14.700 pés, sôbre a região compreendida entre a serra de Maranguape e o município de Caucaia. Segundos após o lançamento da primeira descarga de gêlo verificou-se um fenômeno inédito em circunstâncias semelhantes: o aparecimento de um arco-íris em tôda a extensão da "cúmulus", numa área aproximada de cinco quilômetros. Decorridos dois ou três minutos, uma chuva copiosa começava a cair.

SURPREENDIDO POR PESADO AGUACEIRO

Exatamente no momento em que era feita a experiência, um avião de carreira da Panair do Brasil, procedente do norte do país, alcançava a região escolhida pelos técnicos do dr. Janot. O comandante da aeronave comunicou-se com a "Tôrre de Contrôle" da Base Aérea de Fortaleza e comunicou haver sido sùbitamente surpreendido por um pesado aguaceiro no trecho compreendido entre Maranguape e Caucaia. Foi êsse um depoimento precioso e que confirmou o êxito da experiência. O sr. Janot Pacheco lavrou, então, uma ata assinada por vários oficiais da F.A.B. que, da "Tôrre de Contrôle", acompanharam as diversas fases da prova.

A SEGUNDA EXPERIÊNCIA

A segunda experiência foi realizada no dia 12, sem o concurso do sr. Janot Pacheco, que viajara na véspera para Recife. Sua execução estêve a cargo dos técnicos da Secretaria de Agricultura do Estado e o resultado obtido foi igualmente auspicioso. Apesar de utilizada menor quantidade de gêlo sêco, foi possível fazer cair, sôbre extensa região, uma bonita chuva. De acôrdo com o relatório oficial, choveu copiosamente em Fortaleza, Cascavel, Caucaia, Cristais e Acarape.

UM SALINEIRO SOFREU APRECIÁVEL PREJUIZO

O cidadão João Alves de Castro possui no município de Cascavel, uma salina. No dia 12, data da segunda experiência, realizando o trabalho de manipulação do sal da sua salina, observou um avião sobrevoando a região. Não imaginou, entretanto, que fôsse a aeronave que iria ser utilizada na experiência de "chuva artificial". E, para surprêsa e indignação sua, poucos minutos após derramava-se um aguaceiro sôbre o local da manipulação do sal, causando-lhe pesado dano. O sr. João Alves de Castro não gostou do acontecido e lançou o seu protesto contra as chuvas artificiais do dr. Janot...

IMPRESSÕES DO ENGENHEIRO

A propósito dos resultados obtidos nas experiências feitas, ouvimos o engenheiro

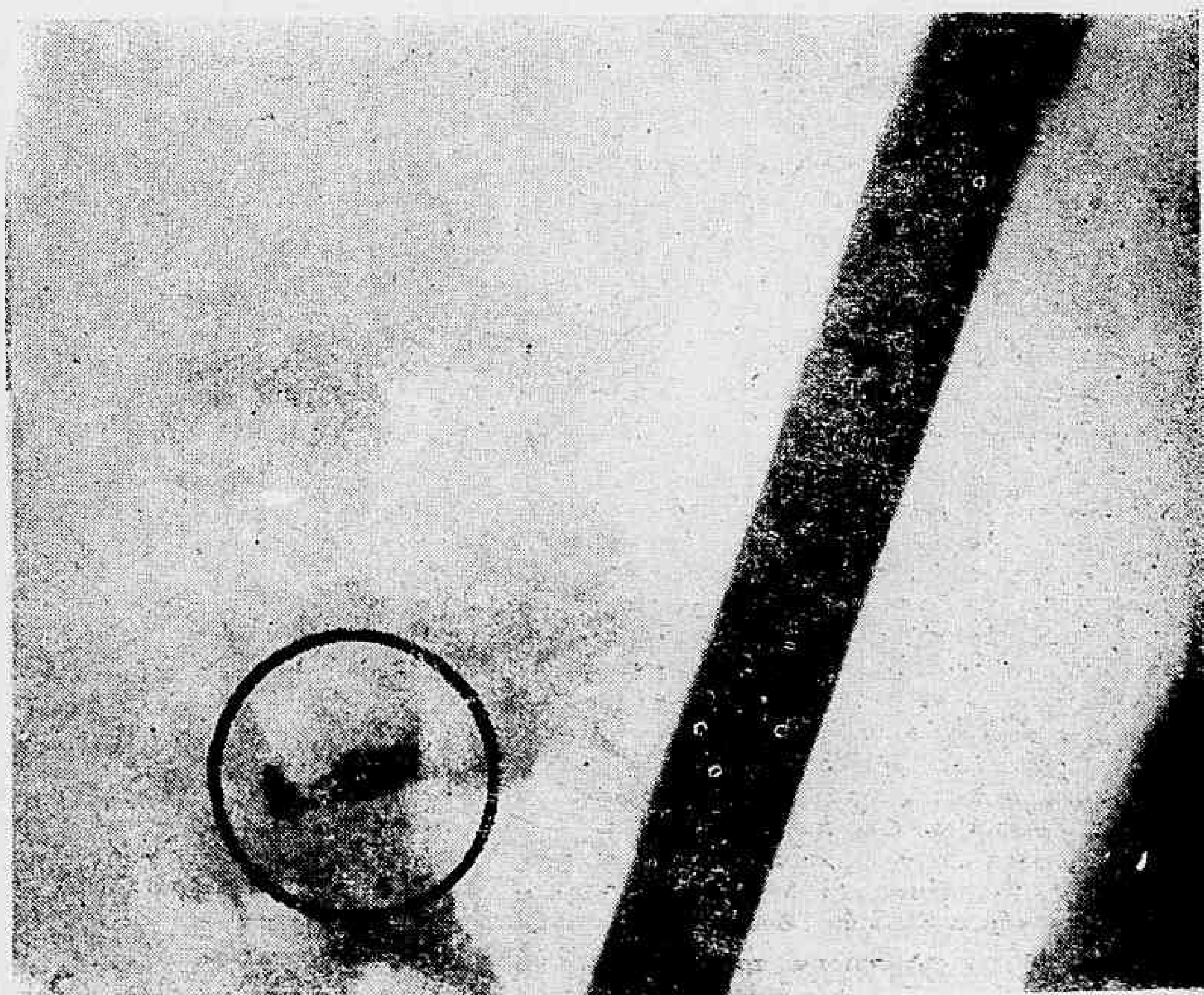
(Cont. na pág. 44)



7 Cenas do bombardeio para provocar a chuva, obtidas quando era atirado o gêlo sêco sôbre a «cúmulus». As chuvas estenderam-se de Fortaleza, Cascavel e Caucaia, até Cristais e Acarape, não merecendo a menor contestação e foram observadas pelas autoridades aéreas.



5 Vista da praia, no momento em que era banhada pela chuva artificial, que se prolongou por alguns minutos, os suficientes para banhar tôda aquela localidade. Duas descargas de gêlo sêco tiveram de ser feitas para obter êsse resultado, cento por cento positivo e bom.



6 Aqui se pode vêr o avião entre as nuvens, que deveriam transformar-se em copiosa chuva logo após a descarga do CO-2, gêlo sêco. Experiências iguais foram tentadas nos EE.UU. sem êsse resultado favorável. O trabalho do dr. Janot Pacheco resulta de fato incontestável

RÉVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 23 ★ 9-6-51

Redator-Chefe:
CELESTINO SILVEIRA

Chefe de Publicidade:
J. M. COSTA JUNIOR

Paginação de
VICTOR TAPAJÓS

Diretor:
Gratuliano Brito

PUBLICAÇÃO DE ARTE, LITERATURA E MODAS

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e Antuérpia, em 1930, e na Feira Internacional de São Paulo em 1933.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ..	Cr$ 150.00
Seis meses	Cr$ 75.00
Registrada — Um ano	Cr$ 180.00
Seis meses	Cr$ 90.00

ASSINATURAS PARA O EXTERIOR

Registrada — Uma ano	Cr$ 280.00
Seis meses	Cr$ 140.00

O número avulso custa Cr$ 3,00 em todo o Brasil: atrasado, Cr$ 3,50

CORRESPONDENTES — Na Bahia: J. Machado Cunha, avenida Sete de Setembro, 149, Cidade do Salvador, Bahia. Em São Paulo: vendas na Capital a cargo da «Agência Zambardino, à rua Capitão Salomão, 67, tel. 4-1569; Publicidade a cargo de Jarbas Galvão, rua da Conceição n. 58, 1.º andar, sala 102, telefone 36-6718.

Tem Agentes em tôdas as localidades do território nacional

REPRESENTANTES — Nos Estados Unidos da América do Norte: Aguiar Mendonça, 19 West Street, New York City, N. Y.. Na Africa Oriental Portuguêsa: D. Spanos, Caixa Postal 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratorio & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: «Interprensa», Florida 299, tel. 32, avenida 9109, Buenos Aires

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores

Êste número consta de 52 páginas

Propriedade da COMPANHIA EDITORA AMERICANA

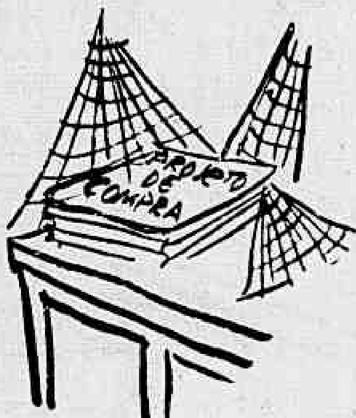
Rua Visconde de Maranguape, 15
Rio de Janeiro

TELEFONES

Redação: 22-4447; Publicidade: 22-9570; Gerência: 22-8647; Contabilidade: 22-2550; Fotografia: 22-1013; Portaria: 22-5602

A SEMANA EM REVISTA

BIBLIOTECA MUSICAL



Há certas cousas neste país que nos fazem suspirar de desolação e apelar para Deus. Não nos afligem, apenas, as crises políticas, a falta de chuva, a pobreza de nossas comunicações, a carência de escolas primárias. No mundo cultural também se verificam episódios desoladores. Sabe o leitor que existe no Rio de Janeiro a mais completa e preciosa biblioteca musical do mundo? E sabe ainda que o seu proprietário teve que levá-la para um recanto da Biblioteca Nacional porque foi despejado de sua casa e não tinha onde guardar aqueles quinze mil volumes preciosíssimos? E sabe ainda o leitor que o seu paciente colecionador é um cearense apaixonado da música, sr. Abraão Carvalho, que levou tôda a sua existência a selecionar partituras, a zelar pelo nosso patrimônio histórico em matéria de melodias, sofrendo privações, passando necessidade, com um ideal sublime, qual seja o de dar ao Brasil a glória de possuir o que de mais completo há no gênero? Logo que chegou a países como Estados Unidos, Argentina e Rússia a notícia de que havia no Brasil uma coleção tão rara, emissários daqueles govêrnos procuraram o sr. Abraão e propuzeram compra. Ofereceram-lhe fortunas. Ficaram espantados com o que havia no seu Museu: partituras raríssimas de Liszt, de Beethoven, de Tchaikowsky, várias delas não mais existentes no mundo. A primeira edição autografada de «O Guarani», de Carlos Gomes, está em sua biblioteca, e a partitura de «Noite no Castelo» só êle possui. E' o único exemplar no mundo! Certo deputado apresentou projeto de compra dessa imensa preciosidade cultural por dois mil contos, embora valha dez vêzes mais. Com parecer favorável da Comissão de Finanças, ficou por aí parado. Que espera o nosso govêrno? Que as traças destruam uma riqueza dessas, esmagando-se cada vez mais a alma dêsse patriota? Positivamente não é êste país um seio de Abraão...

★

O "METRÔ" CARIOCA



E' angustioso o problema do tráfego nesta capital. Em certas horas não há lugar para o pedestre andar em certas ruas centrais da cidade, como sucede com a da Quitanda, Buenos Aires, Rosário, Conceição, Alfândega, em cujas calçadas só se vêem caminhões ou carros de passeio e aluguel, disputando o exíguo espaço que devia ser exclusivo dos que andam a pé. Não sabemos por que a Diretoria do Trânsito permite tráfego de veículos em tais trechos da capital durante as horas de maior movimento. Deviam fazer o que, de há muito, foi feito com a do Ouvidor e Gonçalves Dias. Hão de dizer que isso não pode ser em face da falta de local para guardar tanto automóvel. E' problema que puxa problema, não há dúvida; mas, muito mais sério é a impossibilidade de andar-se pelas vias citadas, sem risco de atropelamento, esmagamento e morte. As próprias casas de comércio ficam impossibilitadas de receber clientes, pois suas portas de entradas permanecem bloqueadas por tempos preciosos, o leito da rua entupido, a desbordar pelas calçadas. Entre as paredes dos edifícios e o passeio destinado a pedestres não há mais que dez centímetros, espaço por onde só poderão passar os espíritos dos que já se foram por acidentes de automóveis... Mas, pelo que parece, vai o Rio melhorar dentro de uns quatro anos. Diz o novo prefeito do Distrito Federal que o carioca terá o seu «metropolitano». Muito bem; mas será que o «metrô» aliviará o centro da cidade? Poderá o trem subterrâneo dar ao carioca o direito de andar nas ruas centrais de sua cidade, sem o risco de perder uma perna ou a vida? Ao lado do «metrô», que não se esqueça o sr. Prefeito de proibir o tráfego de veículos sôbre os passeios, pois, se isto é proibido às bicicletinhas de colegiais, como admitir-se a infração a enormes caminhões carregados, a taxis e carros de passeio? Ah! Os enormes problemas desta cidade que foi feita para os palanquins e está invadida pelos MGM de dez toneladas!

★

CORREIO PARA LIZARDA



E' vertiginoso o progresso nacional através do serviço dos Correios. Não podemos queixar-nos do trabalho que os Correios prestam ao povo brasileiro. As faltas eventuais, os lapsos momentâneos, os desvios de uma ou outra correspondência, não significam má administração dêsse serviço incontestàvelmente digno de louvores. Somos um povo pobre, de civilização em estado de crescimento, sem cultura generalizada, sem esclarecimentos necessários a uma cooperação com o mundo oficial. De ordinário só sabemos reclamar, censurar, dizer mal do govêrno. Já se chegou a êsse estado de inclinação anárquica: «tudo o que é do govêrno é ruim». O serviço postal é do govêrno, e é serviço geralmente bom. Sempre que há defeitos, as causas não residem, exatamente, no serviço da administração postal. Concorrem para isso outros fatôres cujas origens não estão sob a superintendência dos Correios. E sempre que a culpa é dos Correios, sua administração procura consertar o mal feito. Justiça seja feita. E os carteiros? Já analisou o leitor o que fazem êsses modestos servidores públicos para servir bem a todos os que se servem do serviço postal? Uns heróis. Vem-nos agora de Goiás uma notícia curiosa, para a qual chamamos a atenção do Diretor Geral dos Correios. Segundo divulga a Agência de notícias, «Asapress», há naquele Estado uma cidadezinha progressista denominada Lizarda, que está absolutamente isolada do resto do Brasil por falta de serviço postal. A mais próxima agência fica a 300 quilômetros de distância! Se uma pessoa desejar escrever a qualquer pessoa de Lizarda, terá que mandar por avião a sua carta, e, quando esta fôr distribuida na agência mais próxima (cinqüenta léguas!), deverá o missivista pagar Cr$ 500,00 a um «positivo» para levá-la ao destinatário residente em Lizarda! Como vemos, é muito dinheiro para uma carta que não é de cobrança... Se a notícia é verdadeira, cumpre à Administração dos Correios criar, imediatamente, uma agência naquela cidade, embora incorra na campanha difamatória dos «positivos»...

★

AZAR DE MALANDRO



Muitas vêzes, quando uma pessoa vai a delegacia policiais para falar ao titular do pôsto e não o encontra lá, fica amolada e resmunga: «Ora bolas! Eu precisava tanto conversar com o dr. delegado!» E' que o delegado tem outras ocupações, precisa atender assuntos de interêsse privado, visitar o chefe, prestar contas de suas atividades, fazer compras e gozar de alguns momentos de lazer. Que diabo! O serviço de uma delegacia de polícia não é brincadeira. E' estafante. Cada vez cresce mais o número dos que vivem com o intuito de dar trabalho ao delegado, ao comissário, ao plantão, à ronda. E nada mais intolerável do que um meliante aperfeiçoado. Que cinismo! Que habilidade para dissimular, mentir, negar corpo, confundir a autoridade! Pois fiquem sabendo os que não gostam de perder suas idas aos distritos policiais a fim de falar pessoalmente ao delegado, que, essas autoridades deviam andar mais por fora das suas sedes do que ficar algumas horas nas mesmas. Veja o leitor o que acaba de suceder numa viagem de barca entre o Rio e Niterói, num dia da semana passada. Um gatuna que estava agindo no Rio, vindo de S. Paulo, ia à capital fluminense procurar «trabalho», quando, ao seu lado sentou-se um cidadão de aparência matuta. O ladrão tirou uma linha e entrou forte: «O senhor me desculpe, doutor, mas eu estou precisando vender uma jóia de estimação de minha mãe. Vale cinqüenta mil cruzeiros, mas eu deixo por quinze. Ia a Niterói botá-la no prego, mas, o senhor pode salvar-me». E tirou do bolso uma jóia lindíssima, de ouro e brilhante. O «doutor» pegou no broche e passou a pensar em coisas. Tudo certo, êle ficou de, logo que saltassem, ir buscar dinheiro em casa. Mas, com jeitinho de matuto, foi levando o gatuno até à delegacia e ali o prendeu. O meliante, como consolação disse apenas isto: «Fui pegado; mas a culpa é do senhor, que não tem cara de delegado, e sim de otários. Que belo serviço!

A PERSONAGEM DA SEMANA

EMPOLGANTE prova de cultura político-associativa apresentou a Associação Comercial do Distrito Federal, com o pleito para a eleição de seu presidente, a 29 de maio último. Dois candidatos se apresentaram à luta eleitoral: o Dr. Carlos Brandão, ex-presidente do Rotary, engenheiro civil, diretor da Casa dos Expostos desde 1930, tendo ocupado elevados cargos de direção e grande responsabilidade, como sucedeu com a Companhia Nacional de Mineração de Carvão de Barro Branco, da qual foi o seu primeiro presidente; em 1933 fundou a SOMIL (Sociedade Mecânica para Indústria e Lavoura) dando a essa organização a maior amplitude e eficiência. Pelos seus dotes de administrador, inteligência criadora e probidade em seus atos e atitudes, amigos e consócios levantaram sua candidatura à presidência da Associação Comercial, pois, conforme declaração do próprio Sr. João Daudt Oliveira, não tinha S. S. o desejo de reeleger-se. A outra corrente apresentou para o cargo outro brasileiro digno sob todos os aspectos: Antônio Ribeiro França Filho, que se iniciara nas lides comerciais em 1922, como auxiliar da firma França & Cia., proprietária da Confeitaria Colombo, então dirigida pelo seu pai. Em 1932, fundava o Sindicato dos Lojistas, do qual foi presidente. Um dos fundadores da União dos Sindicatos Patronais, ex-deputado classista pelo comércio e rotariano. Como vemos, duas autoridades dignas da investidura, ambos nomes que, postos na balança das preferências, oscilaria o ponteiro como que a repetir o pensamento francês: "Entre les deux mon coeur balance". As duas candidaturas arregimentaram cêrca de 1.300 sócios, que, sob a presidência do deputado José Augusto, colocaram seus votos na urna, saindo vencedor o Dr. Carlos Alberto Brandão Marina de Oliveira, por 96 votos. Decorreu a competição eleitoral num ambiente de elevada educação associativa, honrando as tradições daquela instituição e consagrando os dois nomes que mediam fôrças na arena das pugnas democráticas, como elementos da mais alta consideração social, que, automàticamente é o presidente da Confederação das Industrias do Brasil, as saudações da REVISTA DA SEMANA.



Dr. Carlos Brandão

BODE EXPIATORIO





BAILARINOS em trajes regionais executam o «Dambo», dança típica da Suécia, que se executa em pleno campo à luz do sol.



O MESTRE fabricante de pentes. Aqui está o interior de uma das antigas oficinas de artesania em Skansen, com seu velho operário.



CELEBRAÇÃO do solstício estival em Skansen, com baile ao redor do maio, motivo folclórico de grandes e ricas tradições.

"SKANSEN"

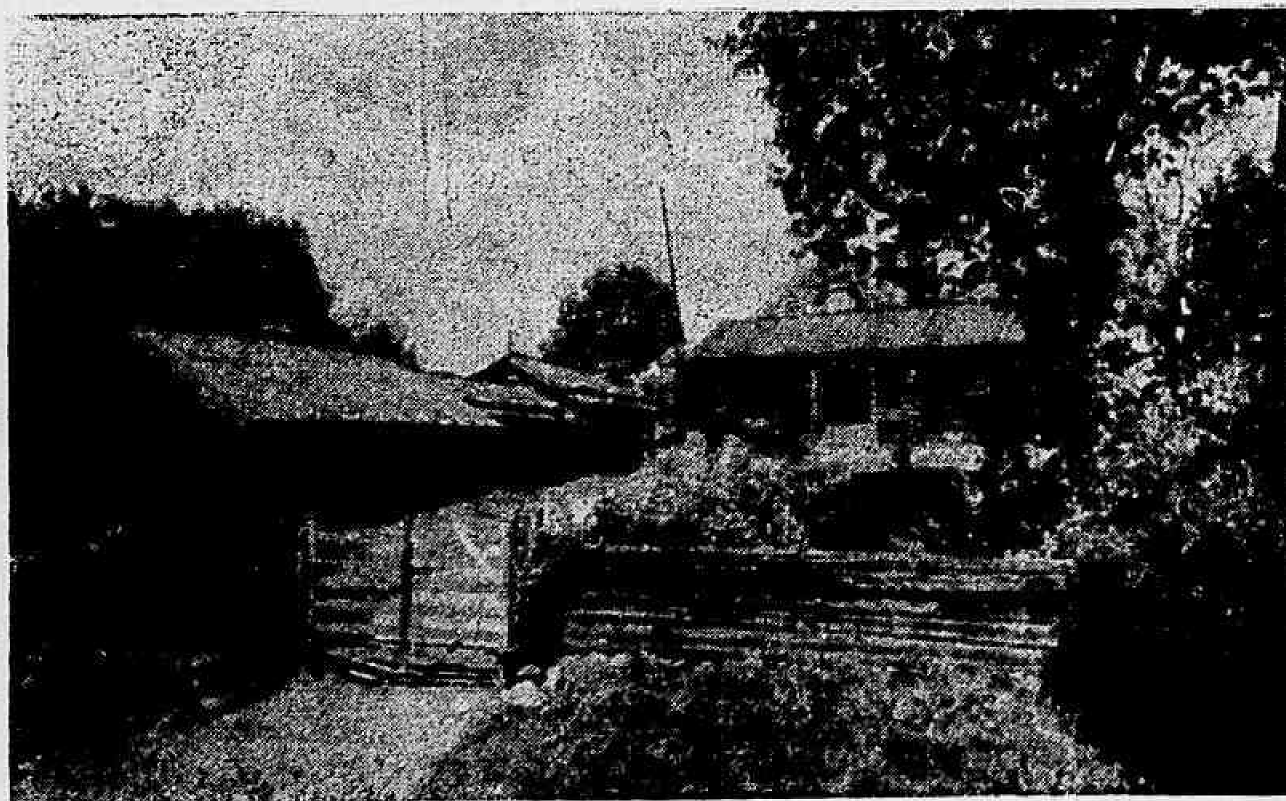
UMA SUÉCIA EM MINIATURA

AO longo de tôda a margem norte da entrada por mar para a capital sueca se estende uma frondosa ribeira, cuja variada edificação de mansões patrícias e casas modestas é interrompida de vez em quando por um cais para pequenas embarcações, por um estaleiro, por barcos em desuso ancorados e por pavilhões cintilantes de guirlandas de luzes multicores em parques de diversões. Esta é a fachada que exibe para o mar "Kungliga Djurganden" (antiga denominação sueca que, traduzida literalmente, significa "O Parque Real de Animais"), em outros tempos zona reservada para as caças reais; e, lá dentro, onde antigamente veados e lebres pasciam a resguardo de tôda ameaça, exceto dos caçadores da côrte do rei, a abrigada edificação é suplantada pelo velho parque de estilo inglês, com gigantescas árvores de cerrada folhagem e por prados verdejantes. Existe também um sítio montanhoso e foi alí que se instalou esta Suécia em miniatura que se denomina "Skansen", nome proveniente de uma pequena fortificação do século XVII. Um notável museu ao ar livre, um jardim zoológico, um sítio para a celebração de festas e vários restaurantes e cafés: eis aí a quádrupla combinação que deu origem em "Skansen" a esta atmosfera especial tão familiar à maioria dos suecos e que tão rapidamente prende os forasteiros visitanets, em um pequeno país como a Suécia os visitantes, que anualmente em número de dois milhões ou mais afluem à Suécia, equivalem a quase uma terça parte da sua população. A instituição foi projetada originariamente como dependência do Museu Nórdico, cujo edifício de contornos de castelo está situado ao pé da montanha junto à ponte que conduz ao centro da capital; e a estreita vinculação continua, mas, no conceito público, "kansen" passou ao primeiro plano e de forma tal que seus visitantes são quase vinte vêzes mais numerosos do que os da fundação mater. O Museu Nórdico e Skansen" foram criados ambos por Arthur Hazelius, que, em 1870, abandonou o exercício do magistério e se consagrou inteiramente à missão de conservar para uma época vindoura o conhecimento da velha cultura que a era das estradas de ferro, das indústrias e dos múltiplos adiantamentos técnicos ameaçava fazer desaparecer. O próprio Hazelius e seus colaboradores percorreram a miúdo a Suécia e os países vizinhos comprando ou pedindo ferramentas, móveis, e vestimentas que datavam de tempos quando os aldeões e artesães careciam dos recursos modernos e cada lar no campo formava uma coletividade isolada que, na maioria, se bastava a si mesma. Quando expostos, os seus achados despertaram grande interêsse entre o público, graças, antes de tudo, ao empenho de Hazelius de apresentá-los em ambientes naturais e evitar quanto possível a disposição artificial e rígida dos objetos que antigamente se estiolavam nos museus. Foram muito apreciados os interiores que exibiu na Exposição Mundial de Paris de 1878, onde figuras de cêra, ataviadas em trajes regionais, se agrupavam em tôrno a um tema ao qual móveis e utensílios domésticos davam colorido.

Este sistema de exposição conduz finalmente à reconstrução íntegra da granja, com moradores, animais domésticos e cultura, tratando-se assim de reproduzir, na medida do possível, as suas atividades. Havia bastante tempo abrigava Hazelius planos desta espécie e, em 1891, deu corpo à sua idéia adquirindo uma parte de "Skansen" atual e levantando alí vivendas características de partes distintas da Suécia. Assim nasceu o primeiro museu ao ar livre do mundo que, mais tarde, serviu de modêlo para estabelecimentos análogos em muitos países. Porém o fundador não se limitou a procurar casas típicas e no possível também propriedades inteiras para "Skansen"; bem cêdo dirigiu seus afans em várias outras direções. Transcorridos alguns anos começou a surgir alí um parque com animais que não deveria ser um jardim zoológico comum; era reservado para a fauna nórdica e serviria ao mesmo tempo de asilo a espécie fortemente dizimadas e ameaçada pela extinção. O grupo de uros (bizões europeus) que, durante a primeira guerra mundial, foi trazido da Polônia para a Suécia e abrigado em "Skansen", constitui o exemplo mais cloquente dêste trabalho de proteção. Com o fim de despertar a atenção para as atrações de "Skansen", Hazelius organizou grandes espetáculos nos quais figuravam elas como elementos do cenário. Êstes espetáculos tomavam geralmente caráter de desfiles históricos, situando-se a ação em uma granja da época correspondente. Também éram incluidos nos programas jogos e danças regionais que, então, com música de violinos e instrumentos folklóricos, cujos executantes haviam trazido a tradição até à era moderna, despertaram novo e vivo interêsse. Em uma época quando a evolução do ensino e as comunicações e, sobretudo, a intensa influência da imprensa e do rádio, diminuiram e até fizeram desaparecer as diferenças idiomáticas dentro do país, eliminando as formas dialetais "kansen" vem contribuindo para perpetuar os dialetos, apresentando velhos cronistas de distintas províncias suecas com seus contos quase sempre saborosos e fortemente coloridos.

O aspecto sempre diferente do museu ao ar livre nunca deu oportunidade a que esfriasse o interesse do público; e tôda a Suécia se acostumou a vir a "Skansen" em busca de diversão e recreio. O estabelecimento não faz ostentação de suas ambições culturais; mas são as suas funções ocasionais o que atrás o visitante. Se alguem gosta de música assiste aos concertos de orquestras ou solistas dos de maior fama do país. Se alguem gosta de teatro, há durante o verão representações ao ar livre, com um repertório que alterna peças líricas populares com obras de Shakespeare. A mocidade, anciosa por danças, satisfaz plenamente seu desejo sôbre a grande pista onde uma conhecida orquestra de Jazz toca as últimas novidades: acontece, porém, suceder que dalí muitos se dirigem para uma pista reservada para os bailes de outra época, como "schottisch", "jambo", etc., lugar no qual com freqüência um cunjunto de bailarinos vestindo trajes regionais executa com caráter de exibição danças típicas antigas e de figuras mais complicadas. Com a dança tradicional, celebram-se em "Skansen" os grandes festivais do ano. Na noite de Valpurgis (30 de abril) é saudada a primavera com fogos e desfile de estudantes, com seus brancos gorros de bacharel; para o solstício estival levanta-se o mastro de maio, revestido de folhas e flores, dança-se em círculo ao seu redor; mas, o acontecimento mais importante é a feira que começa algumas semanas antes do Natal, quando milhares de pessoas circulam pela rua do mercado e quando se negocia fortemente com objeto para adorno e para presente de Natal e de Reis, consistentes de produtos característicos da artesania pro-

(Cont. na pág. 45)



CONJUNTO de casas que constituem uma residência campesina característica das provincias do norte da Suécia, no século XVIII. Aí residem famílias de origens várias vêzes seculares.



ALGUNS dos integrantes mais populares da fauna nórdica, hospedados no jardim zoológico de Skansen. São ursos mansos, e a sua presença nesses zoos é motivo de alegria para o povo

PUXE PELO CEREBRO

NOSSA PAGINA DE TESTES — OS SEIS PONTOS DA CULTURA

Nenhuma resposta certa ...	Estado primitivo	Homem-macaco
De 1 a 3	Cultura inferior	Selvagem
De 4 a 10	Cultura média	Estudante ginasial
De 11 a 15	Cultura superior	Universitário
De 16 a 19	Genial	Um sábio
Tôdas as vinte		O gênio em pessoa

1 — QUAL O ESTADO DO BRASIL DE MAIOR AREA EM QUILÔMETROS QUADRADOS:

Amazonas?
Pará?
Mato Grosso?

2 — QUAL O ESTADO BRASILEIRO DE MAIOR POPULAÇÃO:

Minas Gerais?
S. Paulo?
Rio Grande do Sul?

3 — QUE NOME TEM A CAPITAL DO TERRITÓRIO DO ACRE:

Boa Vista?
Pôrto Velho?
Rio Branco?

4 — QUANTAS AS CIDADES DO BRASIL QUE TÊM MAIS DE UM MILHÃO DE HABITANTES:

Uma?
Três?
Duas?

5 — QUANTOS METROS TEM UMA MILHA MARITIMA:

2.000?
1.852?
1.670?

6 — QUANTOS CENTÍMETROS TINHA A ANTIGA MEDIDA CHAMADA «CÔVADO»:

Cinqüenta?
Trinta e três?
Sessenta e seis?

7 — QUAL É O PÊSO DE UM QUILATE:

1 gramo?
199 miligramos?
1,50 miligramos?

8 — QUANTOS SÃO OS MARES QUE BANHAM O BRASIL:

Um?
Três?
Dois?

9 — QUE SIGNIFICA NO CÓDIGO NACIONAL DE TRÂNSITO UMA PLACA DE FUNDO AZUL COM UMA PIRÂMIDE BRANCA AO CENTRO:

Ponto de estacionamento?
Curva à direita?
Devagar e atenção?

10 — QUAL É O MAIS ALTO EDIFÍCIO ATUALMENTE EXISTENTE NO BRASIL.

«A Noite», no Rio?
«Banco do Estado de São Paulo»?
«Edifício Darke», no Rio?

11 — QUANDO É MEIO-DIA NO RIO DE JANEIRO, QUE HORAS SÃO EM BUENOS AIRES:

Duas da tarde?
Dez horas e 36 da manhã?
Ou onze e meia?

12 — QUAL A DISTANCIA EM QUILÔMETROS, POR VIA AÉREA, ENTRE O RIO E S. PAULO:

450?
301?
373?

13 — QUANTAS MILHAS MARITIMAS HÁ ENTRE O RIO E MANAUS:

2 mil?
3.678?
3.156?

14 — EM QUE CIDADE DO LITORAL BRASILEIRO HÁ UMA VELHA FORTALEZA CHAMADA DO «BURACO»:

Recife?
Bahia?
Natal?

15 — COM QUANTOS PAISES SE LIMITA O CANADÁ:

Um?
Três?
Dois?

16 — QUAL DÊSTES PAÍSES TEM LIMITES COM A RÚSSIA:

Suécia?
Dinamarca?
Noruega?

17 — A QUE NAÇÃO PERTENCE A GRANDE ILHA DE MADAGASCAR:

À Inglaterra?
À Portugal?
À França?

18 — QUE NOME TEM A CAPITAL DA AUSTRALIA:

Canberra?
Melbourne?
Sidney?

19 — EM QUE PAIS FICA A GRANDE BAHIA DE HUDSON:

Nos Estados Unidos?
Na Inglaterra?
No Canadá?

20 — A QUE PAIS PERTENCE A GROENLANDIA:

Inglaterra?
Dinamarca?
Noruega?

(Respostas na página 50)

Casada ou Solteira

Quando levar uma quéda, um susto ou tiver raivas, quando receber uma notícia má, que cause tristeza e aborrecimento, sempre que se sentir nervosa, triste, zangada e mal disposta, lembre-se que certos órgãos internos das mulheres se congestionam e se inflamam com muita facilidade, bastando para isto um abalo forte, uma comoção violenta, um resfriamento ou alguma imprudência.

Aos primeiros sintomas de congestão e inflamação dêstes importantes órgãos útero-ovarianos use *Regulador* **Gesteira**.

Faça sempre assim que evitará muitas doenças perigosas

Use *Regulador* **Gesteira**

Regulador **Gesteira** trata os padecimentos nervosos produzidos pelas moléstias do útero, pêso no ventre, dôres, cólicas e perturbações da menstruação, debilidade, palidez e tendência a hemorragia, provocadas pelos sofrimentos do útero, tristezas súbitas, palpitações, tonturas, pêso, calor e dôres de cabeça, enjôos, dôres nas cadeiras, pêso e dormencia nas pernas, falta de ânimo para fazer qualquer trabalho e tôdas as perigosas alterações da saúde causadas pelas congestões e inflamações do útero.

Regulador **Gesteira** evita e trata estas congestões e inflamações internas e as complicações provenientes destas inflamações

Comece hoje mesmo
a usar *Regulador* **Gesteira**

SAIRÁ EM JULHO!

O Álbum de A CENA MUDA

3.º NÚMERO - EDIÇÃO DE 1951

COM OS FAMOSOS ASTROS DA ATUALIDADE

CINEMA
RÁDIO
TEATRO
MÚSICA

MATÉRIA INTEIRAMENTE NOVA

— Dezenas de fotografias em tamanho grande, coloridas e numa só côr.

— Biografias completas no verso de cada foto.

— Vários artigos assinados por competentes críticos de cinema, rádio e música.

— Noventa e seis páginas, inclusive 4 de bom humor.

RESERVE DESDE JA' O SEU EXEMPLAR

BANCA DE JORNAIS DE SUA CIDADE

O RELÓGIO DA ERA ATÔMICA

NÃO TRABALHA, APENAS MARCA AS HORAS; NÃO TEM MÁQUINA E NÃO PRECISA DAR CORDA ★ SEMELHANÇA COM A BÚSSOLA: COLOCAM-SE OS PONTEIROS E ÊLE INDICA AS HORAS, INFALIVELMENTE ★ PODE SER FABRICADO A BAIXO CUSTO E PROVOCAR UMA "DEBACLE" NA INDÚSTRIA RELOJOEIRA SUIÇA. —

— Alô! Pronto. REVISTA DA SEMANA.

— ....

— Quê?!

— ....

— ...que trabalha só com os ponteiros?!...

— ....

O SECRETÁRIO (à parte): — Vejam vocês! Que dia é hoje?! Um cidadão diz que inventou um relógio sem máquina. Deve ser algum pobre coitado que fugiu de Jacarepaguá.

E de novo ao telefone:

— Como é mesmo... O sr. inventou um relógio que trabalha sem máquina?

— ....

— Como?! E' só colocar os ponteiros e êle indica as horas?!...

— ....

— Está bem...

— ....

— Como?! Vai mostrar o relógio ao Prefeito?!...

— ....

— Sim. Eu vou mandar um repórter...

★

Vinte minutos depois chegávamos ao hotel onde o inventor do relógio estava hospedado. Curiosos, negociantes do ramo e jornalistas lá estavam, todos admirando o relógio sem máquina.

Decididamente, o secretário se enganou; o homem não é louco, não, pensamos quando nos foi apresentado o inventor.

Chama-se Sanguino Alves da Silva. E' filho do sr. Fernando Alves da Silva e Amara Alves da Silva (já falecida). Nasceu a 7 de setembro de 1921, na cidade de Angatuba — Estado de São Paulo. Cursou até o terceiro ano primário. Aos 10 anos já trabalhava para ajudar a família. Seu pai é seleiro, profissão que também exerceu por algum tempo. Depois foi soldado de polícia, telefonista do Exército, picotador de *dancing*, padeiro, ferreiro, dactilógrafo e radiotécnico.

Quando telefonista do Exército, começou a se interessar por eletricidade. Estudou um pouco de radiotelegrafia. Matriculou-se, oportunamente, na National Schools do Uruguai, num curso de radiotécnico por correspondência, não chegando a concluí-lo. Com os conhecimentos adquiridos passou a trabalhar de graça com o intuito de praticar. Montava aparelhos de rádio, de transmissão e recepção. E deu para se interessar pelo rádio.



O INVENTO TEVE origem visto o funcionamento de uma vitrola.

Saindo do Exército foi para a polícia. Sentou praça na Fôrça Pública de São Paulo. Serviu em Sorocaba e em Santos. Demorou pouco na polícia. Cedo, reconheceu que não era aquela a sua vocação. Aos 22 anos foi picotador num *dancing* em Santos. Três meses depois voltou para São Paulo, onde teve oportunidade de ampliar seus conhecimentos de eletricidade.

— "Quando trabalhava no *dancing* — diz Sanguino — todo mundo pensava que eu estava "com tudo". Moço, no meio do mulherio, vivendo no próprio *dancing* em que trabalhava, tinha muita probabilidade de divertir-me. Mas, ninguém sabia que eu trabalhava das 9 às 4 horas da madrugada como picotador e já às 10 horas da manhã estava numa oficina de rádio, para fazer uns biscates. O dinheiro servia para comprar livros e pagar um curso de radiotécnico. Foi aí que peguei mesmo a mania do rádio e fiz a minha estação de radioamador, a Py2 — ANX."

"Certo dia — prossegue Sanguino — fiquei observando uma vitrola que funcionava... e assim me veio a idéia do re-



O JOVEN inventor — Sanguino Alves da Silva num «close-up», vendo-se em cima o «Sanasil-Jantu», relógio que inventou e que trabalha sem máquina. Em se colocando os ponteiros, êle indica as horas, infalivelmente.



SANGUINO, quando, no Palácio Guanabara, mostrava ao Prefeito do Distrito Federal, dr. João Carlos Vital, o seu invento que está revolucionando a indústria relojoeira.



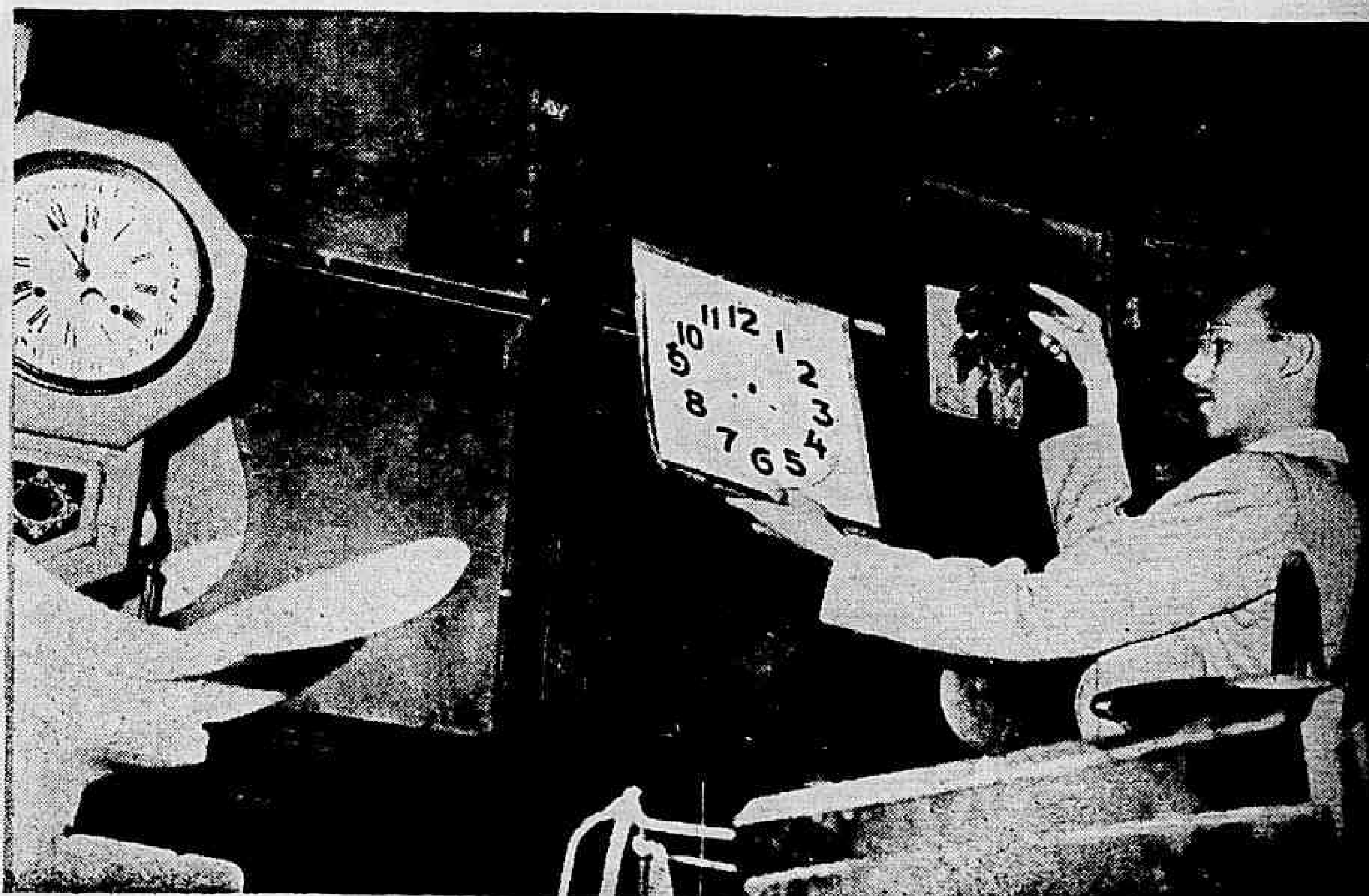
DURANTE a sua estada no Rio de Janeiro, o jovem inventor visitou vários estabelecimentos do ramo e fêz confronto com outros relógios. Nenhum entretanto, se assemelha ao seu



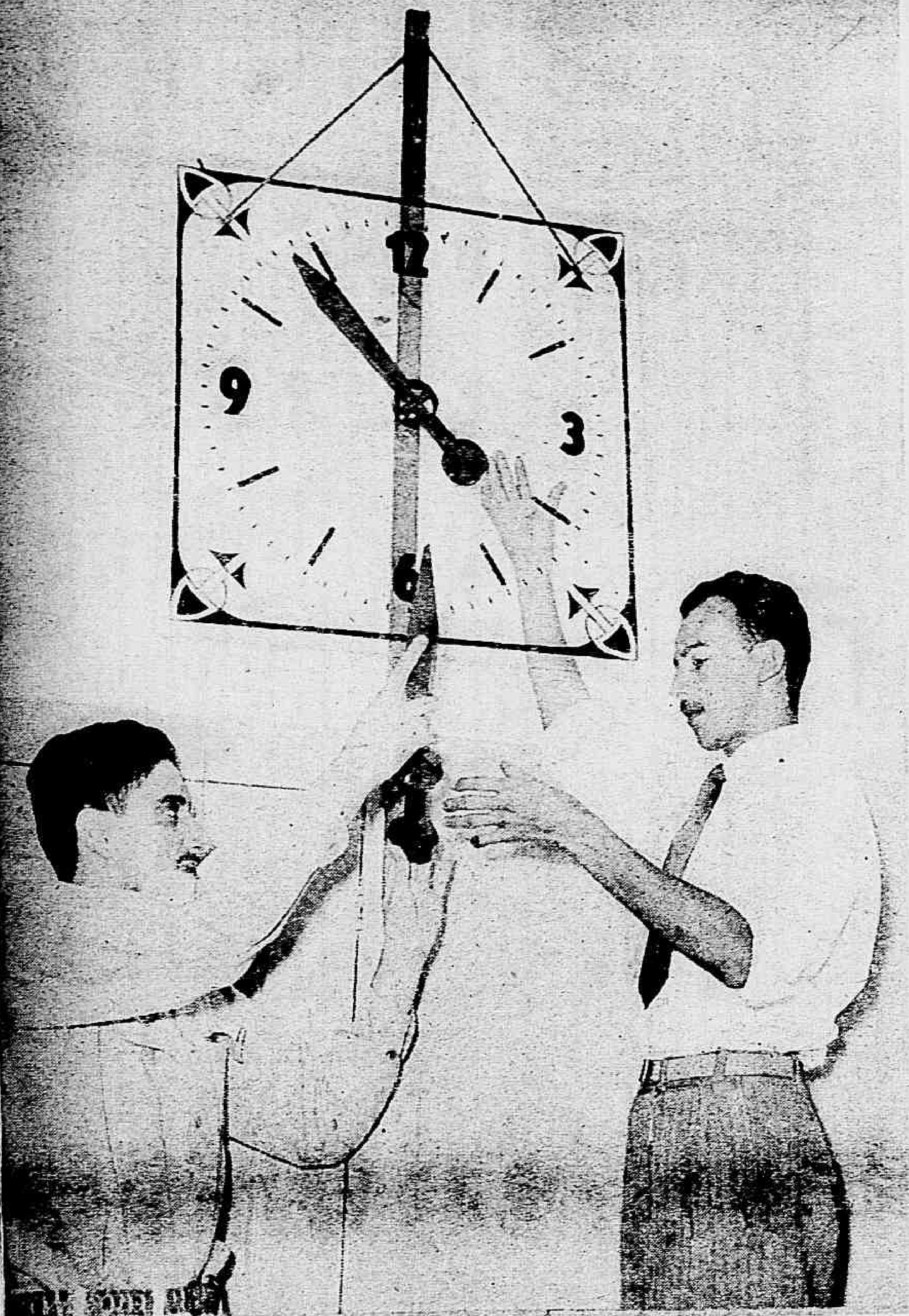
«POSSO APERFEIÇOAR o meu invento a ponto de superar tôdas as marcas de relógios existentes» — declara o inventor, que na foto aparece examinando o maquinismo dêsse original relógio de parede. Outros tipos estão expostos, inclusive delicados cronômetros de bôlso e de pulso. As grandes firmas do Rio estão interessadas no segrêdo do novo e «sui generis» relógio do sr. Sanguino.



A «HORA CERTA» pelo telefone é um fato. No estabelecimento da firma, Sanguino é recebido pelo sr. Maurício de Souza, vice-presidente da Cia., Aparecem ainda na foto os srs. Miguel Hamaty, Péricles Neiva e João Santos.



NAO ADIANTA comparar. Não há nenhuma semelhança com o «Sanasil-Jantu». Todos os relógios do mundo têm maquinismo. Apenas o seu trabalha sem máquina e sem corda.







A PRINCÍPIO ninguém acredita, mas não custa nada vêr. Vêr para crêr — como S. Tomé. Coloca-se o 1º ponteiro e, semelhante à bússola, êle indica logo as horas, infalivelmente.

DEPOIS, coloca-se o segundo e tem-se os minutos. Não há truque. O repórter estêve 3 horas com o inventor e assistiu ao marcar das horas pelo novo relógio. Todavia, tudo indica que o segrêdo está nos ponteiros.

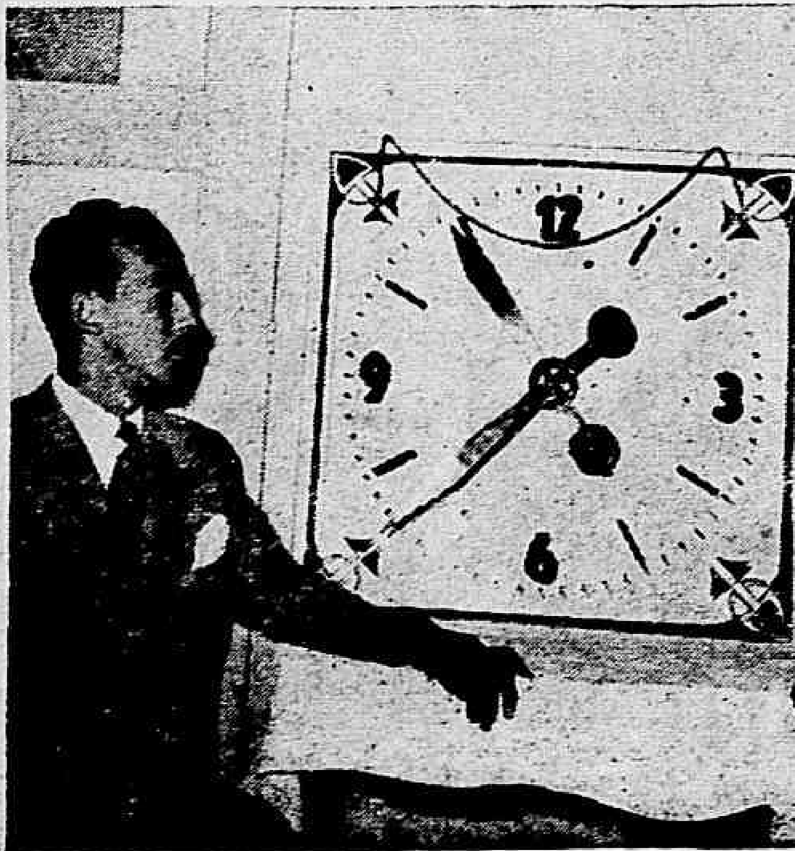
lógio sem máquina. Virei o aparelho de lado. Observei bem o movimento das peças em funcionamento. A coisa ficou na minha cabeça. Não saiu mais. Passei a idéia para o papel. Fiz vários desenhos. Durante mais de 2 anos dediquei-me a aperfeiçoar êsses desenhos. Quando tudo me pareceu perfeito, passei a comprar material para fazer os ponteiros. O dinheiro era pouco para gastar com o invento que, a princípio, considerava um divertido passatempo. Interrompi os trabalhos. Tentei alugar uma loja para instalar uma oficina. As "luvas" eram altas e o dinheiro não dava. Falei com Py5 — RR de Rio do Sul e com Py5 — QY, que agora está em Pôrto Alegre. Tinha feito amizade também com a Py5 — QJ, de Brusque. A Py5 — RR me convidou para montar a oficina em Rio do Sul, onde as lojas eram mais baratas.. Eu fui. A Py5 — RR é de propriedade do sr. Raulino Rosário; a Py5 — QY é do sr. Edgard Schramm; e a Py5 — QJ é do sr. João dos Santos. Em Rio do Sul, até certo ponto, tudo correu bem. Depois os negócios pioraram. A convite de João dos Santos fui para Brusque. Meu patrimônio era um alicate e uma chave de fenda. Recomecei de novo. O João dos Santos comprou um ferro de soldar, mas estava quebrado. A indústria de consertos ia mal..."

Tomando a palavra, narra agora João dos Santos, que ouvia o relato de Sanguino:

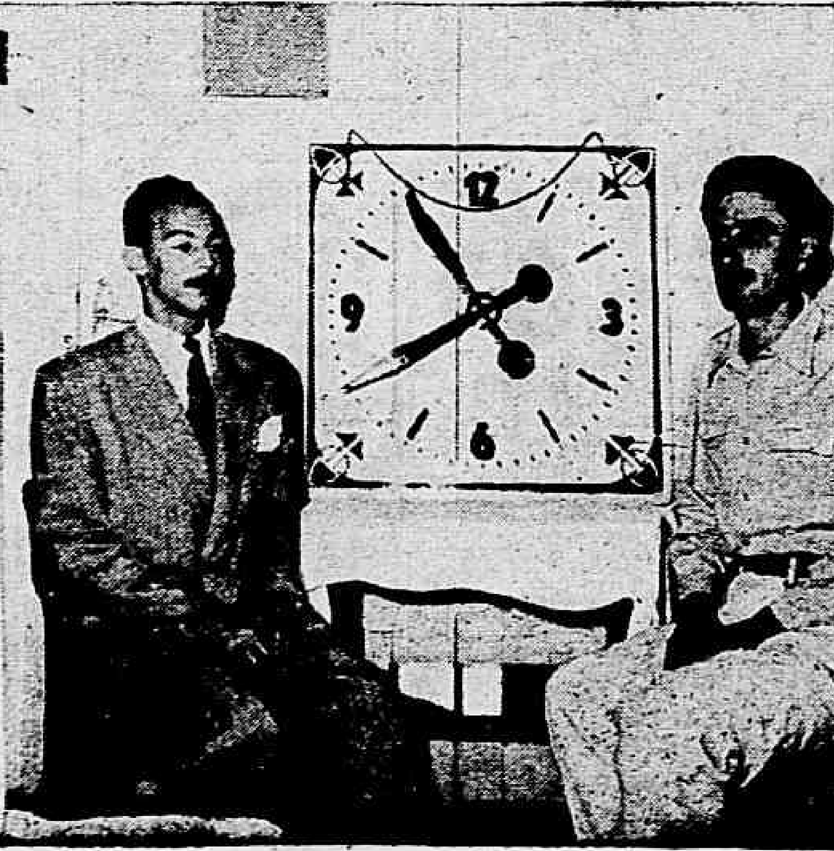
— "A gente estava nessa agonia quando êsse homem me diz: — "Olha, eu tenho um relógio que pode dar uns dez contos. Arranja-me 500 cruzeiros para comprar material para o ponteiro grande, que eu já tenho tudo para o ponteiro pequeno". O amigo assustou-se. Comentou com os amigos que o Sanguino estava maluco, ou queria dar-lhe um golpe de 500 pratas.

"A desconfiança persistiu até que um dia o inventor apareceu com o ponteiro pequeno pronto e fêz uma demonstração. João dos Santos ficou boquiaberto. Movimentou-se. Arranjou os 500 cruzeiros. O inventor completou a obra. Escreveram a várias firmas do Rio. Não receberam resposta. Em 1950 vieram ao Rio tratar do registro. Encheram a papelada. Receberam os cartões de protocolo. Voltaram para Brusque. Com o auxílio do sr. Luís

(Cont. na pág. 45)



MUITAS propostas têm sido feitas ao inventor. Êle, porém, ainda não se decidiu a revelar o segrêdo do seu invento. Apenas diz que é simples..



MAS ATÉ descobri-lo, gastou oito anos de pesquisas e experimentações. À direita, o sr. João dos Santos que muito o tem ajudado.

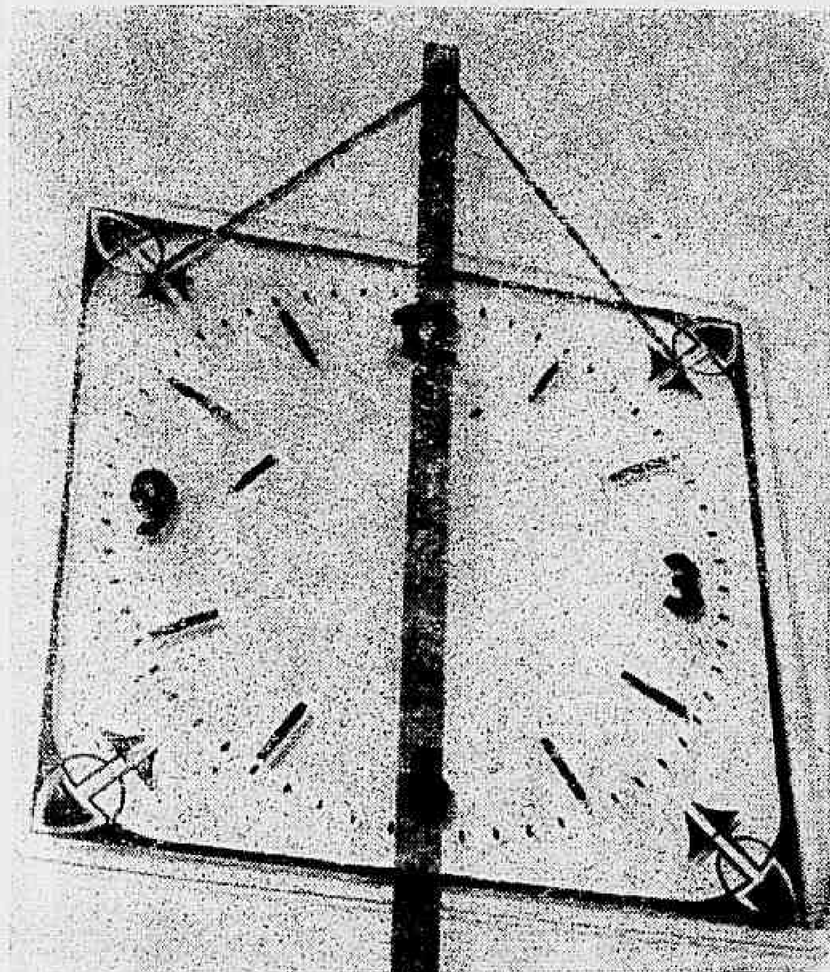


SANGUINO, recebe um telefonema. Naturalmente alguma proposta vantajosa para que êle revele o segrêdo do «Sansil-Jantu»

O RELÓGIO DA ERA ATOMICA



NA SECÇÃO de informações da «Hora Certa», Sanguino acerta o seu relógio de bôlso consultando essa morena simpática.



O «SANASIL-JANTU» sem nenhum ponteiro. Apenas o mostrador de vidro. Muito simples o novo relógio.



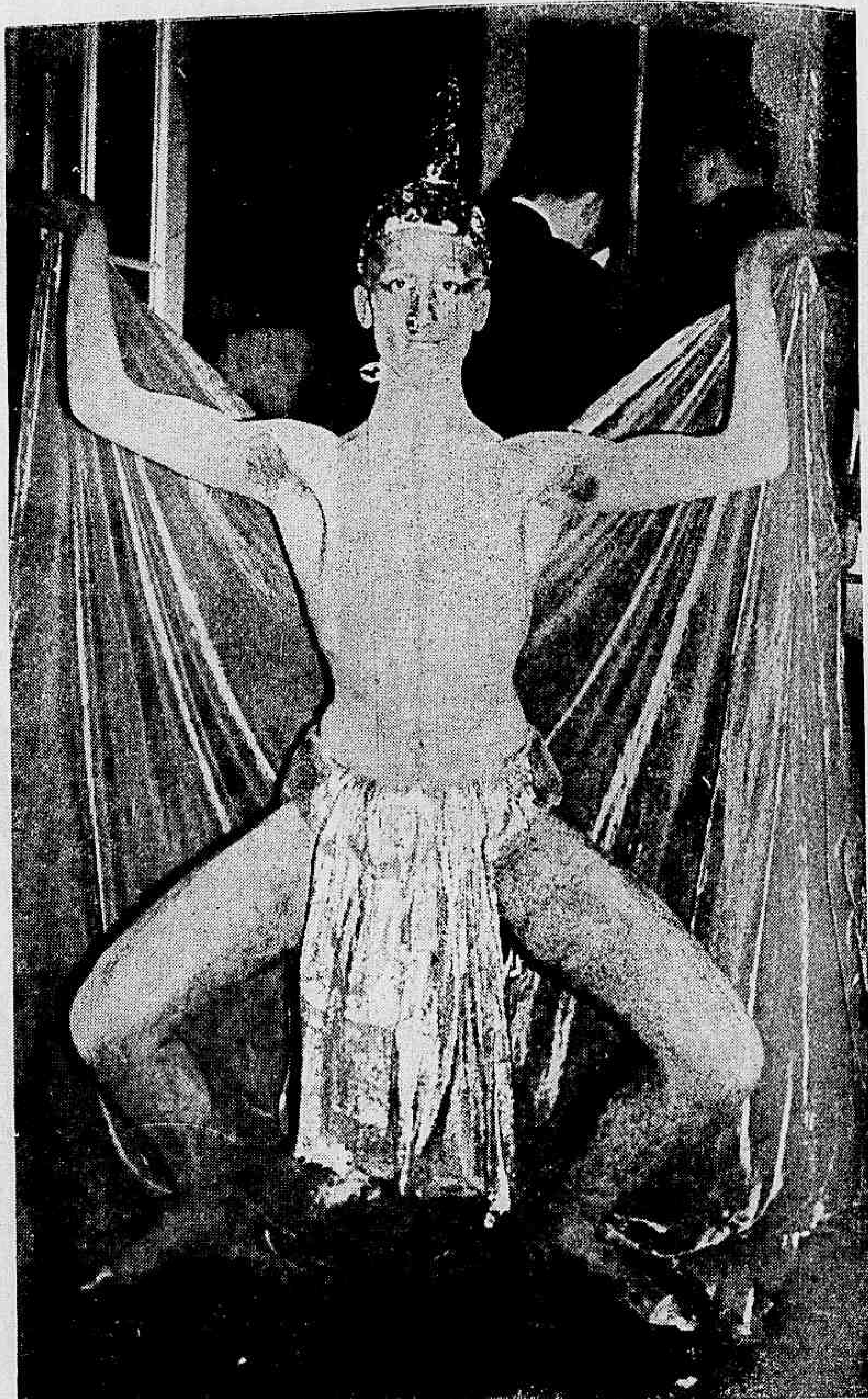
O APERFEIÇOAMENTO do «Sanasil-Jantu» poderá chegar a um ponto em que em qualquer parte se possam ter as diferentes horas do mundo.

SANGUINO coloca os ponteiros do seu relógio, na exibição que fêz ao sr. João Carlos Vital, no Palácio Guanabara.





ÊLES próprios não sabem de que estão fantasiados; talvez de zebras — mas foram assim, fosforecentes e fantasmagóricas, as roupagens com que os três foram ao Baile dos Sonhos.



PRIMEIRO prêmio de luxo e originalidade entre as fantasias masculinas. O desfile da Liga dos Estudantes de Arte de Nova York estendeu-se por 2 horas, sendo filmado e televisado.

UM BAILE NO WALDORF

A IMAGINAÇÃO GALHOFEIRA DOS ESTUDANTES DE NOVA YORK ★ BODAS DE DIAMANTE E EXCENTRICIDADE DE GENTE MOÇA.

HÁ na cidade de Nova York uma associação mantida pelos estudantes de Arte, a qual conta com elevadíssimo número de filiados. Os norte-americanos são um povo amante das idéias associativas e, qualquer núcleo que se o ganize naquele país, tendo como fundamento a reunião de pessoas para determinado fim humanitário, diversional, esportivo, cultural, etc., podem estar certos os seus fundadores de que a instituição irá para a frente.

Há setenta-e-cinco anos foi fundada naquela grande cidade a Liga dos Estudantes de Artes, em cujo programa, há a festa anual denominada "Baile dos Sonhos", à qual acorrem milhares de associados e convidados para uma noitada verdadeiramente de folia e... arte de divertir.

Foi o que sucedeu agora com o transcorrer das bodas de diamantes da Liga. O local para a festança foi o famoso e luxuoso Waldorf Astória, de Nova York. Muito antes da realização do baile, já estavam esgotadas tôdas as entradas e ultrapassado o número de convites.

A característica dessa festa de aspecto carnavalesco pela liberdade de fantasia, é o irrestrito direito que todos os concorrentes têm de apresentar-se como bem imaginar, por mais extravagante que seja a fantasia ideada, por mais exótico que seja o indumento. Naquele baile poderia a nossa Luz del Fuego aparecer apenas com uma cobra em volta do corpo, que estaria muito bem "vestida". Mas não há apenas a tendência para o escândalo através do nudismo. Grande parte dos festejadores leva meses pensando na fantasia.



ÊSTES exibiram os trajes mais grotescos da noite — roupas também inexplicáveis. Mas tudo era parmitido, por mais extravagante, «sumário» e «escasso», na festa do Waldorf Astória

E como, de ordinário, são estudantes pobres, gastam tudo o que possuem na confecção de fantasias originais, de efeito surpreendente e capazes de imortalizá-los.

Há ainda os que envergam fantasias tão absurdas que os próprios donos das mesmas não sabem definir com exatidão o que seja aquilo. Neste ano, por exemplo, apareceram algumas dêsse teor. Não se sabia se eram zebras, condenados de Sing-Sing ou algum animal desconhecido dos zoólogos. Mas houve outros que alcançaram sucesso inolvidável, conquistando o primeiro prêmio e outros de menor categoria.

O desfile dos fantasiados levou mais de duas horas diante de uma assistência entusiasta e curiosa. Tudo foi filmado e televisionado, para que ficasse registrado no celulóide como uma das festas mais sensacionais daquela associação.

Momentos de grande emoção partiu da assistência quando deu entrada no salão a lindíssima Miss Carme Del Orefice, a qual, embora não aparecesse fantasiada, deixou-se fotografar ao lado de um "pele-vermelha", que nenhum mêdo lhe infundiu. E' que sabe a encantadora Carme, que, em festas como a da Liga dos Estudantes de Arte de Nova York, até os mais ferozes aimorés ficam dóceis e cheios de ternura como se estivessem a passear com suas amadas numa gôndola em Veneza.

O baile de 1951 excedeu a tudo o que já se realizara entre aquela alegre e boa gente. Muitas sugestões novas vieram a público. Fantasias que se destacaram pela riqueza, pela originalidade e pela beleza de concepção, arrancaram vivos aplausos



JOHN FREDERIC, famoso chapeleiro nova-iorquino, compareceu com um colete de pailetés e uma grande comenda no pescoço. Ei-lo aqui, entre duas belas jovens, fantasiadas de noivas, e que noivas!



EIS uma audaciosa sugestão para o próximo carnaval. Êsses dois causaram furor, com os bustos reproduzindo duas máscaras exóticas, mas de rostos e pernas limpas. Vale o modêlo?

UM BAILE NO WALDORF



MISS Carme Dei'Orefice, considerada uma das mulheres mais bonitas do mundo, não compareceu fantasiada, mas pôsa junto a um típico pele-vermelha. Embora típico... falsificado.

dos que puderam entrar no salão de baile do faustoso hotel da maior cidade do mundo. Houve, realmente, concepções até então desconhecidas. Uma delas foi a daquele casal que se cobriu de missangas. E o "espantalho"? Uma visão de verdadeiro sonho ou pesadelo apareceu no salão. Visto às escuras, êsse "espírito mau" infundirá pavor a qualquer um, mesmo aos mais prevenidos. Já não seria um conviva do "Baile dos Sonhos", e sim uma personagem procedente do Inferno de Dante.

Houve ainda algumas fantasias que lembravam os mascarados que desfilam no Carnaval de Nice. Todo o corpo é coberto por enormes máscaras, dando a quem os observa uma impressão de assombro e de grotesco. Fizeram furor os que se apresentaram com tais fantasias. Há de tudo, entre os foliões que sabem aproveitar idéias, tempo e dinheiro.

Quem não aplaudiu a fantasia de John Frederic, famoso chapeleiro de Nova York com o seu colête de "pailetés" e uma grande comenda ao pescoço, como se fôsse cavaleiro de alguma ordem? Mas o que meteu inveja a muitos que o viram, não foi o seu colête nem a comenda. Foram as duas "noivas" que estavam de cada lado do feliz chapeleiro de Nova York. E como eram bonitas as noivinhas!

Foi também de grande sucesso uma outra fantasia pelo seu absoluto ineditismo e excentricidade. Um dos estudantes, depois de torturar o espírito imaginando como deveria aparecer lá na festa, resolveu envergar uma fantasia que iria abafar a banca: um parque de diversões! E' possível que o leitor não acredite no fato, mas que se passou, passou mesmo. O rapaz teve uma despesa imensa em dinheiro, e o maior trabalho para montar sôbre si mesmo tôda aquela geringonça. Na hora do desfile lá entrou êle com aquêle mundão de "carroussel", despertando risos e palmas dos que o viam. Mas, embora aplaudido, o "inventor" daquela complicação teve o desprazer de não poder dançar. A cobertura do "circo" lhe impedia os movimentos. Como vemos, para certas ocasiões um "Parque de Diversões" atrapalha a diversão...

Para êstes atos o mais aconselhável é a exiguidade dos trajes. Vejam os leitores como foram bem inspirados vários dos concorrentes aos prêmios do "Baile dos Sonhos". Nenhuma roupa, ou, quando esta se fazia presente, tudo discreto, sem tomar muito espaço aos olhos dos espectadores ou aos que desejavam dançar nos braços de suas eleitas em pleno Sonho.

O norte-americano gosta de divertir-se, e o faz sem excessos de liberdade nem



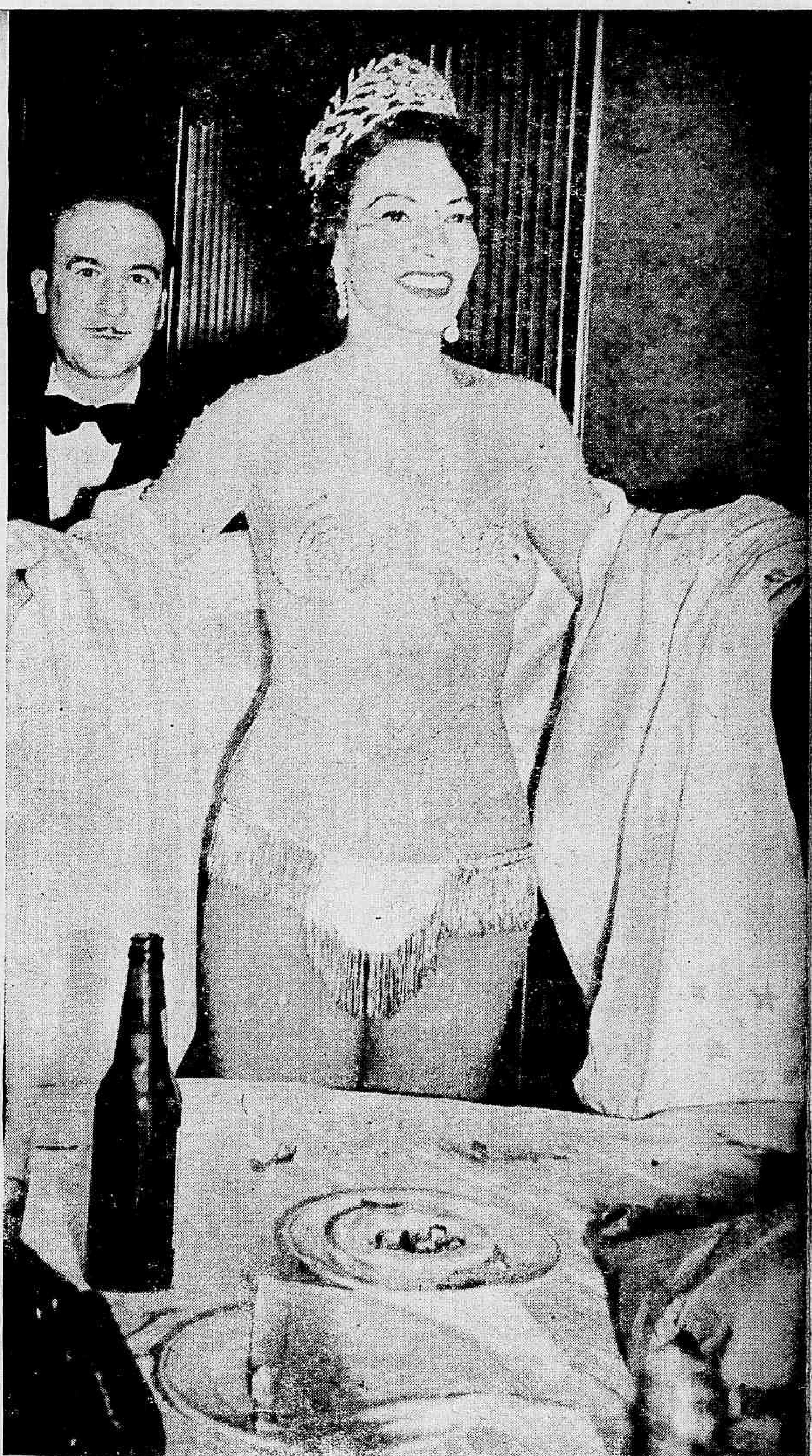
O ESPANTALHO, com mãos e máscara fosforescentes, concentrou a atenção geral quando apareceu na sala do Baile dos Sonhos. Dos sonhos ou dos pesadelos? No escuro dá mêdo...



ELA e êle compareceram fantasiados de missangas. Se a moda pega, os bailes viadogros da Liga dos Estudantes de Arte vão ter a presença de convidados do mundo inteirinho.



PARQUE de diversões, carrosel ou coisa parecida, a verdade é que o rapaz deu nota, embora não pudesse dansar, porque a cobertura impedia os movimentos. Reparem os sapatos



RAQUEL Mendoza, modêlo profissional, compareceu vestida de missangas. Mas pela dúvidas, cobria-se com um luxuoso manto e só quando via os fotógrafos, ela mostrava a «roupa»

ofensas a terceiros. E' tudo muito bem dosado de humor e de solidariedade associativa. No dia seguinte cada qual retoma os seus afazeres e a vida continua até ao próximo aniversário. Povo amante da alegria do espirito, sabe dar valor aos que merecem prestigio e amparo. O "Baile dos Sonhos" da Liga dos Estudantes de Arte de Nova York é um dos mais frisantes exemplos. E não é privilégio de ninguém. Todo aquêle que puder aparecer "artisticamente" ao "Baile dos Sonhos", que se inscreva e concorra aos prêmios. Nas comemorações dêste ano só uma coisa causou desolação e aborrecimentos: a incapacidade do salão de bailes do "Waldorf" para acolher tôda aquela multidão que estava ansiosa para comparecer à deslumbrante festa. Mas, que fazer? Os rapazes e demais associados da Liga não podiam tornar elásticas as paredes do opulento hotel novaiorquino, e cada qual se acomodou como pôde. As filas eram impressionantes, e nem todos os que desejam comparecer obtiveram lugar.

Imagine-se o que não será no próximo ano, quando a Liga estiver muito maior do que é hoje. Os seus organizadores estão, pois, com êste problema sério: o de encontrar um local dez vêzes maior do que o do salão de baile do "Waldorf", sem o que não poderão dar acolhimento aos milhares de fãs dessas memoráveis noites dos "Bailes dos Sonhos".

Os nossos leitores poderão ter uma idéia do que foi a festa do último dêsses bailes quando do transcurso do 75º aniversário da Liga dos Estudantes de Arte de Nova York, observando atentamente as fotos que estampamos nestas páginas e lendo com atenção as respectivas legendas. Não passem apenas a vista, num relance de olhos; leiam e olhem com curiosidade própria de quem tem nas mãos tais excentricidades vindas de outras terras.

Cada povo demonstra o seu grau de civilização, sua cultura, seus destinos através do tempo, em face do que usa em festas populares. E' em tais oportunidades que a alma nacional se derrama e se mostra tal qual é, na realidade. Os norte-americanos, embora tendo atingido o mais elevado grau de industrialização, de bem-estar, de progresso espiritual, não se deixam envelhecer diante de preconceitos sociais. Povo profundamente religioso, havendo dentre os habitantes da América crentes de tôdas as religiões do mundo, vemos ali aspectos e episódios que não seria possivel em nenhuma parte do mundo. Uma dessas originalidades está em um edificio que contém, na mesma nave interna, várias confissões religiosas; aqui, um altar dos ca-

(Cont. na pág. 44)

"Em casa, todos somos Kolynos-istas!"



Na fórmula científica e maravilhosa de Kolynos há ingredientes especiais que eliminam realmente os ácidos bucais. Esses ácidos são a causa principal das dolorosas cáries. Numerosas provas científicas, realizadas por famosas Universidades norte-americanas e européias, provaram que Kolynos destroi até 92% das bactérias que formam os ácidos causadores das cáries.

A espuma refrescante e penetrante de Kolynos limpa melhor os dentes e a boca, purificando o hálito. Siga os conselhos do seu dentista: proteja os dentes, escovando-os com KOLYNOS depois de cada refeição.



1. *Que horror!... O dentista disse-me que as cáries são causadas por milhões de bacterias que temos na boca...*



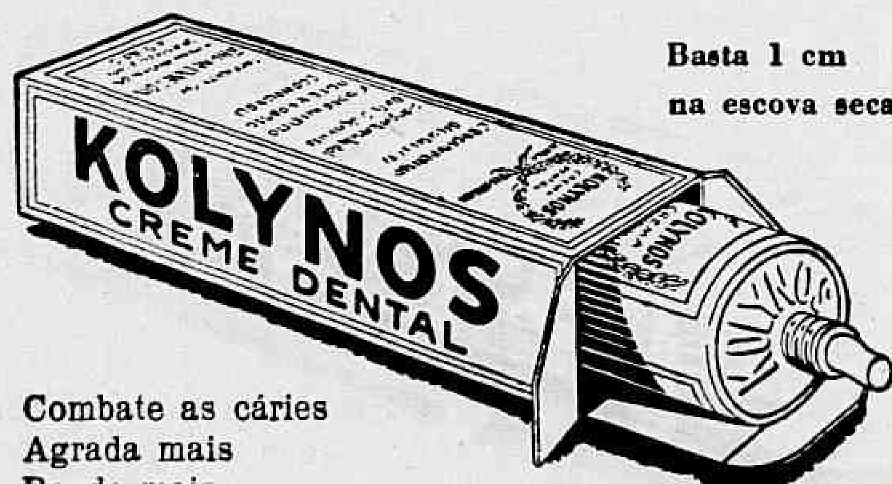
2 *...e essas bacterias produzem ácidos que atacam o esmalte dos dentes e causam as dolorosas e horriveis cáries !*



3. *Por isso mesmo, o dentista recomendou-me o Creme Dental Kolynos, que destroi as bacterias causadoras desses ácidos. Kolynos é indispensável para a higiene da boca.*



4. *E o que é mais.... Kolynos clareia os dentes, limpa melhor, refresca a boca, embeleza o sorriso... Por isso, em casa, todos somos Kolynos-istas !*



Basta 1 cm na escova seca

Combate as cáries
Agrada mais
Rende mais

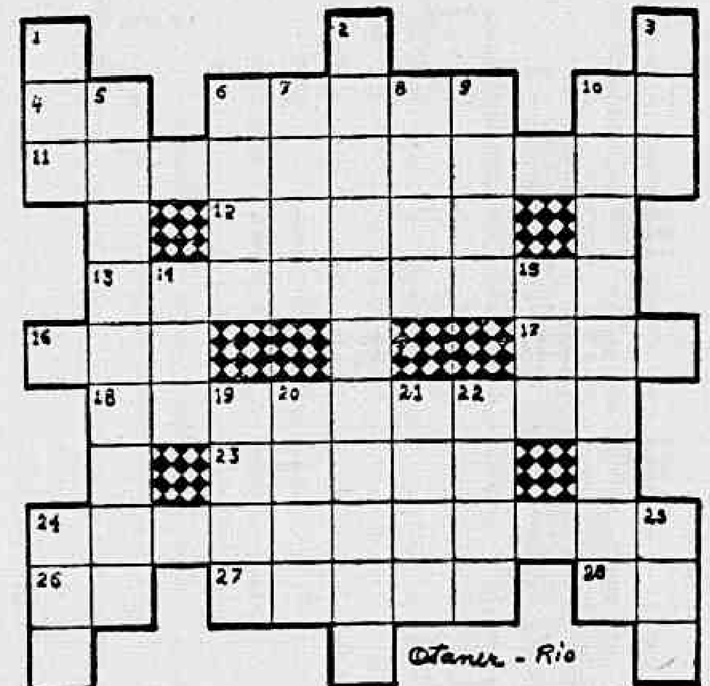
Não há nada melhor que KOLYNOS para combater a cárie dentaria

K-404-P

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.° 55 – PARA VETERANOS

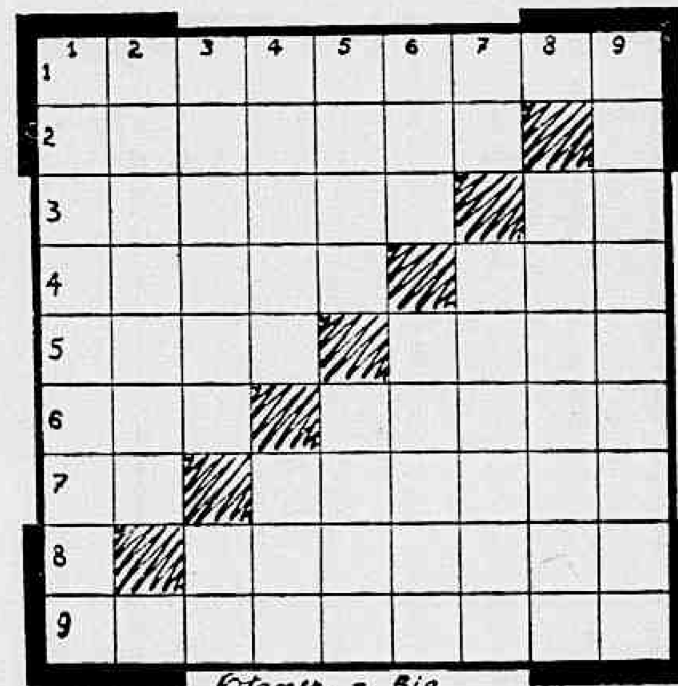
HORIZONTAIS: — 4. Prefixo que denota posição fronteira — 6 — Peixe, também chamado lebre-do-mar — 10. A primeira risca do jôgo do arco, da qual se começa a jogar — 11. Desinteressantes — 12. Germano — 13. Devaneador — 16. Bebida das Índias Orientais — 17. Pimenta da Índia e de Caiena — 18. Arte de corrigir as deformidades do corpo — 23. Valentão — 24. Mulher que é trapaceira (pl.) — 26. Medida romana de pêso, equivalente a 340 gramas — 27. Perder o tino — 28. Dente molar.



VERTICAIS: — 1. Cidade da Hungria — 2. Diz-se de qualquer mamífero que tenha os pés bem conformados para andar (pl.) — 3. Cada uma das divisões do ano solar — 5. Dispostos para a guerra — 6. Palpita — 7. Rio e cidade da Suécia — 8. Camarão — 9. Planta da família das Leguminosas — Papilionáceas — 10. Arrastaram — 14. Soar — 15. Língua do grupo sino-tibetano — 19. Recepiente que contém ou pode conter certo gênero — 20. Pregar — 21. Prefixo grego com a acepção de nove — 22. Língua negro-africana, falada em Darnuba — 24. Templo — 25. Figura de destaque.

★

PROBLEMA N.° 55 – PARA NOVATOS



HORIZONTAIS e VERTICAIS: — 1. tornar nobre, engrandecer — 2. Peça leve de teatro musicado, sôbre assunto cômico e sentimental — 3. O mesmo que beribá + Preposição — 4. Inflamação da íris + Liga — 5. De pouco pêso + Acreditar — 6. Pedra + Remara para trás — 7. Basta! + Espécie de abelha — 8. Mistura com éter — 9. Indígenas do rio Machadinho.

★

SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS Nº 54

PARA VETERANOS

HORIZOZNTAIS: — Psilo — Nóxio — Rotim — Adens — Opada — Sexos — Solinas — Evo — Aram — Papuas — Araus — Abusar — Eril — Mus — Mascote — Átimo — Iabás — Tinas — Adelo — Amaro — Meros.

VERTICAIS: — Prosa — Sopor — Ítala — Lídimas — Oman — Nassau — Ode — Xexéu — Inova — Ossos — Apara — Psécade — Ramoso — Amata — Butim — Usina — Rober — Ítalo — Lesos — Siam — Mar.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: — Mi — ML — Esculápio — Ló — Lagena — Litíase — Garí — Domaria — Posara — Cá — Erásmicas — Sã — Oa.

VERTICAIS: — Mel — Isoladora — Alai — Mineração — Loa — Últimas — Agarrai — Pesal — Irosa — Arma — Pés — Asa.

Colaboração e correspondência para: «REVISTA DA SEMANA» — PALAVRAS CRUZADAS.



O SR. TENÓRIO CAVALCANTI — o chamado «deputado pistoleiro» — é um bom pai de família. E' amante das letras e das artes. Toca piano, violão e acórdeon. Esta foto foi feita no seu palacete em Caxias. Estão presentes a sua espôsa sra. Walkíria Lomba Cavalcanti, as filhas do casal srtas. Maria Helena, Maria Wilma, a caçula de 9 anos, Natalícia Sandra, sra. Maria do Carmo Cavalcanti Fortes, casada com o Tte. Sérgio da Rocha Lima Fortes e mais as srtas. Wanda Lomba e Josefa Tenório Cavalcanti, prima e sobrinha do deputado.

TENÓRIO NÃO É SANTO NEM DEMÔNIO



CLOSE-UP do deputado no seu gabinete de trabalho. Está pensativo. Que estará pensando?! Naturalmente em se defender das acusações que lhe fazem atualmente.

E' APENAS O QUE QUISERAM QUE ÊLE FÔSSE: UM HOMEM DE CARTAZ — COMO SE FAZ UM MILAGRE E COMO SE FAZ UM HERÓI — UM CONFRONTO ABSURDO QUE REDUNDA EM LÓGICA — "ENTRE OS MALES QUE FAÇO E O BEM QUE PRATICO, NA BALANÇA DOS ACONTECIMENTOS, O PRATO PENDE PARA O BEM", DIZ O DEPUTADO

Texto e fotos de ABDIAS RODRIGUES

ÀS quatro horas da tarde de têrça-feira da semana passada o secretário nos chamou à sua presença e, recostando-se na cadeira, disse: — "Vou agora dar-lhes uma curta aula de Jornalismo". E, de fato, durante quinze minutos falou-nos como se deve fazer reportagens sôbre um assunto já muito explorado. E concluiu a sua aula entregando-nos um recorte de jornal, dizendo: — "Leia isso, é a história do "Milagre da Pomba"; depois vá a Caxias, faça uma reportagem com Tenório e traga a matéria com urgência."

O leitor, naturalmente, está curioso, querendo saber o que disse o secretário, não é verdade? Coisa muito simples, pois na imprensa não há mistério... Mas pode a imprensa fazer um milagre, transformar um demônio em santo, um covarde em valente? Vejamos, por exemplo, como se deu o "Milagre da Pomba".



«GERALMENTE, quando a imprensa me procura é para me fotografar armado — disse o senhor Tenório — mas as minhas maiores armas são os livros».

«ENTRE OS MALES que faço e o bem que pratico, na balança dos acontecimentos o prato pende para o bem e a gratidão do povo se faz sentir nas eleições em que tenho sido eleito» — palavras do deputado que aparece abrindo o o seu cofre, onde documentos importantes estão guardados.

TENÓRIO NÃO É . . .

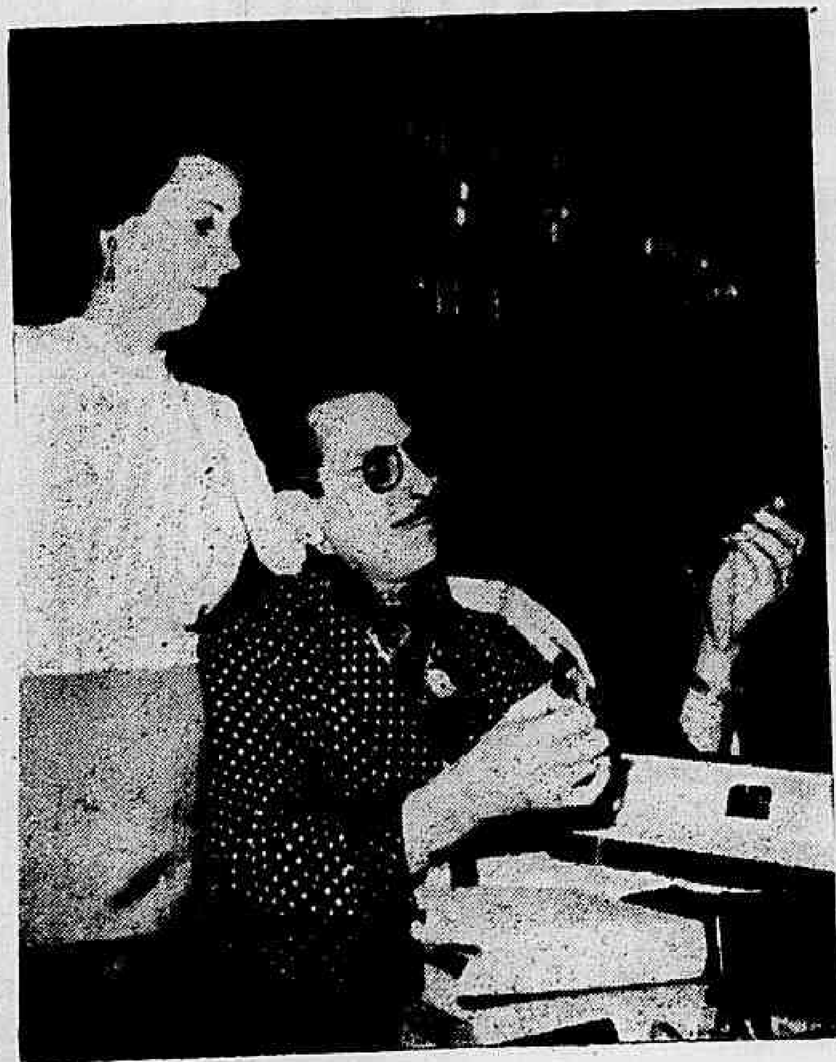


O Tte. ABILIO VIEIRA declarou a reportagem que não consentirá no porte de armas. O flagrante foi feito quando um seu auxiliar desarmava um transeunte.

"No princípio era um desejo de sensacionalismo. Depois veio a idéia de vingança. Os dois repórteres de polícia tinham sido *furados* várias vêzes durante a semana por colegas de um vespertino rival. Imaginaram, então, um furo espetacular capaz de redimí-los e humilhar os rivais. Matutaram longamente sôbre o assunto e chegaram à conclusão de que só no campo do milagre (coisa raríssima numa cidade grande e que foge ao contrôle da polícia) poderiam alcançar o objetivo. E, assim, combinaram com uma enfermeira do Instituto Paulista que, quando morresse uma donzela humilde, cuja vida fôsse cheia de vicissitudes (circunstância que ela deveria apurar), lhes comunicasse, imediatamente, logo às primeiras horas da manhã, em tempo de alcançar a primeira edição, das dez horas. Poucos dias depois, morria a jovem Olília Dias Ferraz de Almeida, vítima de moléstia pertinaz, que fizera do fim de sua vida um pequeno drama de novela radiofônica. Recebido o aviso, correram êles imediatamente ao Mercado, compraram uma pomba (borracho) e dirigiram-se ao necrotério, que serve ao nosocômio. E, discretamente, sem que ninguém os visse, puseram o borracho sôbre o cadáver da moça. O fotógrafo fêz várias chapas. Êles mesmos se apressaram a comunicar aos funcionários a surprêsa. Contaram aos primeiros a chegar, a história tal como a haviam delineado e saíram para alcançar a primeira edição.

Furo espetacular. "Manchette". "Milagre no Necrotério". Sensação na cidade. Despeito dos rivais que, na segunda edição, das 15 horas, trataram de encontrar um símile histórico para não ficarem muito por baixo. O padre, entretanto, recusa-se a encomendar o corpo com o borracho ali. Adivinhou a coisa. Atira a pomba fora da porta. Um dos repórteres vai buscá-la e discretamente torna a colocá-la, incapaz de voar, sôbre o caixão e o faz seguir para o cemitério. Na campa novas fotos. Êxito sem precedentes. A notícia corre o Brasil ràpidamente. O vespertino rival patrocina uma exibição em benefício dos pobres. Em resumo, essa a "história secreta" da "pomba milagrosa" que empolgou há pouco a população de São Paulo e do Brasil."

(Cont. na pág. 46)



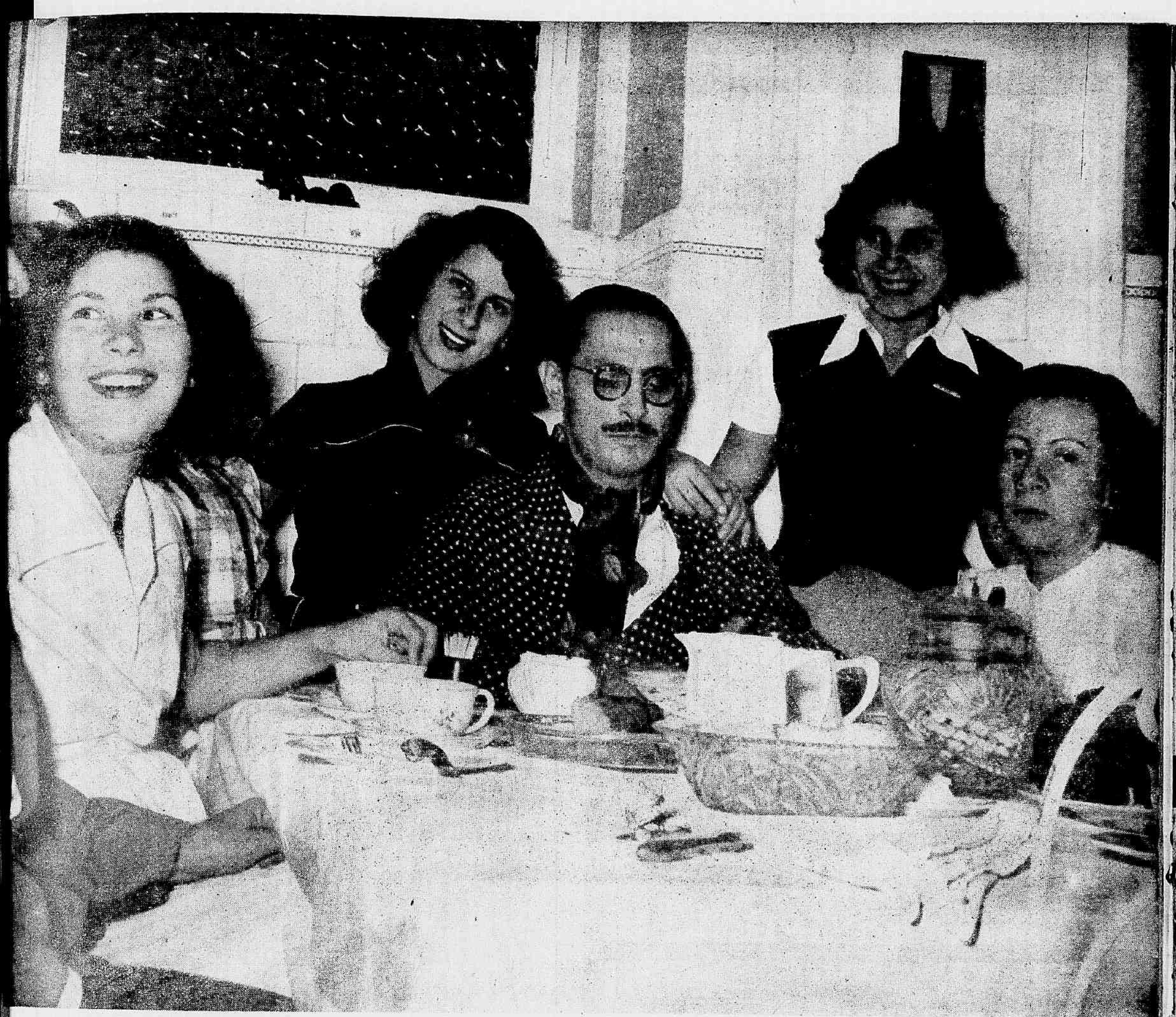
TENÓRIO mostra a sua espôsa, sra. Walkiria Cavalcanti, uma miniatura do punhal do Duque de Caxias, que um amigo lhe ofereceu.



UMA DAS filhas do casal que é exímia pianista, após executar uma bela composição de Chopin, o seu autor predileto



ENQUANTO a irmã tocava piano estas duas pousavam para nós. Um sorriso franco mostrando uma bonita dentadura



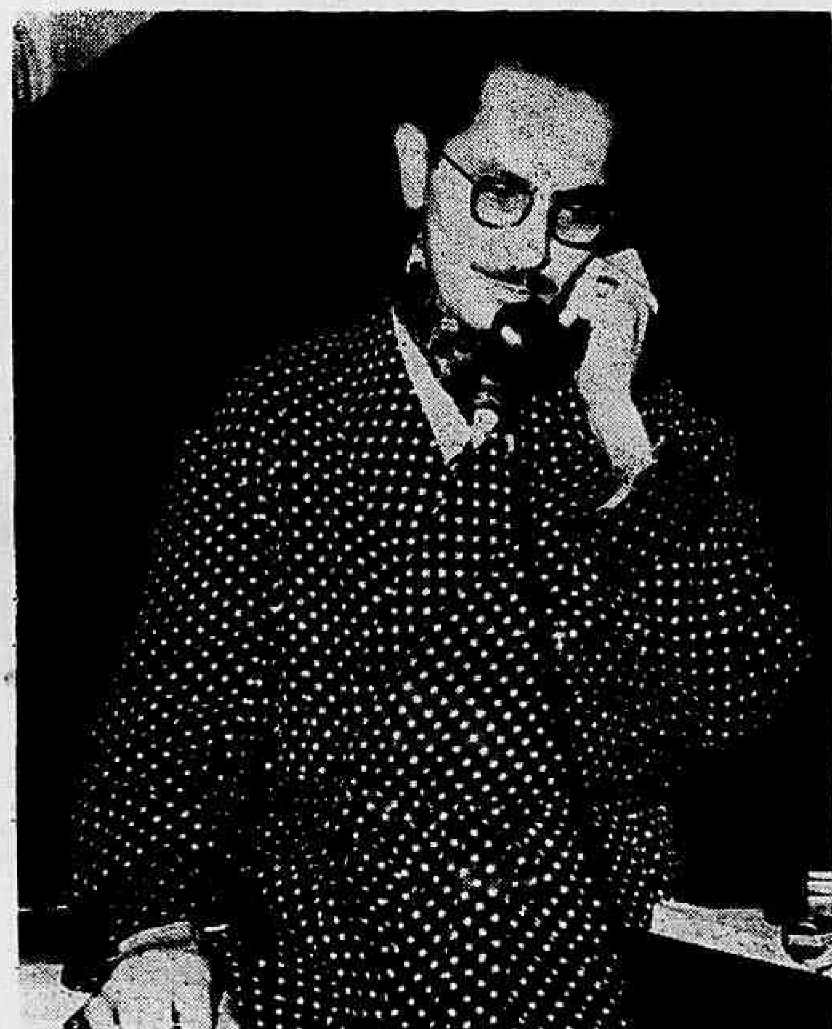
FOI NUM DOMINGO que estivemos em casa do dr. Tenório. Chegamos às 17 horas e só saimos às 20.30. Nesta mesa tomaram parte também o sr. Sérgio da Rocha Lima Fortes e o repórter. Ao retirarmo-nos o deputado disse: «é fácil entrar em minha casa, o difícil é sair.» De fato, no convívio do lar, o sr. Tenório mostra ser um perfeito cavalheiro. E a sua espôsa e filhas cercam os visitantes de atenções e gentilezas.



O DEPUTADO escreveu um autógrafo para a «Revista da Semana». Todavia, teve dúvida sôbre a grafia de uma palavra. Assim, foi consultar ao dicionário.

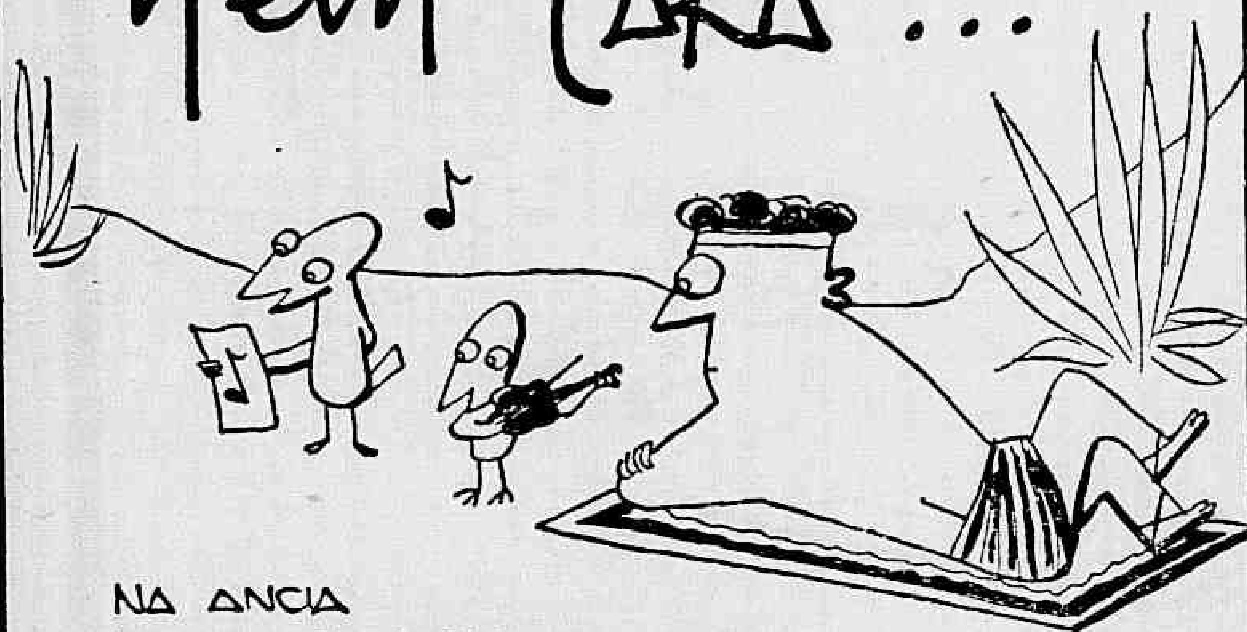


VOLTOU a tempo de saborear o bom café que sua dedicada espôsa havia preparado. Assim vive o deputado: cercado de dedicação e carinho.



MAS UM homem que foi copeiro e chegou a deputado federal é porque tem mesmo o valor, não há dúvida. A todo instante é chamado ao telefone.

Nem CARA . . .



NA ANCIA
DE DETERMINAR
O FUTURO PELAS ADIVINHAÇÕES,
OS ROMANOS OBSERVAVAM O VÔO
E O CANTO DAS AVES . . .
AS ENTRANHAS DOS ANIMAIS
MORTOS, OFERECIDOS
AOS DEUSES . . .



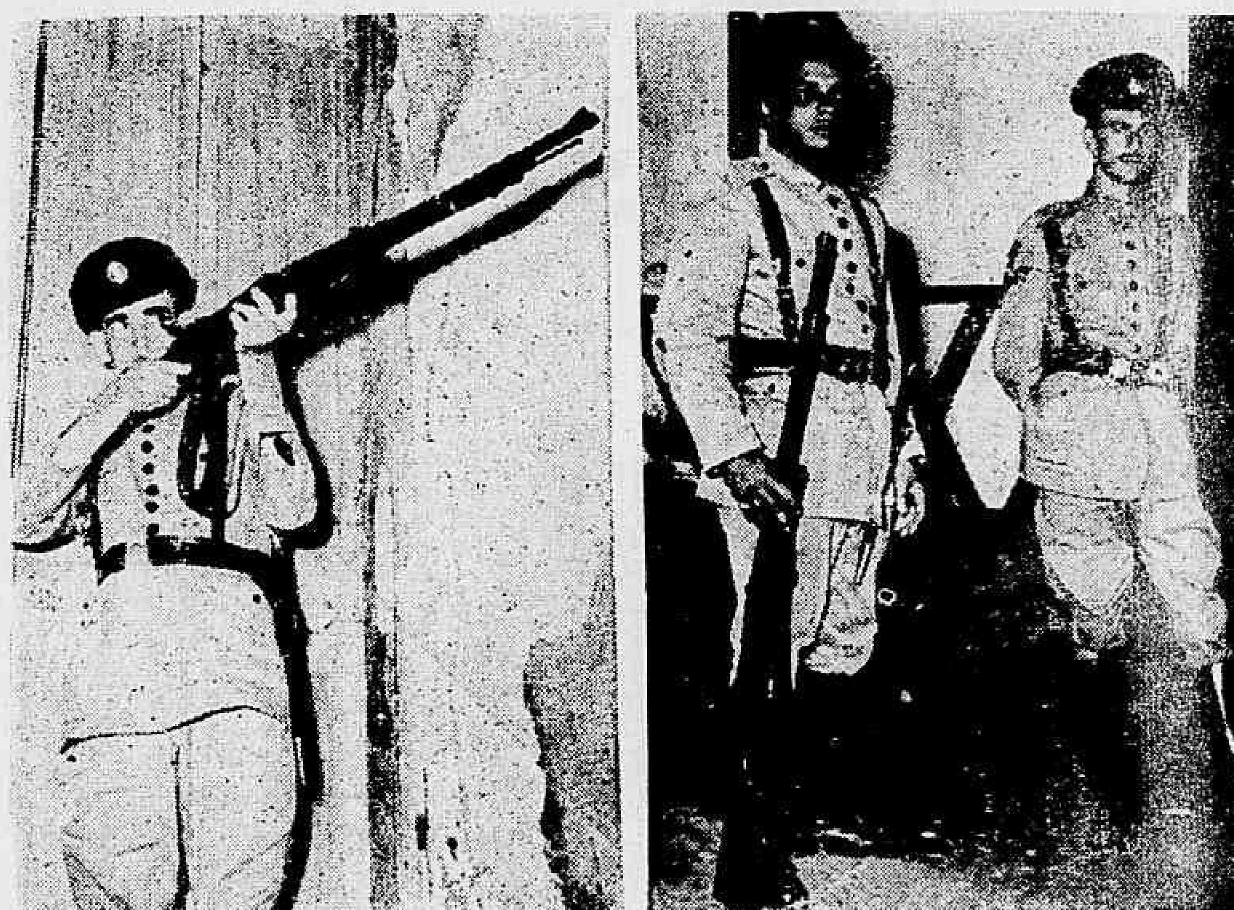


. . . E AGORA EU DESEJO
LHES APRESENTAR
O MEU AMIGO HARVEY . . .

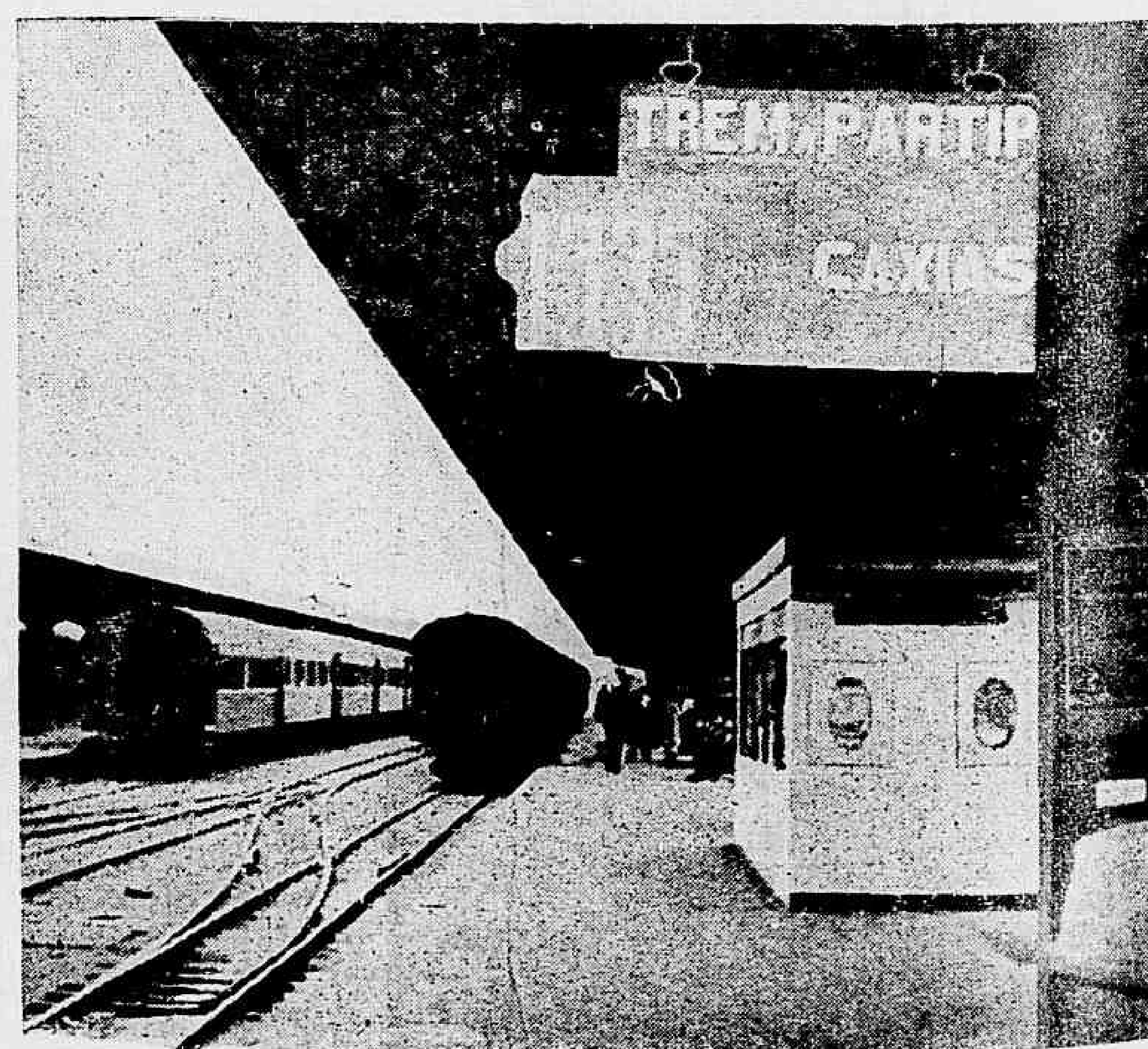
Veja pág. 32



O DELEGADO de Duque de Caxias, Tte. Abílio Vieira e o Cap. Genaro da Costa Rubim, da sindicância do 1º B.C. da polícia fluminense.



A POLÍCIA FLUMINENSE monta guarda à Delegacia de Caxias, que fica próxima à casa do deputado Tenório Cavalcanti.



EM BARÃO DE MAUÁ a tabuleta indica que o primeiro trem partirá às 15.30 para Caxias. A Estação está com pouco movimento por ser domingo.

SALA *fechada*

NOVELA DE PÉRICLES LEAL

ILUSTRAÇÃO DE JERÔNYMO RIBEIRO

A sala está mergulhada na penumbra. Ainda há pouco um raio de sol — tão pequeno que até parecia ter a fragilidade do cristal — entrava pela fresta da porta diante de mim. Mas, agora, sòmente esta dôce penumbra domina o ambiente. Clara, há coisa de dez minutos, chegou para mim, perguntando se eu não precisava de alguma coisa. Respondi-lhe que não, que estava a cômodo. E' sempre assim minha mulher, especialmente nestes dias em que me sinto dominar a pouco e pouco por um cansaço quase insuportável que, segundo o médico, é o sintoma principal de minha morte muito próxima. A alguém pode parecer estranho que fale desta maneira de *minha* morte. Eu também estranharia ouvir isto da boca de qualquer pessoa... em outros tempos. Entretanto, atingindo o ponto em que me encontro, muito pouco ainda me surpreende. Creio que é êste o estado ideal do homem: o instante em que tem certeza da morte próxima, dos dias contados. O doutor disse hoje, pela manhã, que não tenho mais de quatro semanas de vida e isto parece-lhe muito, o máximo que pode fazer pelo seu cliente de rosto chupado e olhos enormes que o fita, sem palavras, apenas com um sorriso descorado, quando êle aqui vem. Lembro que a princípio procurava palavras de confôrto para mim. Até aquêle dia em que lhe tomei a mão calosa entre as minhas brancas mãos.

— Doutor — disse-lhe eu com esta voz tão pálida que mal reconheço — não precisa tentar criar ilusões. Eu sei que vou morrer.

Êle, a princípio, olhou-me com estranheza. Notei bem a surprêsa estampada no rosto daquele homem que vira morrer centenas de outros como eu, em esgares de horror e mêdo.

— Mas... não compreendo... — foi só o que soube dizer.

— Sim, eu sei que vou morrer, doutor. Desde o primeiro instante...

— Por que não me procurou mais cedo, filho?

— Não podia. Não podia descansar um instante. Quando notei que estava condenado, tratei de deixar tudo pronto para que nada faltasse aos meninos e à minha mulher.

O doutor — é um homem bondoso dos seus quarenta anos que mal pode sustentar a máscara de insensibilidade que a profissão o obriga a usar — tornou a dirigir-me aquela mirada penetrante que tantas vêzes venho surpreendendo no seu rosto. Apertou-me a mão, afetuosamente. E foi só. Desde então, vem me visitar diàriamente, pela manhã. A' noite, telefona para Clara. Minha mulher põe-o a par do meu estado de saúde e recebe as recomendações de praxe.

Não sei o que surpreende o doutor, afinal, se bem que em parte, como confessei, esta certamente teria sido a minha atitude... antes, se outro estivesse no meu lugar e eu fôsse o médico. Às vêzes, reconheço-o, tenho ganas de espernear, esbravejar contra os céus, lutar até o último instante contra a moléstia que se alastra medonhamente por todas as células do meu corpo. Mas isto não passa de pálida idéia. Reconheço a minha situação. E aceito-a. Que posso fazer, Senhor, se esta é a Tua vontade? Resignadamente, deixo-me ficar na larga cama, ou balançando-me suavemente na rede que Clara mandou buscar para mim, enquanto a morte não vem.

E' extraordinário, como, nesta situação, as menores coisas adquirem tamanha importância. Jamais suspeitaria que o aparecimento de um raito do sol, por entre a fresta de uma porta, o fiozinho de luz penetrando na penumbra de um aposento fechado — nunca pensei que tais coisas pudessem constituir um acontecimento. No entanto, agora sei que é isto possível. E com que satisfação vejo o pequenino fio entrar pela brecha da porta e ir-se espraiando a pouco e pouco, na sala fechada, até quase atingir os meus pés. Uma tarde destas, choveu. Eu ouvia o tamborilar monótono da chuva no teto e o ruido molhado dos pneumáticos dos automóveis que passavam pela rua encharcada. O ráio de sol, naquele dia, não veio. Debalde esperei. Êle não veio. Era como se uma pessoa muito amiga deixasse de repente de nos visitar. No dia seguinte, contudo, o tempo devia estar bonito, lá fora, porque o raito de sol voltou. E sorri na penumbra da sala fechada.

Outra coisa que a gente não nota quando vive no que se convencionou chamar normalmente, é a beleza dos pequenos ruidos noturnos. Às vêzes eu fico horas perdidas, quando a insônia me ataca, prestando ouvidos aos menores rumores que me chegam da noite. Um grito distante, a buzina apagada de um automóvel longe, uma porta que bate, o dedilhar de um seresteiro notívago, a cantiga incoerente de um bêbado de amor, o chôro de uma criança ou uma dessas gargalhadas que a gente nunca sabe de onde vêm nem porque surgem, que me chegam de longe, distante como sons de um planeta perdido no espaço.

A rua em que moro, é uma rua pacata, situada num bairro de pequenos burguêzes desta cidadezinha de pequenos burguêzes. Assim, aqui ainda cantam as crianças, nas brincadeiras de roda, quando a noite desce. Recolhido no meu canto, as mãos pousadas sôbre as pernas (tantas ruas conheceram elas!), ouço as cantigas de roda entoadas pelos coros infantís. Gostaria de, um dia, escrever um livro sôbre a poesia das cantigas de rua... o que me é absolutamente impossível agora. Mas, mesmo assim, espero que alguém, algum dia, escreva-o por mim.

Esta, por exemplo, que me chega através das janelas fechadas, ouço sempre à esta mesma hora, tôdas as noites:

"Terezinha de Jesus
Deu uma queda, foi ao chão
Acudiram três cavalheiros
Todos três de chapéu na mão.
O primeiro, foi seu pai
O segundo, seu irmão
O terceiro foi aquêle a quem Teresa deu
[a mão..."

O coro das vozes infantís levanta-se da terra e parece pairar no espaço por muito tempo. Sinto isto, porque mesmo quando as crianças se recolhem (ás nove horas, as mães chamam tôdas, malgrado o protesto geral) o som argentino das vózes parece pairar no ar, como gravado num disco fantástico, em surdina. Pela noite a dentro, ouço as cantigas de roda das crianças da minha rua pacata:

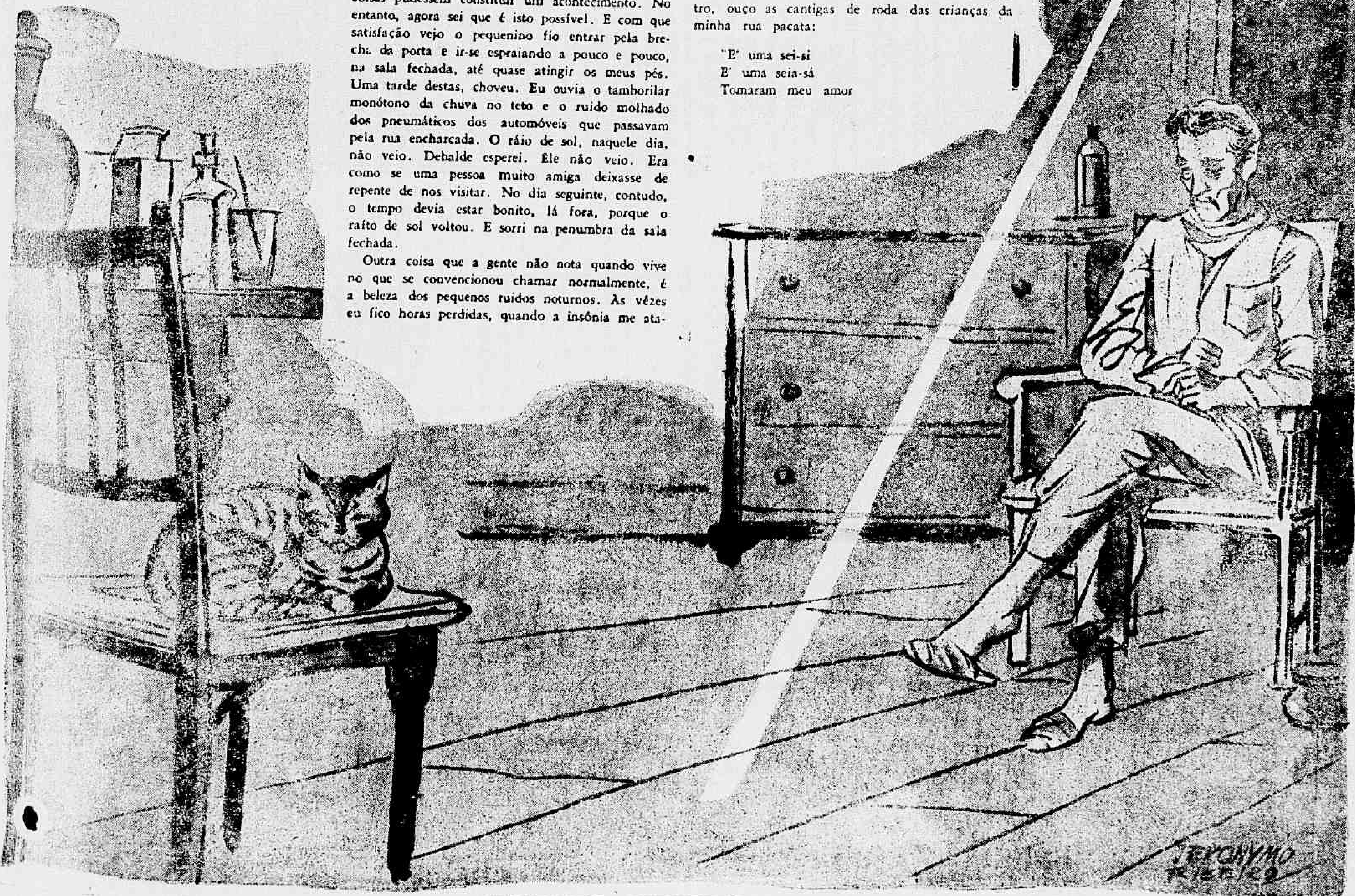
"E' uma sei-si
E' uma seia-sá
Tomaram meu amor
Dex'tá, dex'tá.
O anél que tu me deste
Era de vidro, se quebrou
O amor que tu me deste
Era pouco, se acabou".

Cerro as pálpebras, de mansinhos, e as vozes parecem, agora, estar dentro do aposento. Vejo as crianças com os seus cachos esvoaçantes, pulando, cantando nas vozinhas aflautadas, em cada movimento um rosto sorridente, de dentes pequeninos e brilhantes, na despreocupação pura da infância...

Os anos, é verdade, não voltam atrás. Mas, creio que se os homens pudessem reviver, depois de observar o procedimento das crianças saberiam governar com mais acêrto quando voltassem a ser adultos.

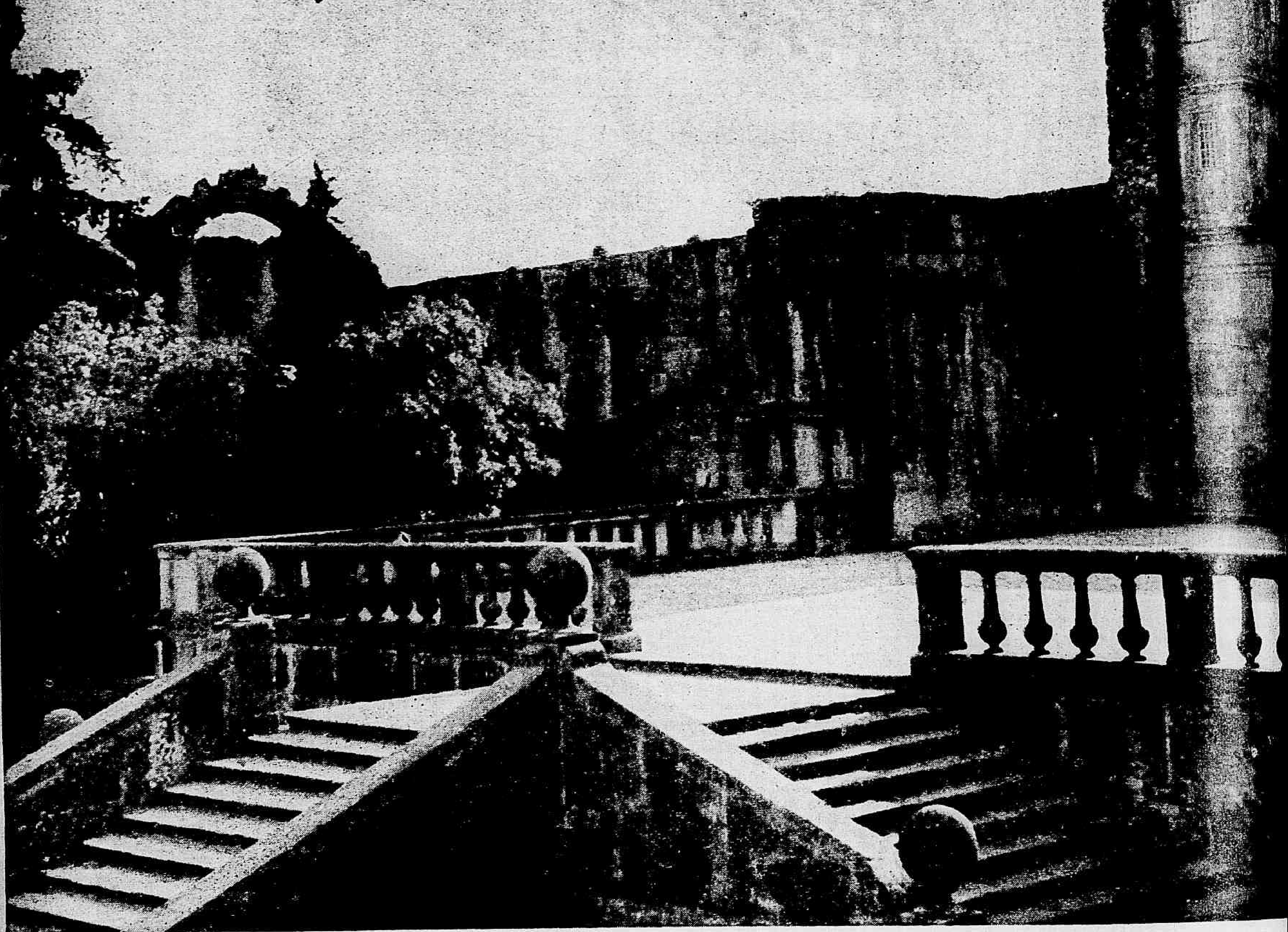
Mas... que estou eu dizendo? Falando em reviver quando a morte tem encontro marcado comigo... A verdade, é que sou um sonhador incorrigível... Clara sempre dizia isto, naquele seu tom de troça que jamais esqueço. Daqui há pouco ela virá para saber se estou precisando de alguma coisa. Depois, irá até à rua e chamará as crianças para dormir. Como eu te amo, Clara, meu amor! Ao pensar nas rusgas passadas, nas vêzes em que terei sido grosseiro com ela, sinto uma dôr no coração. E são êstes os únicos momentos que me fazem desejar ficar curado, voltar a ser o homem de antes, para corrigir tudo de mal que fiz na minha vida. Clara, querida Clara, quantos desgostos te dei, meu amor! A verdade é que a gente nunca sabe o mal que pode causar aos outros. E quanto sofreu minha mulher quando... Mas, para que recordar agora? Mesmo assim, não posso nem quero fugir da recordação da minha maldade.

(Continua no próximo número)



PAISAGEM DE PORTUGAL

TOMAR, SANTAREM E ARREDORES



ESCADARIA de acesso ao Convento de Cristo em Tomar. Êsse Convento é um admirável documento do espírito da arquitetura das épocas que a sua vida ativa atravessou. Dentro dêle há tanto a admirar, que não é fácil fazer citações; a série dos Claustros, por exemplo, em construções sucessivas, oferece extraordinário interêsse. Uma perspectiva, na gravura.



IMPRESSÕES QUE FICAM DE UMA EXCURSÃO DO TEJO ACIMA ★ VISITA À IGREJA DA GRAÇA E À SEPULTURA DE PEDRO ALVARES CABRAL, EM SANTARÉM ★ UMA ADEGA MODÊLO EM ALPIARÇA ★ VELASQUEZ E MURILO NA QUINTA DOS PATUDOS ★ O CONVENTO DE CRISTO EM TOMAR ★ ZÊZERE E CASTELO DO BODE ★ REGRESSO A LISBOA: — UM BARRETE VERMELHO E VERDE SAÚDA A CARAVANA

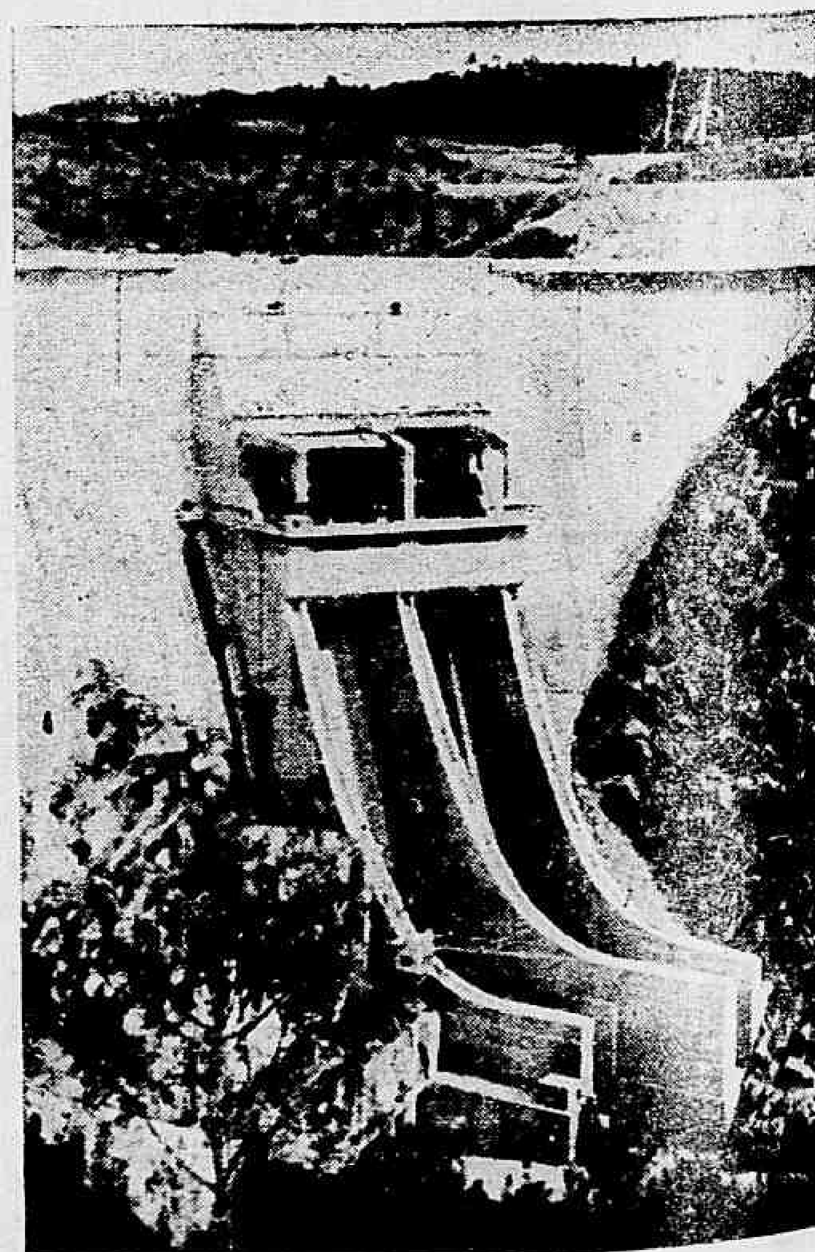
Texto e fotos de CELESTINO SILVEIRA

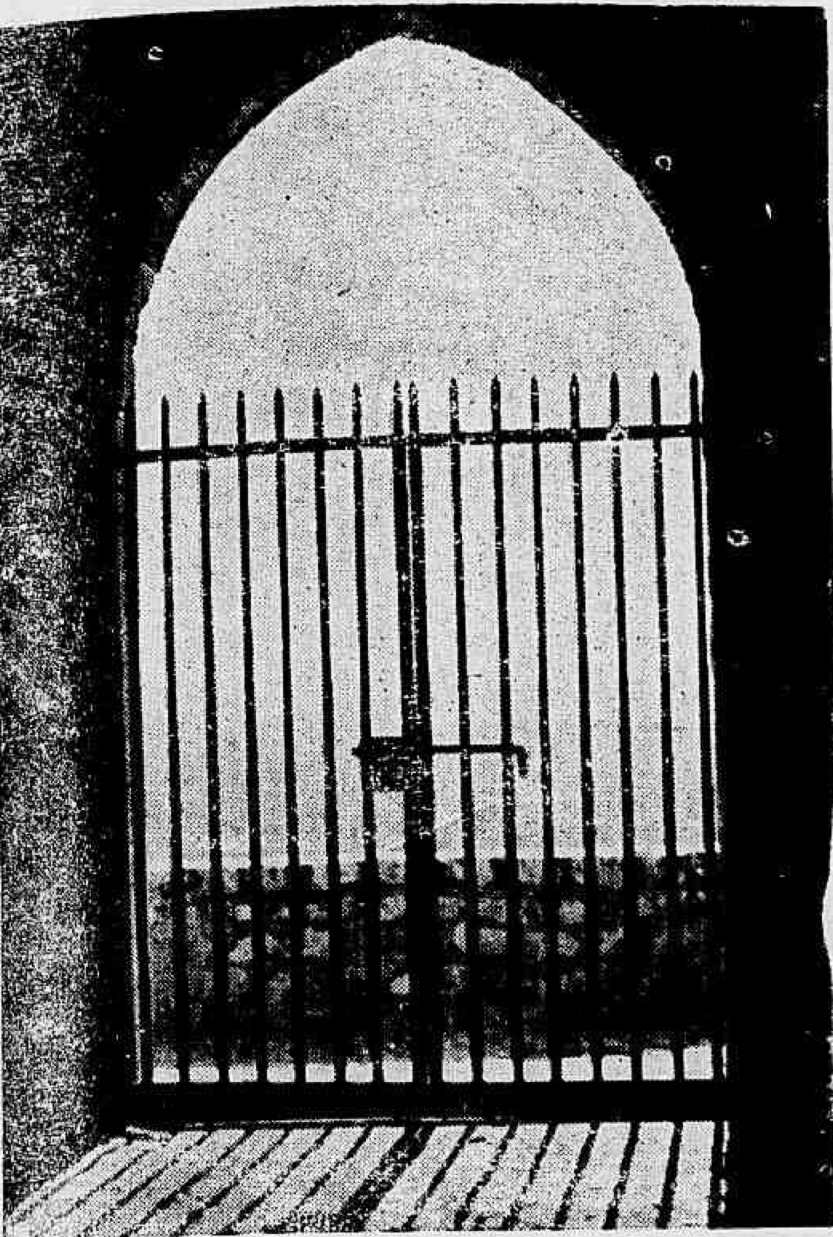
SAIMOS de Lisboa por volta das oitos da manhã, de uma deliciosa manhã de abril, perfumada e clara, já com a primavera a dar-nos boas vindas. Somos um pequeno grupo comandado pelo dr. João d'Almendra, que não se cansa de ir dando explicações sôbre a paisagem, os logarejos por onde o auto vai passando em regular velocidade — e que tem ainda a responsabilidade do volante. Algumas centenas de quilômetros nos esperam pela frente no percurso pela estrada Porto-Lisboa, marginando o Tejo até Santarem.

Nossos olhos assistem, deslumbrados, ao desfile vertiginoso de uma perfeita visão cinematográfica. Tudo em côres, o tapête do relvado, a pintura das casas, o céu azul e transparente, sem nu-

(Cont. na pág. 46)

JARDINEIRO das Portas do Sol no ofício da rega, e à direita, um flagrante da grande represa do Castelo do Bode

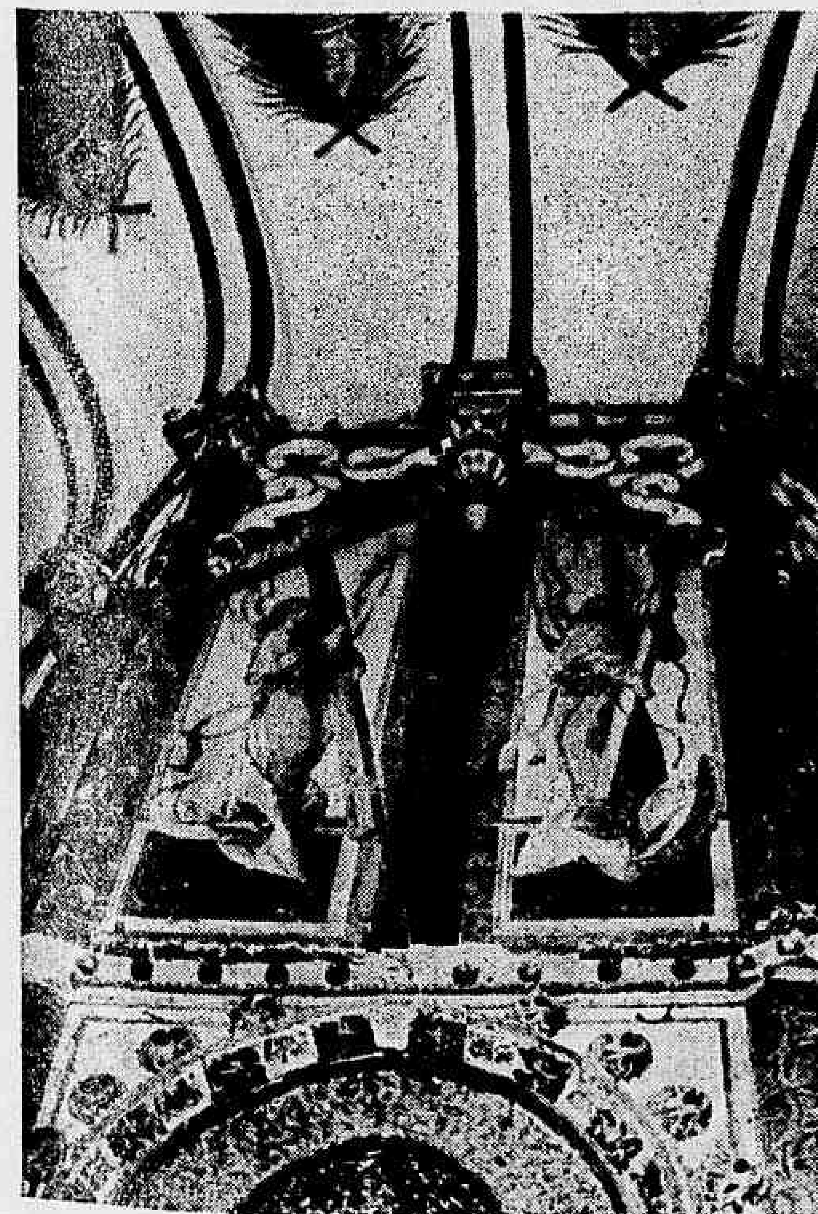


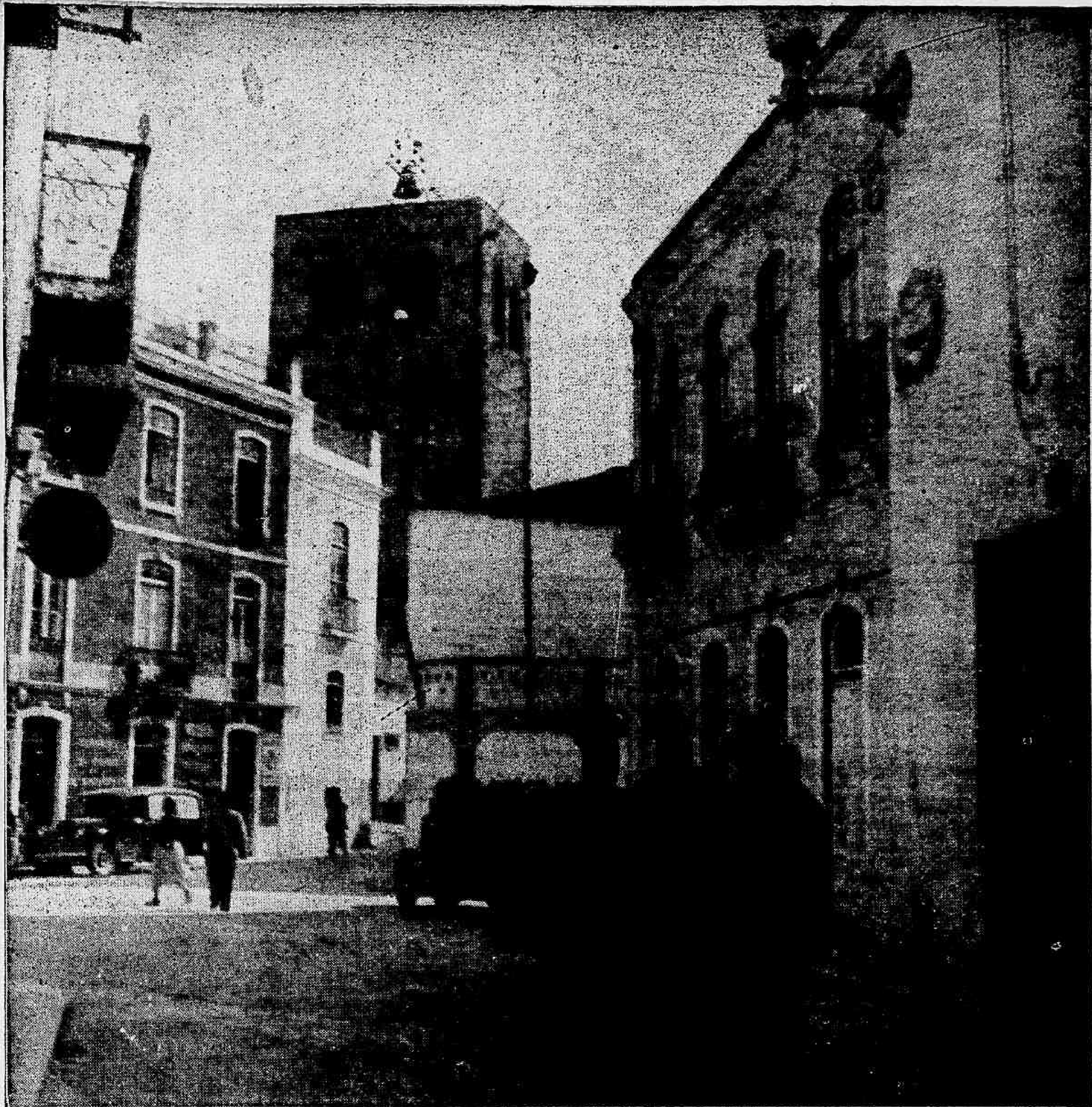


PORTÃO da muralha da Fortaleza de Santarém, vulgo Portas do Sol, uma das fortalezas conquistadas por D. Afonso Henriques e por onde êle entrou na cidade. — Tôrre do Convento de Cristo, em Tomar, uma relíquia da terra; e



em baixo, teto da nave central onde se encontra o altar-mór do templo dos Templários, na igreja do referido Convento de Cristo.





RUA TÍPICA de Santarém, mostrando as construções características da cidade. — Em baixo, no jardim das Portas do Sol, posando para o retratista ao ar livre: jornalista Gastão de Bettencourt e drs. João d'Almendra e Francisco Catarino.



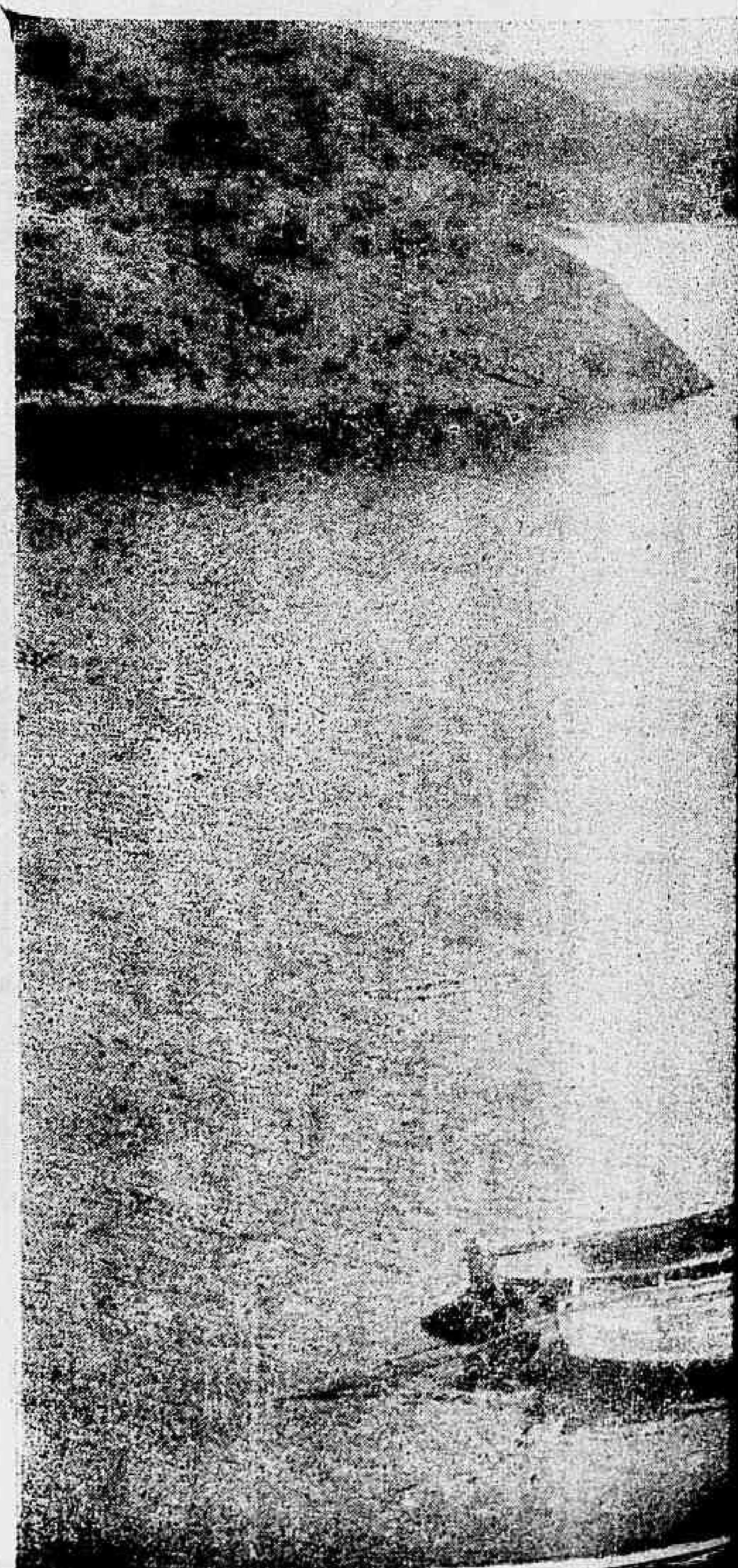


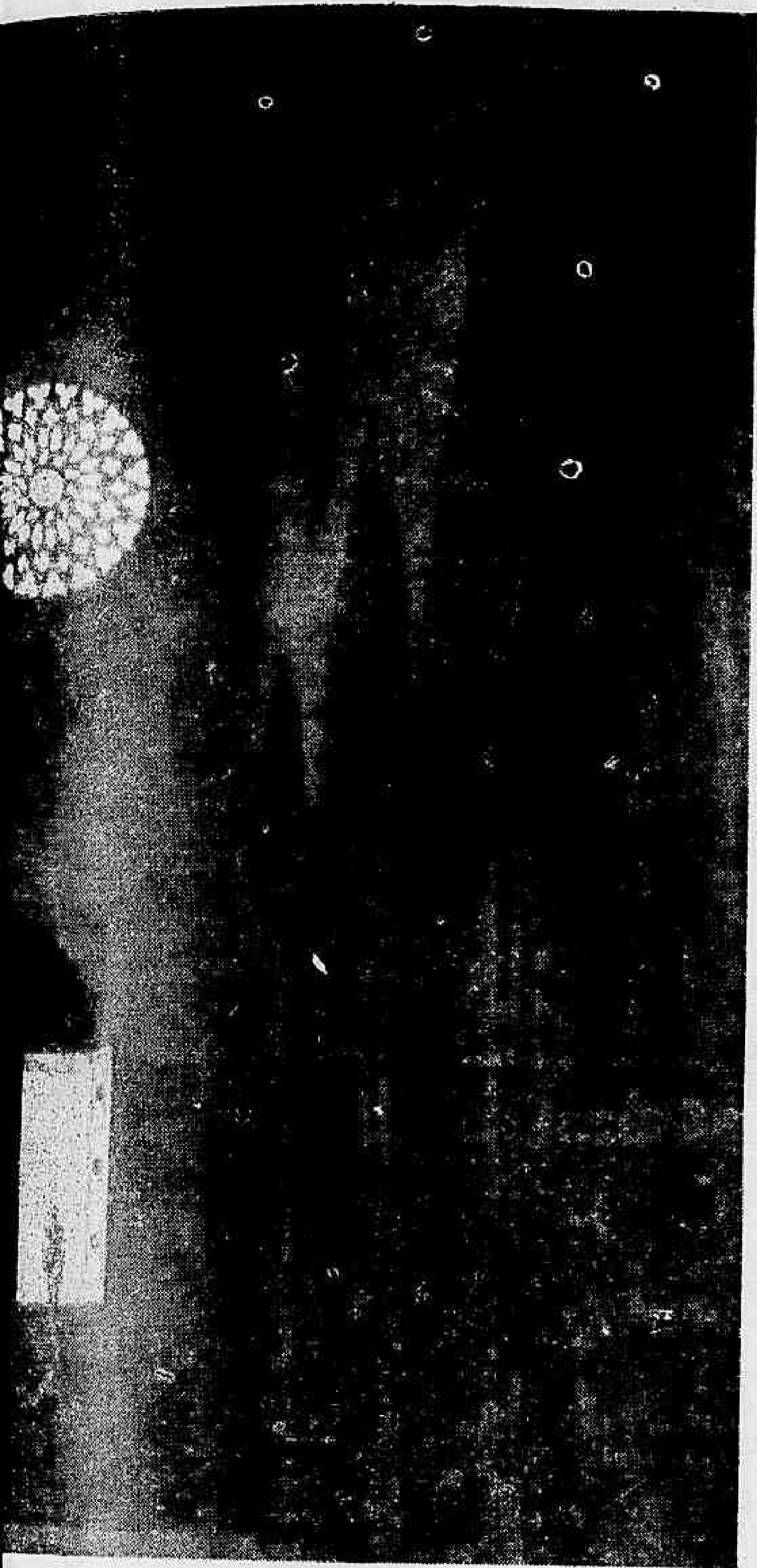
NA FEIRA de Santarém, enquanto a mãe dessas crianças espalha os objetos de barro que venderá nessa manhã, elas ficam de guarda, junto à tenda sob a qual dormiram. O movimento começará daí a instante e há muito o que vender à freguesia



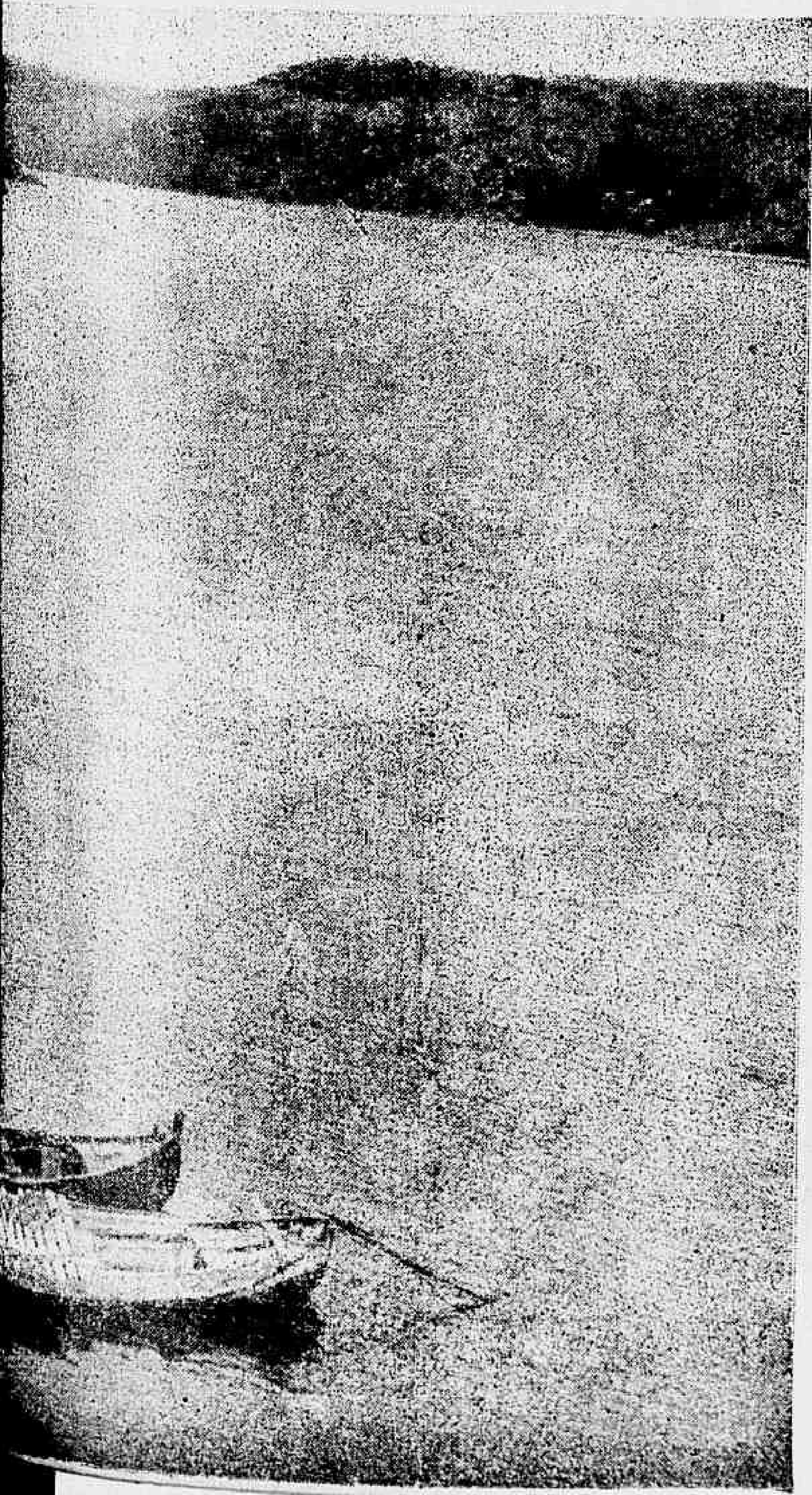


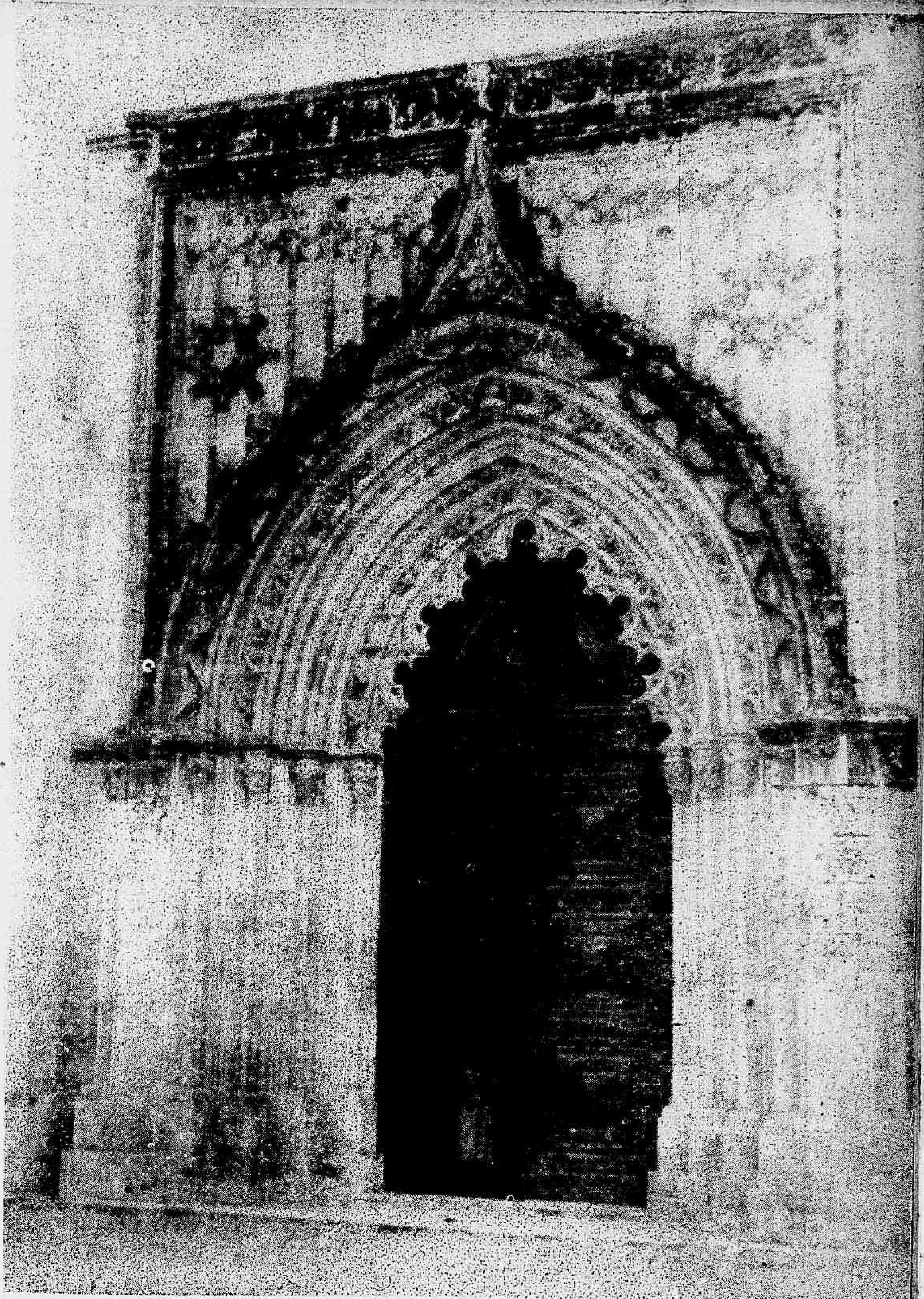
INTERIOR da igreja da Graça (Santarém), onde re
co do referido templo. Em baixo, um detalhe do rio



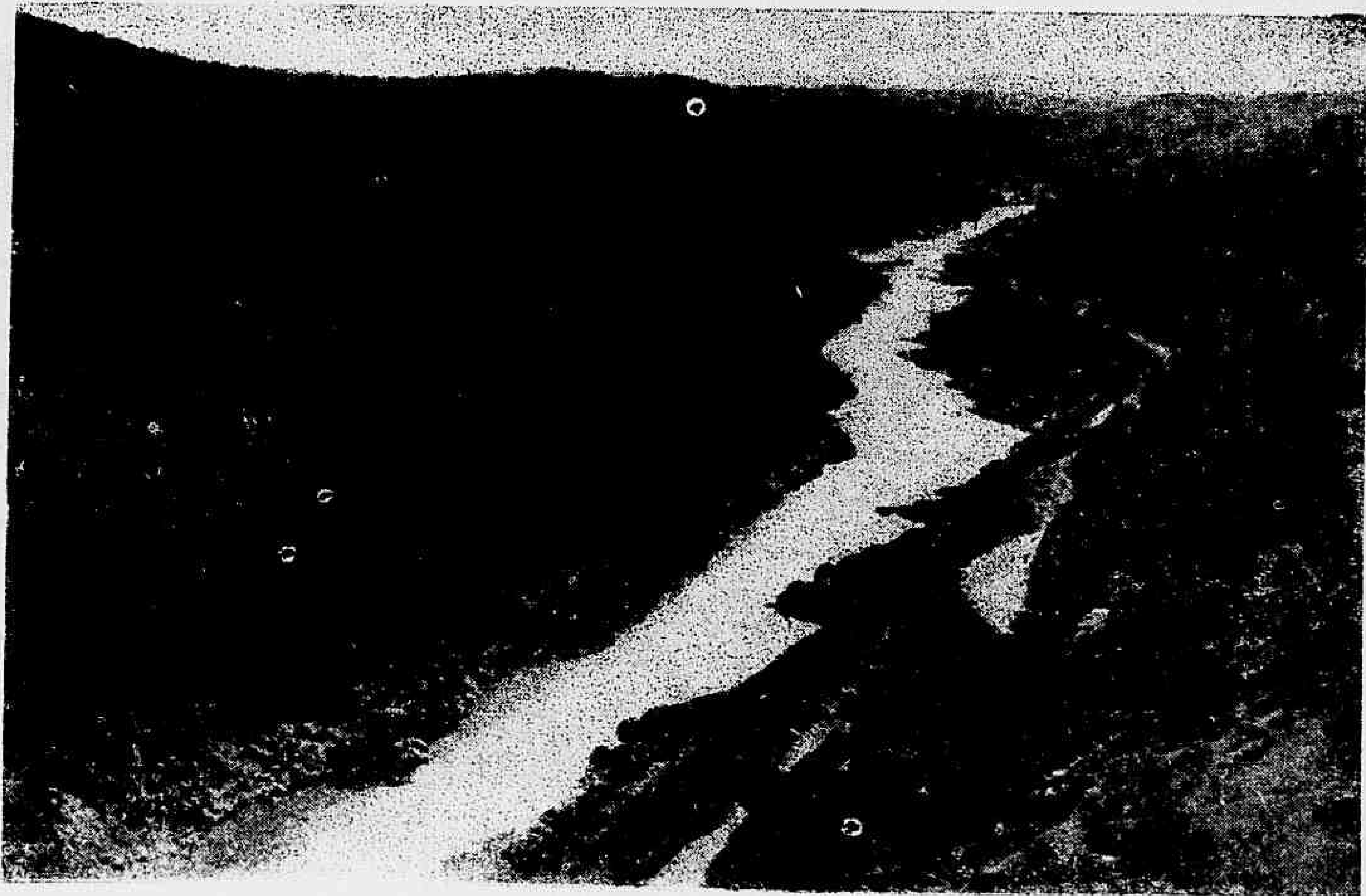


m os restos mortais de Pedro Alvares Cabral, e à direita, pórti-
e, onde está instalada a grande represa do Castelo do Bode





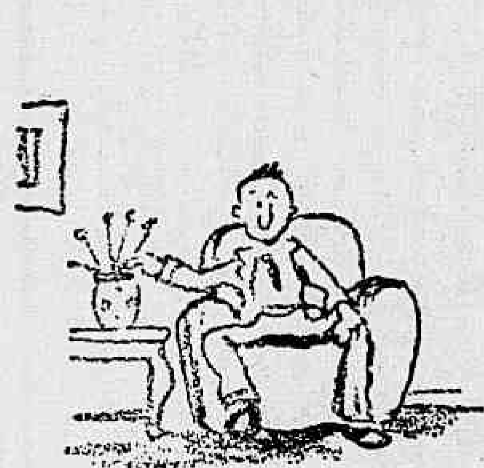
NA GRAVURA inferior, outro flagrante do rio Zêzere, depois da barragem. Tôda essa região vem sendo assiduamente visitada por turistas e estudiosos, que procuram tomar conhecimento da grandiosidade dêsse empreendimento hidro-elétrico



ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

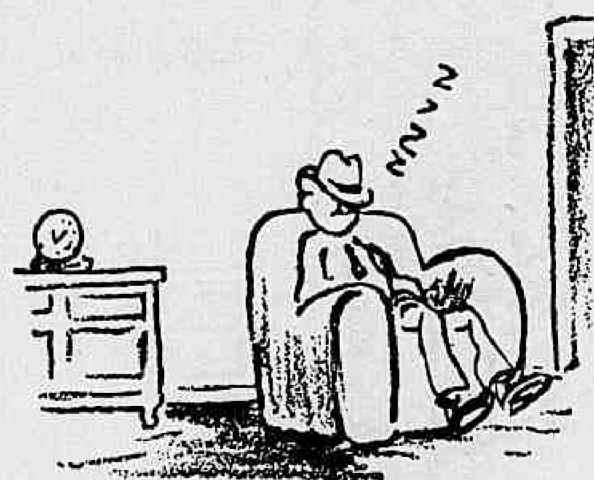
CREAÇÃO DE DARCY

MANUAL DO MARIDO PERFEITO







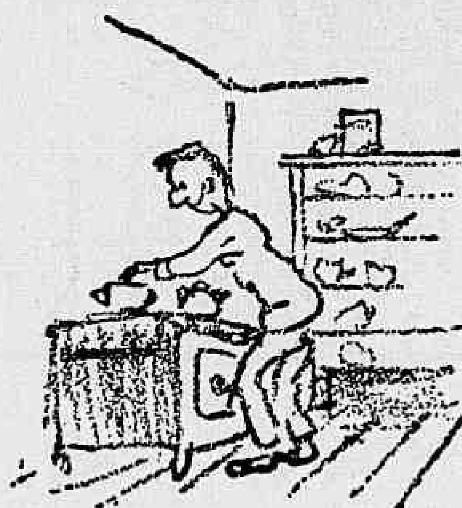




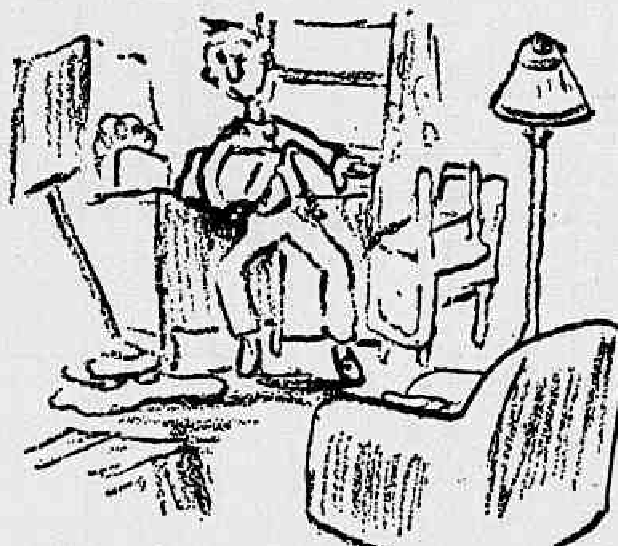






















FAVELA, NÃO! ALTO LÁ!

REPÚBLICA DE ESTUDANTES

UMA FAMÍLIA UNIDA ★ AS APERTURAS DOS ESTUDANTES ★ COMO FOI «DESCOBERTA» A REPÚBLICA ★ LIVROS COMPRADOS A CRÉDITO ★ A LAVADEIRA, O CERZIDOR E O ENGRAXATE ★ UM SUSTO PROVOCADO PELO «FANTASMA» ★ UM RECADO DO REPÓRTER

Texto e fotos de JORGE LYRA

QUANDO tomamos ciência de que, em plena capital da República, existia uma favela de estudantes, não quisemos acreditar. Seria lá possível que rapazes cultos pudessem sujeitr-se a morar em favelas? Não, não era verossímil. Sabiamos a grande dificuldade que assola todos os estudantes brasileiros. Sabiamos que, para estudarem, têm de comprar livros a crédito e pagá-los com o suor do seu próprio corpo. Tínhamos conhecimento de que, muitos fazem tremendos jejus a fim de poderem manterse e à família. Consultaramos os fichários das livrarias que vendem a prazo. Estávamos, enfim, entrosados perfeitamente na matéria. Mas, que os estudantes vivessem em favelas, não. Isto jamais nos passara pela cabeça.

Não crendo na notícia, tomamos um *gostosão* e rumamos para a praia vermelha, onde, diziam estar localizada a favela. No "hall" da Faculdade de Medicina, vários rapazes conversavam, depois da aula, trocando idéias sôbre os assuntos da mesma. Aproximamonos e, depois de nos apresentarmos, perguntamos:

— Por favor, onde fica a "favela" dos estudantes?

— Favela, alto lá! República de estudantes. Não venha com a idéia dos outros.

Desculpamo-nos porque outros alunos já se aproximavam com ar ameaçador. Era melhor retratar-nos. Foi o que fizemos por amor à máquina...

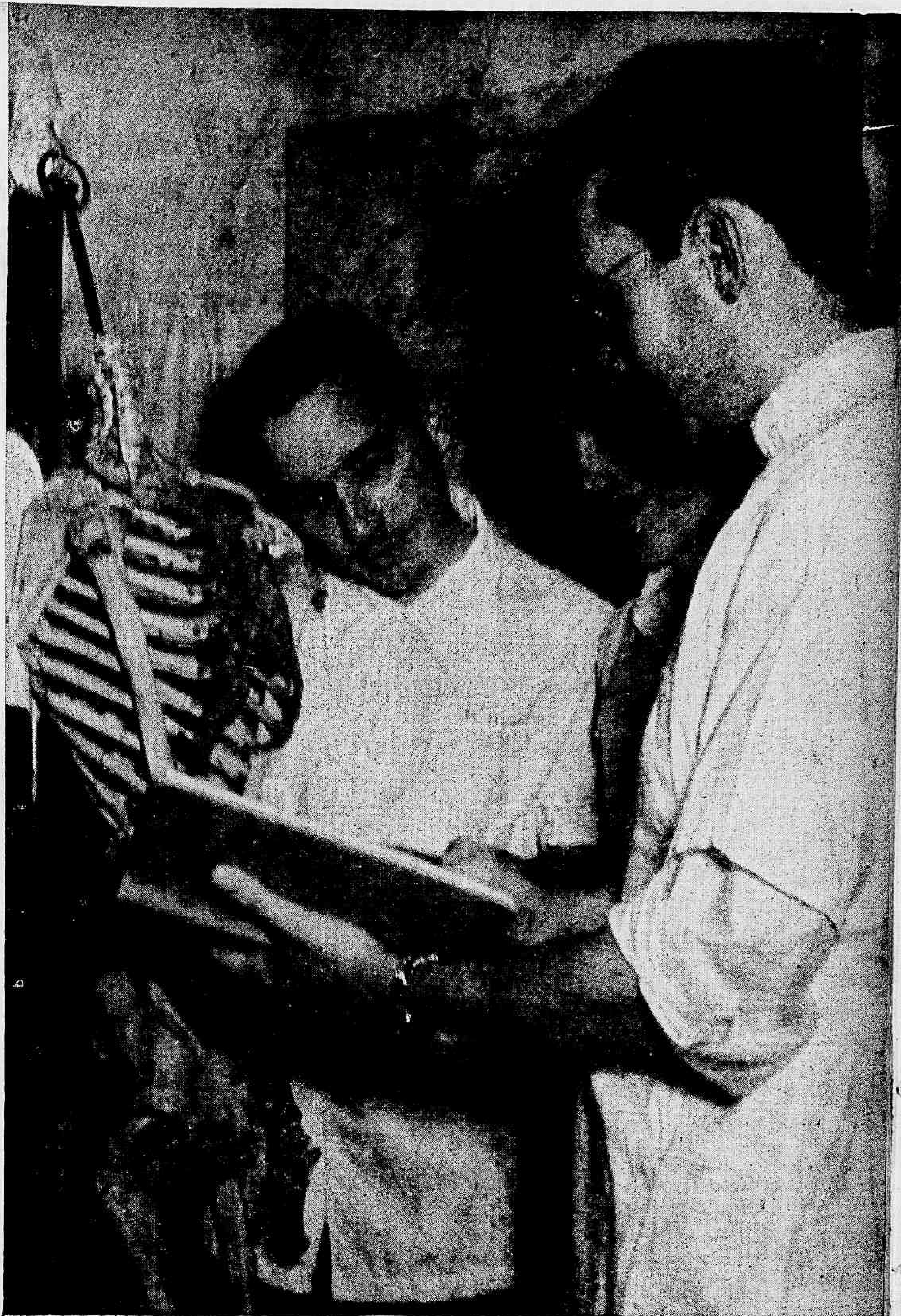
Passada a primeira impressão, entabolamos conversação com os rapazes, e um dêles, mais solícito, nos mostrou a República que fica aos fundos da Faculdade de Medicina. Encontrando a porta aberta, entramos como se fôsse nossa casa; ninguém pelos corredores, silêncio absoluto. Fomos andando e deparamos com o banheiro, onde alguns rapazes se banhavam. Preparamos o "flash" e, sem mais aquela, batemos o primeiro flagrante, ante o espanto dos rapazes:

— Que negócio é êste?

Explicamos nosso *negócio* e, imediatamente, a notícia se espalhou pelos quartos. Fomos cercados por mais de trinta estudantes. Todos queriam fotografar-se. Um dêles nos levou até ao quarto, onde um colega dormia e, depois de batida a chapa, um deles disse:

— Olha, ninguém diga ao fulano que lhe bateram o retrato dormindo. Façamos-lhe uma surprêsa.

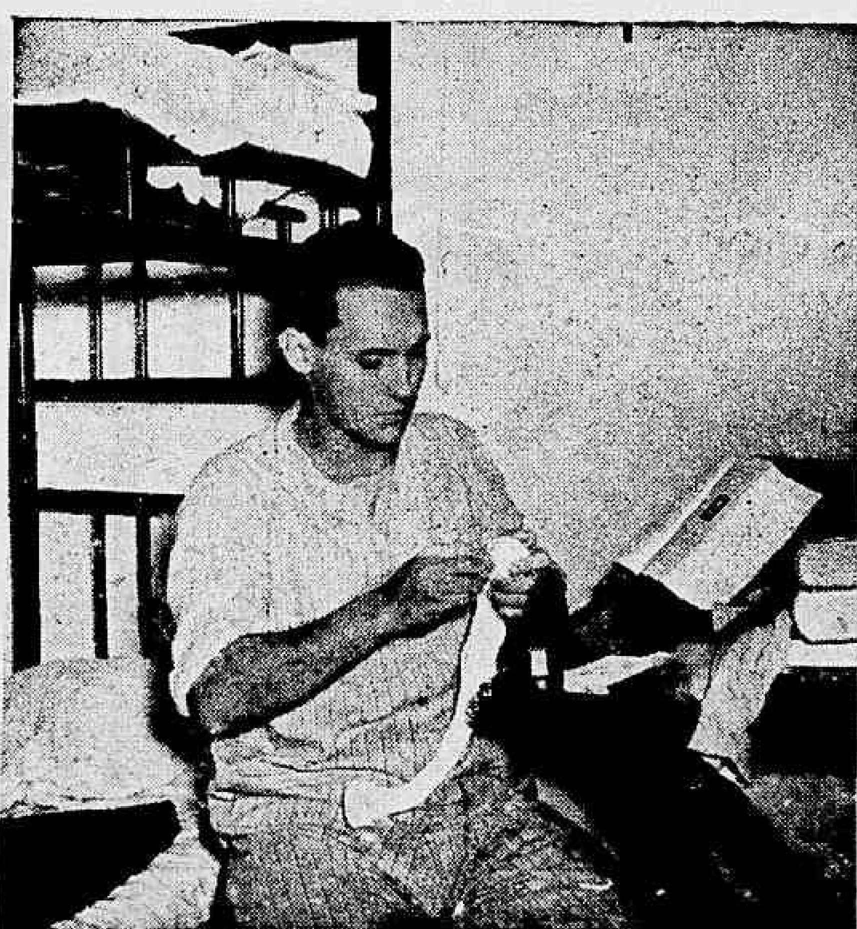
Todos concordaram e aos risos, alegres e despreocupados, foram mostrando-nos a sua república. Já familiararizados com a moçada, pusemo-nos à vontade e compartilhamos da alegria que havia em



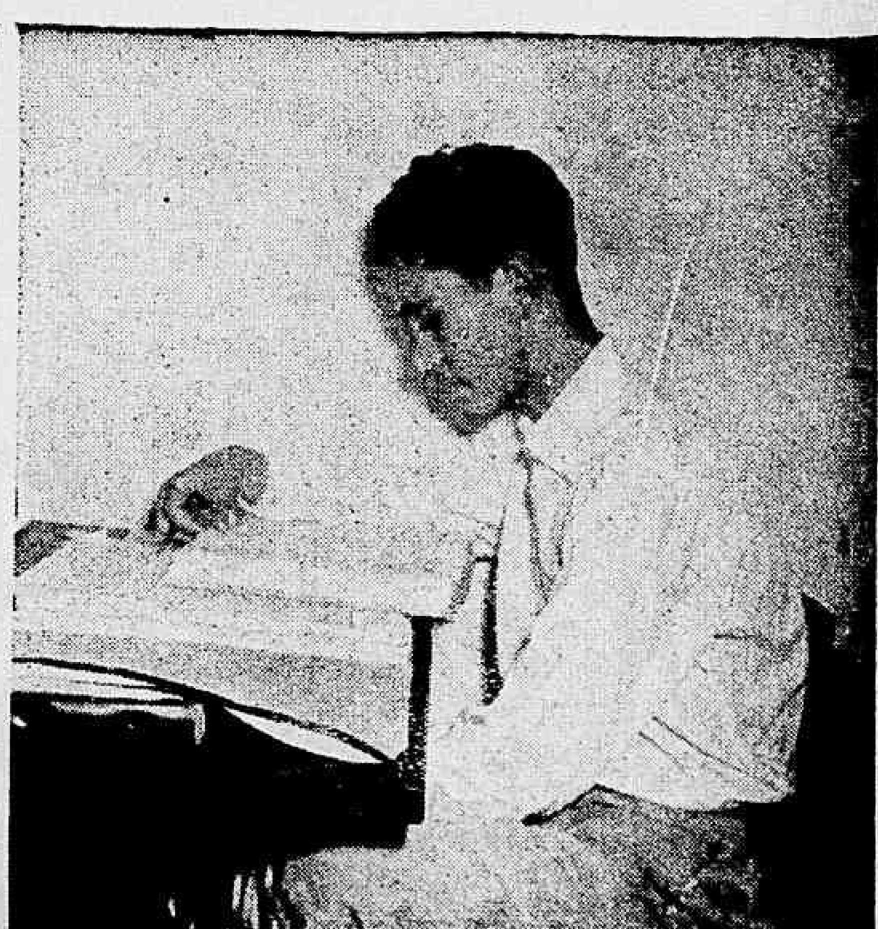
OS LIVROS para estudo são adquiridos, de u'a maneira geral, a longo prazo. Enquanto descansam das fadigas das aulas vão carregando suas pedrinhas, voltando ao estudo que a coisa é dura. E como sofre o pobre esqueleto!...



QUE é isto rapaz, viraste lavadeira? Mas que lavadeira és que nem o cigarro da bôca tu tiras? Ô vida malvada!



ENQUANTO não se ganha dinheiro na profissão, que dê para pagar cerzideira, vamos cozendo nossas meias. É duro?



DEBRUÇADO por sôbre os livros, o «brotinho da República não quis nada com o fotógrafo. As provas estão, aí, está?





«DIGA trinta e três! Mais alto! Trinta e três!». E os doutores em embrião vão dando seus treininhos enquanto não chega o dia de porem em prática os ensinamentos colhidos na Faculdade. «Vamos! Trinta e três. Ah! Tu estás ruim».

OS SERESTEIROS da República não perdem vasa para aprimorar seus conhecimentos musicais. Se falharem na

cada rosto, que se espraiava em cada coração, uma alegria jovem se é que ela tem idade...

Entramos em um por um dos quartos; êles são, verificamos, todos iguais. Nota-se a ausência da mao feminina. Sapatos pelo chão, toalhas penduradas, camas por fazer, livros esparramados pelos quatro cantos, pincéis de barba ainda com sabão, apostilas jogadas por sôbre a cama. Desarrumação total e absoluta.

UM POUCO DA HISTORIA DA REPÚBLICA

A república de estudantes que hoje existe surgiu, há alguns anos, por "descoberta" do estudante àquela época, hoje formado, que atende pela alcunha de "Mestre". Êste rapaz, pobre, tinha um grande ideal na vida — formar-se em medicina. Sòzinho no Rio de Janeiro, sem recursos para estudar, enfrentou o seu primeiro emprêgo — garção de botequim, com o qual podia fazer face a uma modesta pensão no subúrbio e estudar. O primeiro ano do curso se passou e o segundo também, mas, ao chegar ao terceiro ano, Mestre não pôde mais trabalhar para manter seus estudos, isto é, não pôde mais ter um emprêgo permanente, teria de viver agora inteiramente devotado à medicina que era a razão de ser da sua luta. Abandonou o emprêgo e viu-se a braços com dois problemas — alimentação e dormida. O primeiro era resolvido com Cr$ 2,00 e esta importância era fácil arranjar. Mas a dormida? Bem, pensava o Mestre, Deus, quando fêz o mundo, colocou um grande telhado por sôbre êle — o céu, e fêz uma grande colcha branca para que os pobres pudessem dormir — a areia da praia. E foi assim que o Mestre, êsse extraordinário rapaz que os estudantes de hoje relembram com saudade passou a dormir à luz das "estrêlas".

Quando S. Pedro abria as torneiras do céu, o Mestre sofria terrìvelmente e quando, no dia seguinte, aparecia na aula todo molhado, roupa amarrotada, sapatos encharcados e os colegas extranhavam, êle respondia, baixando a cabeça:

— Caí numa poça d'água!

Mas um dia o Mestre, entrando pelo matagal que existe ao lado da Faculdade, encontrou uma casa velha. Olhou, parecia não haver ninguém; bateu palmas, ninguém atendeu, bateu à porta, nada. A noite já vinha estendendo seu manto negro sôbre a terra e os céus pareciam querer derramar muita água. Mestre forçou a porta e esta cedeu. Entrou e viu-se dentro daquela casa enorme, completamente vazia. Tirou o palitó, pendurou-o num prego e deitou-se. Nesse dia não apanhou chuva. Quando no dia seguinte, entrou na Faculdade, os colegas o olharam espantados porque sua roupa não estava amarrotada e, antes que perguntassem o motivo, o Mestre explicou:

— Não caí na poça d'água.

Todos riram e a vida continuou. Já agora, em vez de sòmente o Mestre, havia outros estudantes. Dois, três, quatro, dez amigos reunidos na mesma casa, estudando juntos, sofrendo juntos. Daí surgiu então a idéia de o diretório Acadêmico desviar parte da verba relativa ao trote dos calouros para o levantamento de uma casa para os estudantes que seria localizada nos fundos da Faculdade, a idéia ganhou corpo, frutificou e já se tornou realidade.



ESTA NA HORA de os brotos da medicina se recolherem aos seus leitos. Muitas vêzes a subida não é muito fácil. Êste aqui, por exemplo, está sofrendo para subir ao 2º andar.



DEPOIS DA AULA, nada melhor do que uma boa soneca. Sonha-se que já se é doutor ou que se vai com a namorada ao cinema porque, na vida real, não há muito dinheiro para isso



profissão vão tocar em uma estação de rádio. O cantor experimenta seu agudo, para as eventualidades. Seguro



«FREQUENTAREI salões chiques, terei meu barbeiro particular, farei misérias». Enquanto não chega êsse dia...



«E SE ACABASSE a água agora, hein. Que sinuca! Teria de ir falar com a guria todo ensaboado. Neca de bolo!»

Hoje, a república abriga trinta e quatro estudantes, em véspera de abrigar outros tantos. Um grande empreendimento, sem dúvida nenhuma.

OS APERTOS DOS NAMORADORES

Tudo, na República, é feito a tempo e a hora certos. De manhã, aula, de tarde, aula, de noite estudar, e aos domingos, só nêsses dias, namorar, noivar ou *namoricar*.

Contou-nos um estudante o apêrto por que passou um dêsses dias, na porta de um elegante cinema de Copacabana. Vestido no seu terno domingueiro, sapato bem engraxado, pelo engraxador oficial da República, cujo nome, assim como os outros, é segrêdo jornalístico, nosso amigo achou que a namorada estava desejosa de ir ao cinema. Só em pensar nisto, um calafrio percorreu-lhe todo o corpo, — estava com quarenta centavos para o bonde na volta, assim mesmo emprestados por um outro colega. A moça parou em frente ao cinema olhou, os cartazes e insinuou:

— O filme deve ser bom.

Nosso amigo fêz ouvidos de mercador e fêz menção de andar, porém, a moça, por sua vez, ficou indiferente, parada olhando os cartazes. Vendo que o rapaz não se decidia, resolveu ser mais franca:

— Meu filho, vamos entrar?

Novo calafrio percorreu todo o corpo do rapaz. A saída, pelo amor de Deus a saída para não ir ao cinema. Olhou a moça, parada em frente a êle esperando a resposta. Que dizer? Ah! já descobrira:

— Sou cego, minha filha.

A namorada olhou-o de baixo até acima, remirou-o e explodiu:

— O que você é, é um têso. Té logo.

Virou-lhe as costas e deixou o pobre rapaz sem programa àquela noite. Que culpa tinha êle de ser têso, também, havia muita mulher no mundo. Sete para cada um, segundo a estatística. Passada a decepção saiu, faceiro, atrás das outras seis...

OS SERESTEIROS MEDROSOS

São quatro os seresteiros da República. Um toca violão, outro sanfona, outro gaita e o quarta canta músicas populares. De noite, enquanto os colegas, de quarto fechado, estudam suas lições, sentam-se lá nos fundos da República e começam a serenata. Um dêsses dias cantavam suas serestas alegremente, despreocupados da vida, quando entrou pelos fundos um "fantasma", todo vestido de branco, um vasto lençól arrastando-se pelo chão, com o esqueleto de estudos aparecendo por sôbre o lençol, aproximou-se do grupo e perguntou com voz cadavérica:

(Cont. na pág. 44)



"COMO É, rapaz! Larga o osso que eu também quero falar ao telefone". Mas nosso amigo não larga o osso. Tá bom!

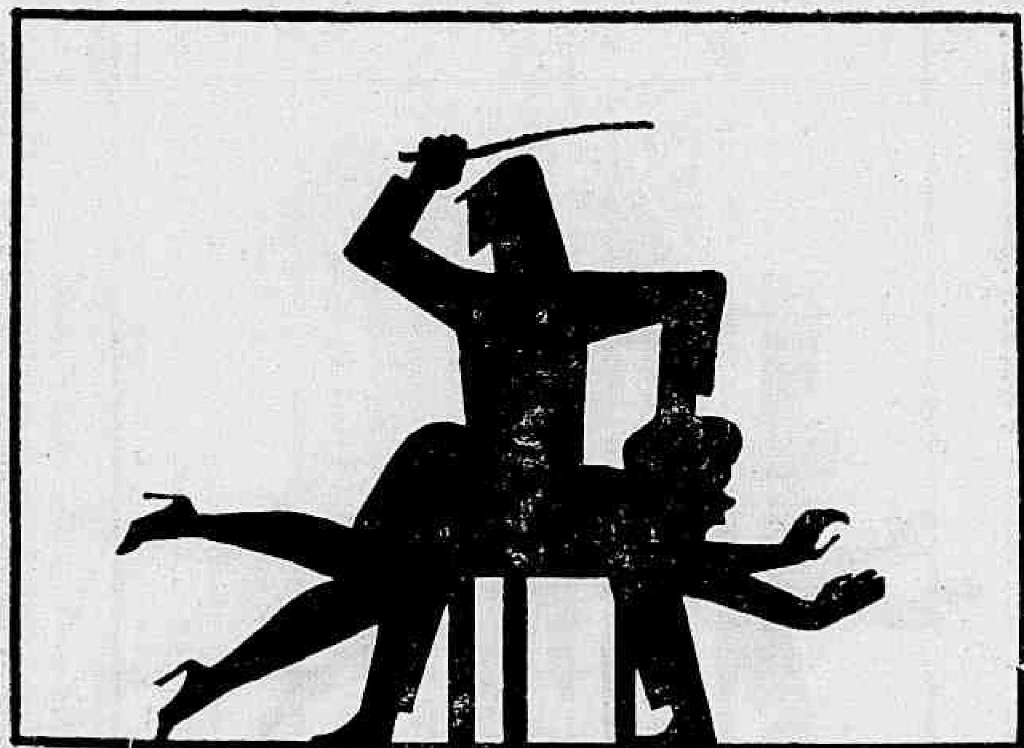
Nem Corôa!



CÃES SELVAGENS — QUANDO O CÃO DOMESTICO VOLTA AO ESTADO SELVAGEM, ESQUECE A LINGUAGEM QUE PARECE TER APRENDIDO COM O HOMEM E QUE É, PARA ÊLE, UMA AQUISIÇÃO PURAMENTE ARTIFICIAL. OS CÃES DAS PLANICIES ARGENTINAS SÃO ABSOLUTAMENTE MUDOS QUANDO LEVADOS PARA ILHAS DESERTAS. POSTOS EM CONTATO COM O HOMEM, SÓ MUITO MAIS TARDE DEIXARAM OUVIR A SUA VOZ.



PRETO NO BRANCO



PANACEIA

PENSAMENTO — O DINHEIRO NÃO FAZ OS CASAMENTOS, MAS SUSTENTA-OS.

PALACIO



ESTA É A FAMOSA e inexpugnável Cidadela, onde a moçada nas horas de lazer, vai olhar os brotinhos que, travessos, cruzam as ruas da cidade. Descer, não, e a gaita?





FAR-WEST E SING-SING, duas famosas Repúblicas de Ouro Prêto, onde as coisas, como nos mostra a fotografia, não andam muito boa. Virou hospício!

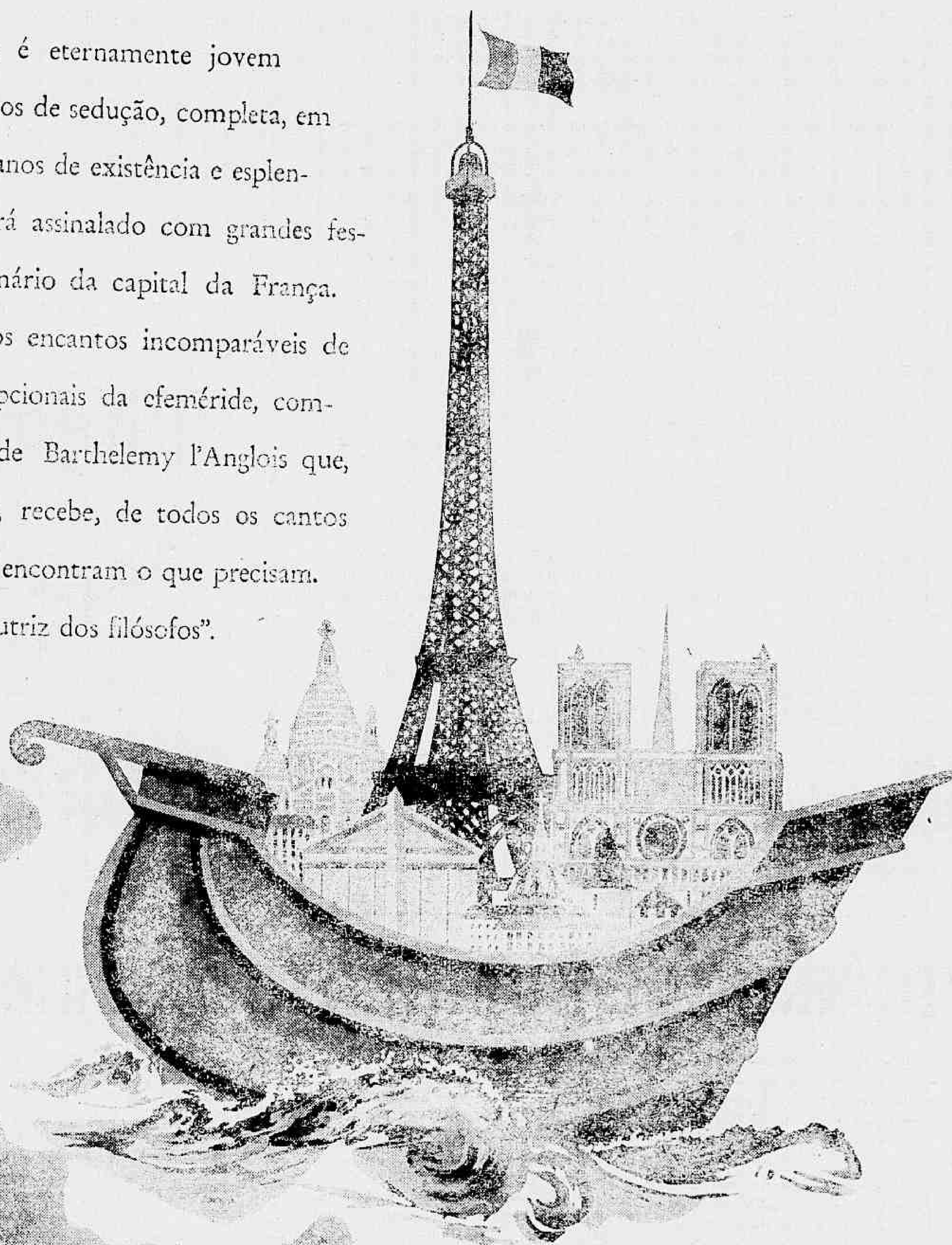


QUE É ISTO, MOÇADA, estão insinuando que a cabeça de burro deve ser do Chopin ou será que estão referindo-se aos calouros? Expliquem isto direitinho. Está legal?

PARIS

tem 2000 anos

A velha Paris, que é eternamente jovem pelos seus encantos e atrativos de sedução, completa, em 8 de julho, os seus 2.000 anos de existência e esplendor. E todo o ano de 1951 será assinalado com grandes festejos, para celebrar o bimilenário da capital da França. Ali, os visitantes, atraídos pelos encantos incomparáveis de Paris e pelos festejos excepcionais da efeméride, compreenderão aquela afirmativa de Barthelemy l'Anglois que, em 1.106 já escrevia: "Paris, recebe, de todos os cantos do mundo, os que lá vão e lá encontram o que precisam. É a mãe das sete artes e a nutriz dos filósofos".



SERVIÇOS OFICIAIS DE TURISMO FRANCÊS

370, PRAIA DO FLAMENGO - RIO - TEL: 45-0565

Voga Publicidade

ÁLBUM DE FAMÍLIA

MÁRIO BHERING foi um dos grandes animadores de nossa imprensa ilustrada, um homem de ciência voltado afetuosamente para o encanto das letras a que ofereceu o veículo de revistas que marcaram época em nosso meio, algumas ainda existentes, perpetuando-lhe a memória harmoniosa — como «Ilustração Brasileira», «Fon-Fon» e «Careta», em cujo grupo de fundação se contava — outras já desaparecidas, mas cuja lembrança está ligada ao aparecimento de muitos dos grandes nomes atuais de nossas letras e de nossas artes.

Vamos transcrever aqui, para incluir o nome de Mário Bhering nesta galeria semanal, o pequeno estudo que o escritor Dormevilly Nobrega publicou sôbre êle, na série de «Figuras de Minas» que vem estampando na imprensa de Juiz de Fora.

★

Em Ponte Nova, aos 27 de janeiro de 1876, nasceu Mário Marinho de Carvalho Bhering, filho do casal José Ribeiro Bhering-d. Maria Francisca Bhering.

Seus primeiros estudos foram feitos com o barão de Macaúbas, em Barbacena, passando-se depois ao Rio de Janeiro para tirar o curso secundário no Colégio Pedro II.

Diplomou-se engenheiro-agrônomo em 1896, pela Escola Agrícola da Bahia.

Classificado em primeiro lugar em concurso para a Biblioteca Nacional, em 1902, passou a servir naquela repartição, chegando a ser seu diretor-geral durante 8 anos.

Foi colaborador de «O Imparcial» e do «Jornal do Comércio», sendo um dos fundadores das revistas «Fon-Fon», «Careta», «Ilustração Brasileira», «Cinearte», «Para Todos», «Revista das Estradas de Ferro» e «Kosmos».

Nestas publicações colaborou com os seguintes pseudônimos: Manuel do Cordovil», «Quinca Serapião», «Theophrasto X», «Ecce Emme», «Joca Figueiredo», «Zeca Tuliano», «Geca Tatu», «Eleutero Chaves, Sezefredo da Purificação» e «Manuel Pacheco».

Por não haver reunido em volume tôda a sua obra, aliás enorme, deixou de pertencer ao Instituto Histórico, para o qual fôra proposto, fazendo parte, no entanto, do Instituto Histórico de Ouro Prêto.

Foi Soberano Grande Comendador do Supremo Conselho da Maçonaria Brasileira e Grão Mestre do Grande Oriente do Brasil, tendo fundado com Moreira Sampaio a revista maçônica «Astréia», para a qual escreveu sob o pseudônimo de «Hipólito».

Em sua terra natal exerceu o cargo de diretor de Obras do Município, fundou o Externato Pontenovense e o jornal «Tupinambá», com o fim de criticar a administração municipal.

Publicou sòmente duas plaquetes: Sua tese a fim de obter o grau de engenheiro agrônomo e um relatório da Biblioteca Nacional. O restante de seus trabalhos pode ser encontrado nos jornais e revistas em que colaborava, especialmente na «Kosmos», no «Jornal do Comércio» e na «Ilustração Brasileira».

Foi sócio honorário da «Associação Uruguai-Brasil Pro Solidariedade Americana» e da Sociedade Capistrano de Abreu, tendo feito parte do Congresso de Geografia em Belo Horizonte, no ano de 1919.

Na revista «Kosmos» encontramos alguns trabalhos seus, a saber: Em 1908, «Diplomacia de antanho», «A Musa anônima» e «Emboabas»; em 1907, «Bandeirantes», Patriarcas invisíveis», «O Quero Já», «Um dia de D. João VI» e «Emboabas»; em 1906, «O prêmio da traição», «A morte de Zurubi», «O alvará de 30 de março» e «O casamento de Gonzaga».

Na «Ilustração Brasileira» foram publicados: «Brasileiros celebres em 1822», «O precursor», «Chico-Rei» e «Emboabas».

Aos 14 de junho de 1932, na cidade do Rio de Janeiro, faleceu Mário Bhering.

EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

José Escobar Faria, autor de «Os Dias Iguais» e de «Poemas de Câmera», traduziu «Burnt Norton» (dos Quatro Quartetos), de T.S. Eliot. José Escobar Faria pretende publicar a sua tradução pelas «Edições Alarico», nova editôra da capital bandeirante.

★

Milton de Lima e Souza, cuja estréia se deu em 1947 com o «Abecedário Interior», publicará dentro de alguns meses um novo livro em versos.

★

Geraldo Vidigal, autor de «Predestinação», lançará um novo livro de poemas, intitulado: «Cidade». As ilustrações serão de Darcy Penteado.

★

O poeta de «Rumo Enxuto», Ruy Affonso Machado, casou com Elizabeth Henreid, jovem estrêla do Teatro Brasileiro de Comédia. O casamento foi um acontecimento nos meios artístico-sociais de S. Paulo.

José Geraldo Vieira e Maria de Lourdes Teixeira voltaram da Europa, depois de uma ausência de dois meses. Dia 13 do corrente. Sérgio Millet voltará definitivamente de Paris. E até o princípio de junho a escultôra Pola Rezende voltará de uma viagem pela França e pela Itália.

★

No Museu de Arte Moderna de S. Paulo inaugurou-se uma exposição de Antônio Bandeira, conhecido artista plástico recém-chegado de Paris. Na Galeria Domus, Emiliano Di Cavalcanti expõe os seus últimos trabalhos, enquanto o primitivo Cássio M'Boy expõe no Museu de Arte à rua Sete de Abril.

★

O poeta paulista Cassiano Ricardo está como diretor da editôra «A Noite», no Rio. Aliás, o consagrado poeta de «A Faceta Perdida» está preparando mais um volume de versos, sob o título: «Meu Caminho até Ontem», onde reunirá tôda a sua obra publicada até o presente momento.



ARMANDO ÉRSE DE FIGUEIREDO, o nosso querido e saudoso João Luso, jamais esqueceu o rincão natal. E o povo de Louzã jamais esquecerá João Luso. Ainda agora, na rua que tinha o nome do grande escritor, foi afixada uma placa com sua efígie e palavras de saudade e carinho.

O "DIÁRIO" DE HUMBERTO DE CAMPOS

MUITOS têm sido os comentários determinados pela publicação do "Diário" de Humberto de Campos. Transcrevemos abaixo alguns tópicos do artigo que Nelson Alves publicou no Suplemento do "Jornal do Povo", de Ponte-Nova:

"Infelizmente, Humberto de Campos não conseguiu situar-se num plano de observador imparcial, para realizar êsse trabalho; o seu senso de justiça e espírito crítico ficaram obliterados pela vaidade imensa, de que vem dando provas. Daí poucos haverem escapado à mordacidade do "Diário": para cada escritor, poeta, jornalista, político, em evidência, Humberto guarda uma referência desprimorosa; de cada um recolhe uma passagem pouco edificante, às vêzes escabrosa, em linguagem que nem de longe lembra a graça e a malícia fina e ligeira das historietas do Conselheiro X. X.

E' natural o desagrado que isso vem causando. Se Humberto de Campos tivesse, ainda em vida, arremetido assim contra todo o mundo, sua atitude teria pelo menos a virtude do desassombro, e um certo ar simpático de galhardia e quixotismo. Mas não será covardia deixar para publicar tudo aquilo depois de sua morte?

A parcela mais elevada está cabendo a Olegário Mariano, repetidamente qualificado, no "Diário", de poeta medíocre, homem inculto, cabotino e invejoso, conquistador vulgar, "figura imprecisa e tôla, incapaz de manter uma conversa inteligente durante quatro minutos", acadêmico que teve de ir a Buenos Aires encomendar o seu discurso de posse. Isso é imperdoável conhecendo-se, como se conhece, as estreitas ligações que existiram entre os dois. Lembro-me ainda da emoção com que ouvi Olegário Mariano recitar, ao microfone de uma emissora, o "Meu cajueiro", talvez o mais comovente capítulo das "Memórias", numa delicada homenagem a Humberto de Campos, que acabava de morrer. Percebia-se, sem esfôrço, que essa morte ferira fundo o cantor das "Últimas cigarras".

Mal sabia êste, então, que o companheiro, cujo desaparecimento êle tanto deplorava, havia, anos antes, com espantosa frieza, escrito, para divulgação póstuma, coisas desagradáveis a seu respeito. O revide de Olegário veio logo cheio de azedume, enumerando inclusive os diversos favores por êle prestados ao poeta das "Poeiras". E a réplica violenta não causou choque, embora a circunstância de estar sendo atacado um morto. E' que êste fôra o culpado de tudo, por não ter, em vida, com a sua clara inteligência, percebido o extemporâneo e a inconveniência daquele "Diário".

Surpreende-se, a cada passo, nesses escritos, duas preocupações, que muito explicam e esclarecem. A primeira é a de reproduzir todos os elogios, mesmo os tôlos e convencionais, feitos ao seu autor: "inigualável em brilho de linguagem em fôrça de imaginação", diz dele Coelho Neto; "poeta soberbo", afirma Goulart de Andrade; "o maior de sua geração", ajunta Luís Murat; multifúlgido", completa Martins Fontes. A outra é a de anotar tudo quanto possa concorrer para o amesquinhamento alheio.

Seu nome é, porém, o único que sai diminuido, sua memória é que perdeu na admiração de muita gente. Guardando, para explodir em 1950, aquela bomba de ação retardada, Humberto de Campos, longe de tornar odiosos tantos de seus contemporâneos, só conseguiu uma coisa: ver-se retratado fielmente, num retrato que não o favorece".



HUMBERTO DE CAMPOS

Fora do Prelo

ANGULO E FACE - André Carneiro — Cadernos do Clube de Poesia - S.Paulo

Mais do que no poema que dá título ao livro, esta epígrafe — «Angulo e Face» se ajusta misteriosamente a tôda a poesia de André Carneiro, êste novíssimo que, há cêrca de dois anos, lançou, em livro, o Clube de Poesia de São Paulo.

Dito isso, está proposto o problema — que não tentaremos resolver neste simples registro bibliográfico — o do léxico dos poetas, em que tôdas as palavras, mais do que na prosa, têm peso, são densas de conteúdo e de significação lírica, não pela raridade dos vocábulos, o que morreu com o nefelibatismo, mas pelo seu emprêgo, pela sua colocação no verso, conforme a lição de ELUARD. O exemplo já clássico dêsse fenômeno, na poesia nacional, encontramos naquele poema «Profundamente», de Manuel Bandeira, um poema de prodigiosa intensidade, realizado, exatamente, em tôrno e dentro do advérbio. Na poesia, principalmente na poesia moderna, o vocabulário tem uma situação excepcional. Se o que vale na prosa é a frase, na poesia o artista joga com as limitações mais exíguas da palavra, em um gramaticalismo que vem derrotando muitas sensibilidades incapazes de se exprimir, sobretudo de encontrar o seu dicionário, de conseguir uma construção específica para os seus versos.

Êste problema formal é tanto mais importante no caso de André Carneiro, com o seu objetivismo, sua extroversão, seu gôsto de pintar, em breves manchas, a vida que sente na paisagem e nas criaturas. Naturalmente, como plástico, êle abandona a música e, como o ritmo, nêle, seja um dado exterior à sua poética, êle prefere o verso curto, o ponto final, evitando perder-se nessa composição elementar. Mas, o que desejamos dizer é que sua poesia, sem que lhe falte a encantação lírica é tôda ela de superfície — o que não quer dizer superficial ou fácil — uma poesia, exatamente, de ângulos e de faces. E' nessa superfície significativa que êle encontra seu material lírico, sôbre o qual exerce sua penetração agudíssima. Lembra-nos êsses pintores de retratos psicológicos, capazes de fixar a vida profunda de seus modelos.

Para melhor sentirmos êsse poeta que parece não dar nada de si mesmo, distanciando-se do cacoête romântico de tanto moderno, teremos que citar alguns versos, por menos que nos agradem as mutilações de poemas, tanto um poema é um todo indivisível:

«O sangue das sombras corre
no peito da noite quieta».

Outro exemplo:

«Mãos se agitam
numa inconsciência vegetal.
Meus pés estão presos
em algas sem nomes».

Um terceiro:

«Êle veste a capa.
Num gesto lento,
a noite o absorve».

Por menos que pareça, **as qualidades essenciais do poeta estão nesses versos, escolhidos propositadamente nos poemas dêste belo livro.**

Dissemos que André Carneiro parece nada querer dar de si mesmo. Parece. Mas, o fato de não ser um poeta confessional, não o exime de participação. Não é um simples observador, é participante interessado no seu mundo lírico. Criou-o, a êsse mundo, mas não se pôs de fora, entrou nele, de coração palpitante, distribui-se na sua paisagem e nos seus sêres, sente e sofre com tôdas as coisas, generoso, mesmo sentimental, às vêzes, dando-se integralmente, sem pieguices pessoais, sem fraquezas, mesmo as de amor, desde que autobiográficas. Como está na primeira palavra do primeiro verso de seu primeiro poema, êste é um poeta voltado para fora, para o seu mundo — e nesse «seu» está fixado a sua participação, seu compromisso, sua presença — êle poderá nos repetir, em tôda a sua poesia: ««Olho».

★

ENSAIOS DE FILOLOGIA ROMANA — Harri Meier — Revista de Portugal — Lisboa.

No Brasil, depois de certo tempo, não **mais** deixaram de aparecer os compêndios de português. Não as gramáticas, tão apavorantes em seu carrancismo de querer ditar leis à evolução. Porque nos idiomas, afinal, também há lugar para, respeitando embora os princípios imutáveis, serem admitidas as adaptações à época; não as gramáticas, mas os livros de comentários, apostilas, notas, explicações em tom de conversa, naquele à-vontade que coloca o leitor a «trocar idéias» com o autor.

Não menor, já na quantidade, já na qualidade, é, no assunto, a produção de nossos irmãos lusíadas, representada por excelentes obras distribuidas, entre nós, pela benemérita Livraria H. Antunes, da qual recebemos «Ensaios de Filologia Romana», edição da Revista de Portugal, a magnífica publicação lisboeta. Da lavra de Harri Meier, o notável trabalho trata da Formação da língua portuguêsa; evolução dos pretéritos fortes; adjetivo e advérbio; origens do acusativo preposicional nas línguas românicas; a maiúscula, problema ortográfico e semântico; os olhos verdes na literatura; «Os Lusíadas» no romantismo alemão; a honra no drama românico dos séculos XVI e XVII.

Harri Meier, como se observa nas páginas de «Ensaios de Filologia Romana», é conhecedor arguto dos temas fascinantes que ventilou, não se lhe podendo perdoar, por isso mesmo, certos desleixos, como usar «evoluir» (verbo que não existe; vejam evolver, evolucionar), páginas 7, 17, 24. Fechemos êste singelo tópico de simpatia com as belas palavras de Harri Meier: «os problemas de ortografia são um pouco a gata borralheira da Filologia e da Linguística pròpriamente ditas.»

O LIVRO ILUSTRADO



Uma das ilustrações de Márcio Néry para o livro «Estância Assombrada» de Ramiro Frota Barcelos

CARICATURA DOS TEMPOS - Belmonte - Cia. Melhoramentos - S. Paulo

Popularizou-se o nome de Belmonte, entre nós, como desenhista. De fato, seu traço jamais deixou de exibir as mais altas qualidades de quem conhece pintura e geometria, num composto de ciência e arte que caracteriza pensamento e execução. Todavia, como escritor não é menos meritória a obra de Belmonte, como se verifica, fàcilmente, através de dois magníficos livros: «No tempo dos bandeirantes» e «A cidade de ouro», em cujas páginas o desenho, o estilo e a erudição harmoniosamente se reunem. Mais ainda: o senso crítico do saudoso artista predomina em tudo quanto realizou, senso que se foi apurando nas lides de imprensa, a que êle dedicou boa parte de sua vida. E' o que ressalta de «Caricatura dos tempos», série deliciosamente irônica de instantâneos de figuras e acontecimentos que desfecharam na última guerra e, pelo jeito, vão terminar produzindo outro conflito.

As «charges», que se admiram neste livro, publicado pelas Edições Melhoramentos, projetam-se para o futuro, numa espécie de profecia amarga e trágica. O bom-humor, a precisão da crítica, a graça das legendas casam-se com a profunda compreensão de cada vulto e de cada acontecimento focalizados.

Aumentando a utilidade e o valor de «Caricatura dos tempos», um calendário recorda as principais ocorrências determinantes da catástrofe bélica, além das registradas durante o seu transcorrer e nas respectivas consequências.

O volume serve, portanto, para meditações, infelizmente sugerindo coisas sombrias, a respeito dos destinos humanos, a que Belmonte, como desenhista e como escritor, sabia dar um toque humorístico, como quem põe, na caixa de Pandora, amplas reservas de esperança — «seriis joca miscèantur», como poderia dizer.

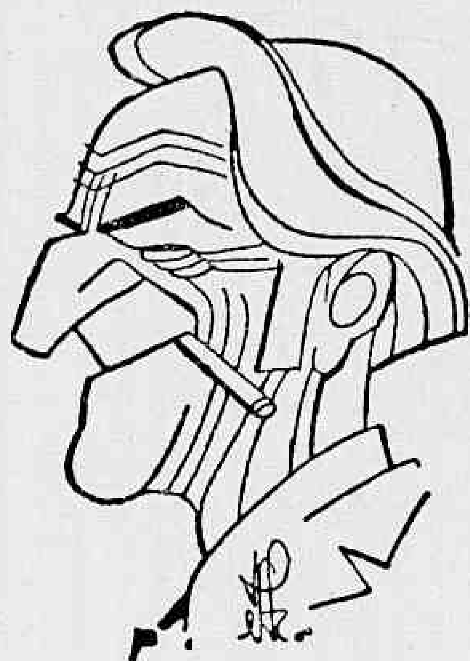
★

NARRATIVAS DE UM PSIQUIATRA — Heitor Péres — A. Coelho Branco Filho — Rio.

Esquizofrênico é hoje uma palavra muito usada. Assim, outros termos científicos da psico-patologia que fazem parte do vocabulário corrente da juventude atual. Se conversarmos dez minutos com qualquer colaborador da «Revista Branca», por exemplo, poderemos avaliar o quanto as letras modernas devem à psiquiatria, constatando como a juventude em nosso tempo se volta para os problemas científicos com o mesmo interêsse que dedica aos problemas estéticos, certa da relação entre uns e outros.

Assim, um livro como êste, de Heitor Péres, constitui um documentário que muito servirá à curiosidade do público, por isso que escrito por um mestre em doenças mentais. Médico, fazendo sua especialidade nesse campo em que a arte tanto tem se abastecido, Heitor Péres nos deu um livro onde fixa casos e personagens da vida real. Escrito com simplicidade, por um estreiante do mundo das letras, despreocupado de sensacionalismo, certo de que sua larga experiência poderá servir de lastro ao melhor conhecimento do assunto, Heitor Péres nos apresenta modestamente estas interessantes narrativas do mundo dos loucos, onde admiramos tanto a forma desataviada e comunicativa, quanto o acêrvo substancial, pela observação direta, pela penetração do especialista, pela escôlha dos casos que focaliza.

CONFERÊNCIAS NO MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO



OLEGÁRIO MARIANO

ESCRITORES, poetas, jornalistas, críticos de arte, homens de letras, tanto do Rio como dos Estados, vão realizar um ciclo de conferências públicas no auditório do Ministério da Educação, falando sôbre os mais diferentes assuntos. A primeira dessas conferências foi realizada por Olegário Mariano, que falou sôbre **um tema de expressão histórica e de orgulho filial: «Um Escravo da Abolição»**, ao mesmo tempo o perfil comovido e entusiástico de José Mariano, na palavra do filho ilustre. Os demais nomes dos conferencistas desta série do Ministério da Educação, iniciativa de alto alcance cultural do ministro Simões Filho, são os seguintes: Gilberto Freyre, Levi Carneiro, João Neves da Fontoura, padre Helder Câmara, Menotti del Picchia, Austregesilo de Athayde, Godofredo Filho, Murilo Mendes, Cecília Meirelles, Álvaro Lins e Luiz Viana Filho.

★

LÍRIO DE SANGUE

BAÍA DE VASCONCELOS

Quero-te junto a mim. Quero-te unida
Aos meus braços elásticos, nervosos,
Na sensação dos mais estranhos gozos,
Tonta de amor em ânsias, aturdida!

Quero-te junto a mim, olhos radiosos
Cravados nos meus olhos de suicida;
Lábios febris sugando minha vida,
Numa explosão de beijos vitoriosos!

Quero-te junto a mim, lírio de sangue,
Saciando esta paixão atroz, funesta,
Até que o corpo se me estale, exangue...

E, então, os astros rolarão nos céus,
E a terra tôda palpitando, em festa,
Nos cobrirá de flores e troféus.

★

NOTÍCIAS DE SÃO PAULO

Já há alguns anos que Fernando Góes vem organizando a ótima página literária do «Jornal de Notícias», de São Paulo. Todos os domingos, aí encontramos artigos, ensaios e poemas de José Geraldo Vieira, José Paulo Pais, Bernardo Gersen, Reynaldo Bairão, Ruth Guimarães e outros. As ilustrações estão a cargo de Darcy Penteado e de Aldemir Martins. Esta página literária, atualmente, é a única existente em São Paulo, destacando-se, não só pela seleção, como pela alta qualidade da colaboração variada.

Casamento Arranjado

QUEIROZ



O trem ia avançando e Euterpe mais e mais se ia convencendo de que não devia vir ao Rio. Ora se tinha cabimento! Sair de casa, de sua cidadezinha, deixar as amigas e a família para viajar ao Rio, à casa do tio Antenor e afinal encontrar um certo rapaz que, escreviam, "estava a calhar para ela". Euterpe é de natureza romântica. Anda pelos vinte e cinco anos mas em questões de amor pensa e até sonha como qualquer jovem de quinze. Acha que o casamento deve acontecer e não ser provocado. E que o acontecimento do matrimônio deve ser uma natural conseqüência de um amor à primeira vista quando os pares de olhos se fixam e uma voz interior lhes grita: "Achei a minha outra metade!" Assim pensa Euterpe do casamento. Por isso ela sentia forte repulsa ao convite do tio Antenor. Ora, meu Deus, nem que fosse uma enjeitada para viajar até ao Rio e vir a ser apresentada a um rapaz, na esperança geral de que ela viesse a agradá-lo. E' bem verdade que antigamente o casamento dos jovens era resolvido ùnicamente pelos pais, mas, naquele tempo, as moças ainda não tinham idéias próprias e o casamento, via de regra, era uma obrigação inevitável. Mas hoje, com a independência da mulher, Euterpe não conseguia entender o casamento senão como o resultado de um verdadeiro amor.

Bem verdade, Euterpe ia perdendo o viço, e continuava sem nenhum pretendente. Os rapazes com quem poderia casar-se, preferiram suas irmãs e suas amigas. Em Rio Doce já não havia ninguem que servisse para seu marido. A mãe de Euterpe, apreensiva, escreveu ao irmão que vivia no Rio, contando seus cuidados pelo futuro da filha. Foi há duas semanas que o tio Antenor escreveu a Rio Doce dizendo: "Mande-me Euterpe. Acho que encontrei o homem a calhar para ela".

A moça vinha remoendo tudo isso no trem, e não sabia, até mesmo, porque acedera. No íntimo — essa era a verdade — Euterpe gostaria de já estar casada. Ter a sua casa, o seu marido, as suas doces preocupações, ser objeto das atenções de um homem a quem dedicasse amor. Euterpe bem podia ver quanto carinho transparecia nas menores e mais usuais palavras que trocavam sua irmã Julinha e o cunhado. Uns sorrisos entrevistos, uns olhares mal disfarçados como se todo aquêle amor fôsse um verdadeiro segrêdo — como se ninguém soubesse que se amam. Dissimulavam. E tal sorte de amor excitava a imaginação de Euterpe. "Você é feliz, Julinha?" perguntou um dia à irmã. "Feliz como desejo que você venha a ser" respondeu Euterpe.

A moça olhava a paisagem mas não atinava em nada. Gostaria de se casar mas assim não. Casamento arranjado — não! Que o tio Antenor fôsse às favas! Não precisava de sua proteção! Que, primeiro, casasse as filhas, especialmente a Belinha que beirava os quarenta e estava solteirinha da silva! Isto até era ofensa. Mandar buscar a sobrinha para casar-se. Como se fôsse uma pobre coitada, desamparada. "Achara um homem a calhar..." Estava já imaginando! Devia ser velho, viúvo, cheio de filhos para criar, barrigudo, caôlho e careca... Ah, isso era ofensa! Era sim! Havia de dizer-lhe boas verdades na cara! Na cara! — e, fechando o punho, golpeou o braço da cadeira.

— Oh!

Meu Deus! o que fizera!

— O senhor desculpe, cavalheiro... Eu... Eu... Juro que não sabia que o senhor estava aqui. Sentei-me, e êsse lugar estava desocupado! Juro que não vi o senhor sentar-se. Machuquei sua mão?

— A mão? — E meneou a cabeça. — Desde que estou sentado aqui, vendo-a tão preocupada, tenho dado tratos à bola para atinar que aborrecimentos pode ter uma criaturinha tão linda. E vê-la sofrer me fez... me fez sofrer também... Eis porque, senhorita, não me dóe a mão mas, ai sim, dóe-me de mais o coração!

Euterpe ouvia o homem. As palavras chegavam-lhe aos ouvidos e ao coração e, por isso, hoje, ela não saberia reproduzi-las com serenidade. Euterpe tinha os lábios trêmulos, tentando falar qualquer coisa que a mente ignorava. Apenas conseguia ver os olhos pretos e aveludados, e as sobrancelhas certas e espessas, e o bigode ressaltando a alvura dos dentes e uma forma agradável de dizer, com uma voz tão quente e macia que Euterpe teve arrepios pois sentiu o contato delas em sua pele.

— Eu não o vi...

— Eu sei, senhorita. Eu sei que não me viu... Há horas que estou sentado a seu lado, vendo-a remoer uma contrariedade — quem sabe? um aborrecimento sentimental...

Euterpe sentia as idéias confusas e uma nova criatura nascia dentro dela.

— Eu não sabia que estava aqui... aqui a meu lado...

— Eu sei que não sabia, senhorita... Mas eu, desde que a vi, quando me sentei aqui, não consigo desviar a atenção para outra coisa ou pessoa que não seja... não posso olhar mais nada nem pensar em mais nada senão na senhorita... E como odeio êsse rapaz... Ama-o também? Diga que não...

— Eu? Que rapaz?

— Esse que a faz sofrer?...

— Que rapaz?

— Não é um rapaz que a contraria? não há um rapaz?

— Não conheço nenhum rapaz... Nunca amei ninguém... Nem ninguém me ama...

— Então todos os homens estão cegos?

Euterpe sorriu e mostrou como tem bonita a boca. O rosto é oval e gracioso, como os pêssegos maduros. Tem cabelos pretos, e ondulados, prêsos à nuca, deixando ver parte das orelhas delicadas.

As mãos se apertaram ao mesmo tempo e Euterpe pensou com um sorriso: "Afinal, amo alguém".

★

E assim foi a viagem até ao Rio. Euterpe e Arthur (é assim que se chama o rapaz,) em completa felicidade, viajaram umas boas horas sem darem conta do tempo, sem atinarem em mais nada. Já perto do Rio, Euterpe disse:

— Arthur, sou muito infeliz. Meu tio fez-me vir ao Rio para casar-me...

— Você o ama?

— Oh, Arthur! Só amo a ti...

— E antes de me conhecer?

— Nunca amei ninguém.

— Então porque acedeu?

— Eu não acedi. — E olhando-o nos olhos: — Eu nem o conhêço...

Ficaram calados.

— Euterpe, você quer casar com êle?

— Juro que não! Direi logo a meu tio que amo outro.

Arthur entregou-lhe o seu endereço. Euterpe deu-lhe o endereço de Rio Doce, de vez que esperava partir de volta o quanto antes.

★

Não foi o tio quem a esperou na estação. Foi a prima Zizi, porque o tio Antenor estava gripado. Os namorados se despediram e se apartaram.

— Que bonito o teu conhecido, Euterpe — disse Zizi.

Euterpe sorriu e disse lá consigo: "E' lindo! E eu o amo!"

★

— Como está bonita a Euterpe! — puxou conversa o tio Antenor, assoando-se.

Dona Nieta parou no meio do quarto com as mãos na cintura e disse ao marido:

— Acho bom botar mais remédio no nariz.

— Não quero! Já disse que aquilo tira o sono.

Dona Nieta, sentada à beira da cama, começou a trançar os cabelos. Usava uma camisola bem longa com punhos de renda e gola ajustada ao pescoço.

— Sim senhor! A Euterpe ficou bonitona! — voltou o velho a dizer.

Dona Nieta, no íntimo, estava despeitada com a boa aparência da sobrinha do marido. Preferia que Euterpe fosse feia para não desbancar as filhas que saíram tão desfavorecidas.

O velho Antenor estava entusiasmado:

— Quando o rapaz der com Euterpe vai ficar louco! Vai-se decidir logo logo.

Dona Nieta ficou muito quieta, ouvindo, pensando. Pena que Zizi tivesse embeiçado-se pelo tal do Cardoso e insistisse num noivado infinito, há quaze dez anos. A posição do Cardoso não melhorava na firma, de jeito nenhum — e, enquanto isso, Zizi continuava esperando o dia do casamento. E até lamentava por Zizi não ter rompido com o noivo. Quem sabe se êsse rapaz que o velho Antenor ia apresentar à sobrinha não gostaria de Zizi?

— Antenor, você tem certeza que êle é bom partido?

— E' um bom rapaz. Trabalha há muitos anos para a Companhia. Os patrões estão muito satisfeitos com êle. Está sempre viajando. E' um trabalhador!

— Mas você tem certeza que êle vai gostar de Euterpe?

Não posso ter certeza, Nieta! Mas outro dia êle disse que gostaria de se casar. Então eu disse: "Tenho uma sobrinha que podia servir para você". Êle riu e não respondeu. Achei que não devíamos perder tempo. A mana me escreveu que Euterpe não tinha oportunidade nenhuma em Rio Doce. Então...

Dona Nieta apagou a luz e atravessou o quarto no escuro. Deitou-se, mas custou a dormir. Zizi a preocupava. Há dias vinha pretendendo dar um prazo ao Cardoso para se casar com Zizi. Ou casava logo ou dava oportunidades à moça.

★

Euterpe achou que não devia contar que se apaixonou por um rapaz na viagem. Depois da apresentação ao candidato do tio diria que não simpatizara e pronto. Voltaria em seguida.

E, sempre que podia, telefonava para Arthur:

— Querido, eu te amo.

★

O velho Antenor aproveitou o aniversário de Belinha para convidar o rapaz a quem destinara Euterpe.

Fizeram muitos doces e tôdas as jarras tinham flôres.

Euterpe, naquela tarde, telefonara ao namorado perguntando:

— Arthur, você gosta de mim?

— Gosto mais de você que de mim mesmo.

Eram os telefonemas que davam fôrças a Euterpe a suportar a execução do plano do tio.

Poucos foram os convidados. Só uns parentes. E uns dois amigos do velho Antenor.

— Mostre-se gentil com o moço, Euterpe. Os homens querem ser bem tratados — aconselhava Zizi.

Foi no momento em que Euterpe estava ao piano tocando a valsa "Olhos nos olhos", composição do Prefeito de Rio Doce, que ouviu o tio dizer atrás dela:

(Continua na pág. 44)

CONTO DE MOYSES DUE'K

ILUSTRACAO DE M. QUEIROZ



"PIED POULE"

ALÉM dos tecidos com quadriculados pequenos, usa-se também, muito, o padrão «pied-poule» graúdo. Aqui temos êste tecido empregado numa série de modelos. Casaco amplo, com bolsos enviezados, grande gola e mangas japonêsas. Vestido simples. Saia godé com bastante roda e dois grandes bolsos. Modêlo duas peças. Saia justa e casaco franzido com amplas mangas e gola terminando em ponta. Vestido em sêda, adornado na frente, nos punhos e no decote com botões de osso.



Um retrato de Isabey

POR uma destas tardes grisalhas, arrepiada entre "fourrures", encontrei-me, diante de uma vitrina de antiguidades, com uma velha conhecida, a Marquesa d'Osmond, pintada por Isabey. Nenhum encontro mais próprio para aquela tarde suave, alongando-se sentimentalmente, entre árvores, para os lados do mar. Era ela que faltava à beleza daquela tarde, em doces tons esbatidos de pastel. Isabey transmitiu tão maravilhosamente essa beleza miloitocentrintesca que, mesmo nesta velha oleogravura, ela se conserva perfeita, palpitante e leve, no oval da moldura dourada. E' bem aquela linda Aimée que inspirou aos seus contemporâneos, sob o "bon roi" Luis Felipe — tantas paixões de amor e tantas amizades profundas.

Fina, espiritual, parecia uma personagem de poesia, uma aparição em veludo azul, envôlta em gase, saída daqueles versos de Musset:

"Une vierge en or fin
d'un livre de legende,
dans un flot de velours
trainant ses petits pieds..."

A Marquesa d'Osmond realmente era o tipo do romantismo, com uma graça fim-de-século, um pouco mórbida, pequenina e etérea — imagem das Silfides que inspiraram Chopin, numa atmosfera de sonho, num jardim enluarado. Por ela se apaixonaram o duque de Gramont e Roger-Callard, quando a marquesinha, no esplendor de sua formosura, mantinha aquêle salão parisiense cujo brilho e cuja elegância as crônicas conservam e onde passaram as silhuêtas de George Sand e de Delphine Gay, suas amigas.

Foi no seu álbum de "jeune fille" que o chanceler Seguier escreveu, antes que ela se tornasse a Marquesa d'Osmond, êstes versos que combinam encantadoramente com o retrato de Isabey:

"Savez-vous pourquoi la nature
Fit Aimée en miniature?
Le fait est assez singulier:
On dit qu'un jour il lui plut d'essayer
Combien dans un petit espace
Pouvait tenir d'esprit, de vertus et de grâce."

LYSE











SILHUETAS ELEGANTES

APRESENTAMOS algumas das mais recentes e sugestivas creações de Paris para os dias frios da presente estação. São todos êles modelos de talhe perfeito e elegante, procurando realçar ao máximo a silhueta. Em cima, à esquerda, elegantíssimo «tailleur» em lã cinza, saia reta bem justa, com dois machos em baixo, casaco com bolsos embutidos enviezados, decote original, pontas arredondadas. À direita, gracioso modêlo com grandes bolsos, saia bem rodada, cintura justa. Em baixo, à esquerda, modêlo simples com saia justa abrindo em baixo. Casaco transpassado, com originais recortes, écharpe em musselina azul marinho, e à direita, em lã prêta, temos um modêlo sério e discreto.







COMBINAÇÃO DAS CORES

A combinação das côres, no vestuário feminino é um dos mais importantes detalhes. Um simples detalhe, uma luva, uma bolsa, um cinto, ou uma gola mal escolhida pode comprometer uma toilette inteira, tirando-lhe tôda elegância e originalidade. As côres devem variar também de acôrdo com as estações. As claras e leves devem ser empregadas no verão e na primavera; as mais neutras e pesadas devem ser escolhidas para o outono e inverno; o cinza, o beije, o azul-marinho, o verde escuro, o havana, o marron e o prêto são algumas das côres que combinadas harmoniosamente, proporcionam aspectos agradáveis, emprestando às «toilettes» elegância e originalidade.



TENÓRIO NÃO É . . .

(Cont. na pág. 43)

e pôs em relêvo a sua coragem e dextreza no puxar do gatilho. Mas, êle, jamais pensou em tornar-se cangaceiro ou pistoleiro. Aprendeu a atirar para se defender melhor. Contudo, sentiu-se bem ao ver o seu nome nas "manchettes" dos jornais cariocas. Seu ideal era educar-se, ser alguém pela cultura e não pelo cangaceirismo. Para alcançar isso passou a estudar à noite. Fêz os preparatórios e depois matriculou-se na Faculdade de Direito, onde tirou o curso de ciências jurídicas e sociais. Ainda como estudante, já advogava e era notória a sua eloqüência. Sendo orador fogoso, passou a tomar parte em comícios ,não tardando a dedicar-se inteiramente à política.

O desassombro e a franqueza com que falava em defesa das causas que patrocinava fizeram crescer o número dos seus inimigos. Entre êles estava Homero de Carvalho — perigoso empreiteiro da morte — assassinado depois. Apesar de tudo, tornou-se querido pelo povo de Duque de Caxias. Perguntamos-lhe como conseguiu isso e êle, sorridente, diz:

— "Muito simples: eu sou o único homem público que mora em Caxias. O prefeito, o juiz, o' promotor, todos residem fora. Nenhum tem coragem de morar aqui, alegando que o povo é desordeiro. O que é insulto, pois não há gente mais ordeira que a de Duque de Caxias. Os únicos desordeiros que há por aqui são os capangas da polícia. De modo que o povo quando precisa de socorro e proteção só encontra a mim para socorrê-lo e ampará-lo."

Vieram as eleições de 1945 e o dr. Tenório foi eleito deputado estadual sob a legenda da U.D.N. Ampliou o seu círculo de relações. Fêz novos amigos. Foi o advogado de causas importantes. Ganhou dinheiro e prestígio. Tornou-se o senhor absoluto de Caxias. Decorrido o período legislativo, vieram novas eleições em 1950. Candidatou-se dessa vez a deputado federal, ainda sob a legenda da U.D.N., obtendo mais de cinco mil votos só em Caxias. Todavia, o seu candidato a governador do Estado do Rio, que era o sr. Prado Kelly, fôra derrotado, ganhando o adversário — Comandante Amaral Peixoto. Assim, a situação mudou completamente. Os seus inimigos, que estavam silenciosos, quietinhos, andam agora assanhados, apregoando vingança. Panfletos têm sido distribuidos ao povo, concitando-o a revoltar-se contra o deputado que elegera. Rajadas de metralhadoras foram arremessadas contra as paredes de sua casa. Garantia de vida foi solicitada para o deputado. Os amigos têm sido presos e desarmados. Crimes misteriosos agora estão sendo descobertos e todos atribuidos a êle. Enfim, o povo caxiense vive, últimamente, sobressaltado, esperando de um momento para outro funestos acontecimentos. Mas o sr. Tenório não se afasta do lar. Enquanto a sua casa é vigiada dia e noite, êle entra e sai à hora que quer. Não há dúvida: o homem é corajoso. E' *peitudo*, como se diz na gíria.

★

Fomos a Caxias num domingo brumoso. Estivemos, primeiro, na delegacia. Receberam-nos o tenente Abílio Vieira e o sr. Haroldo, respectivamente, delegado e comissário da localidade. Estava também presente o Capitão Genaro da Costa Rubim, da sindicância do 1º B. C. da polícia fluminense. Falamos do motivo de nossa visita e o tenente Abílio, sorridente, disse:

— "Tudo aqui está calmo. São os jornais que exageram os acontecimentos. Nem mesmo polícia temos aqui. Apenas alguns sentinelas que, à noite, montam guarda à delegacia. Todavia (agora já sério) tenho ordens severas para não consentir no porte de armas. E já comecei a fazer uma limpeza geral. Todo aquêle que fôr encontrado armado, será punido. Seja amigo do sr. Tenório ou não. Isso não importa. Estou aqui para cumprir a lei. E ela será cumprida, não há dúvida. Quanto ao sr. deputado, nada tenho a dizer."

E como falamos que íamos até à residência dêste, acrescentou:

— "Êle está em casa agora."

★

Eram 17 horas quando nos fizemos anunciar. Imediatamente fomos levados à presença do homem que é tido como *a fera de Caxias*.

— "Hoje não tenho feito outra coisa senão atender a jornalistas" — dizia o deputado.

E interrogou:

— "Então, que vos traz aqui?"

— E' que estamos fazendo uma reportagem sôbre Caxias... e não se pode falar dessa terra sem primeiro falar no senhor — respondemos.

— "Em verdade, — disse o deputado Tenório Cavalcanti, — Caxias tem progredido muito. E, entre os males que faço e os bens que pratico, na balança dos acontecimentos o prato pende para o bem, e a gratidão do povo tem feito sentir-se nas eleições em que tenho sido eleito.

"Segundo o ditério de Catão — prosseguiu — o Censor, diz Tácito: a época sancionava o princípio de que todo romano deveria passar a vida inteira sendo lavrador ou magistrado. Os que fizessem coisa diversa seriam julgados ociosos.

"Na presente conjuntura, segundo o pensamento do poder dominante, quem não fôr operário, queremista ou tubarão é julgado inimigo do govêrno comunista ou bandido.

"Como não me podem acusar de outros qualificativos graduam a intensidade do despeito, os inimigos das liberdades públicas, com as acusações que me fazem os agentes da autoridade política partidária, de que sou pistoleiro ou acumpliciado de criminosos, como se tais acusações encontrassem apoio na mente da família comum dos homens de bem que me conhecem na intimidade, pois só assim se conhecem as imperfeições."

E prossegue:

— "Geralmente, quando a imprensa me procura é para me fotografar armado. Evidentemente, não posso negar que realmente "*Venci de revólveres em punho*", conforme o título de minhas memórias, que publiquei num vespertino carioca. Porém, outras armas eu tenho aqui dentro... Venha ver..."

Acompanhamos o dr. Tenório. Percorremos um longo corredor e depois subimos uma suave escada que conduz a um amplo salão nos fundos de seu palacete. Penetramos. Francamente; esperávamos encontrar muitas metralhadoras e revólveres... Mas qual foi a nossa surprêsa quando o chamado *deputado pistoleiro* mostrou-nos a sua grande biblioteca. Um colosso. Cêrca de cinco mil livros encadernados e um amontoado de revistas e jornais espalhados pelo gabinete ali estavam como *armas secretas* usadas por aquêle homem que outrora fôra copeiro e hoje é deputado federal.

(Cont. na pág. 44)

A ornamentação do lar resume-se na beleza dos móveis, e conservando-os com óleo de peroba.

Contra o esgotamento físico e mental!

VINHO DA VIDA

VINOVITA

RENOVADOR DAS FÔRÇAS

Tônico poderoso



BOLINHOS DE BATATA

½ kg de batatas, 1 ôvo inteiro, 2 colheres de farinha, guisadinhos de carne, azeitonas, ovos duros.

Esmagam-se bem as batatas cozidas e descascadas e misturam-se com o ôvo. Depois da massa estar bem fria, acrescenta-se a farinha. Fazem-se os bolinhos, espalhando a massa na mão e colocando no centro o recheio de guisadinho, ôvo duro picado e azeitonas. Frita-se em pouca banha, virando sempre para fritá-los parelho. O recheio também pode ser de camarão, galinha, verdura ou qualquer outro picadinho.

VERDURAS SORTIDAS E RECHEADAS

E' êste um prato muito bonito e de grande efeito. Recheiam-se 2 ou 3 cenouras, 2 ou 3 tomates, 2 ou 3 beterrabas, 2 ou 3 pimentões, 2 ou 3 ovos, 2 ou 3 batatas. Arruma-se tudo num prato, enfeita-se com alface e faz-se um môlho de maionese, para servir com as verduras recheadas. Pode servir-se também com môlho de azeite, onde se refoga cebola, tomate, pimentão e sal. Outra maneira de servir é com salada russa, feita com o que sobra das verduras.

FATIAS DE CHINA

Bater 11 ovos, até esbranquiçarem e tomarem consistência. Juntar 2 claras em neve, mexer ligeiramente. Levar a uma fôrma de louça ou barro, em banho-maria. Experimentar com um palito, que deve sair sêco, se está cozido. Cortar em fatias e passar numa calda fina, perfumada com vinho fino ou baunilha.

MÔLHO FRANCÊS PARA ALMÔNDEGAS

Fazer um refogado com gordura, cebola e 1 tomate. Juntar a água suficiente (1 ou 2 conchas). Colocar neste refogado as almôndegas, retirá-las cozidas com escumadeira e acrescentar a êsse môlho uma gema crua bem desmanchada, 1 colher-de-sopa de suco de limão e 1 colher-de-chá de maizena (rasa). Mexer em fogo brando até engrossar.

FEIJÃO

Para conseguir um bom sabor no preparo do feijão, deixe dourar bem a cebola e só o tempere quando já estiver bem cozido, tendo o cuidado de depois de temperado, deixá-lo no fogo 4 minutos no máximo. Caso contrário, desaparecerá o gôsto dos temperos. Podemos variar o gôsto do feijão variando os ingredientes do tempêro.

SOPA MAGRA

Levar ao fogo em água fria um pedaço de carne limpa. Uma cebola com um cravinho espetado, um pedaço de paio ou presunto. Deixar ferver até ficar quase tudo desmanchado. Coar o caldo e engrossá-lo com maizena ou farinha de rôsca. Passar na máquina tudo o que ficou na peneira. Juntar o caldo, acrescentar sal suficiente e enfeitar com agrião e torradas.

TORTA FINA

Junte 5 ovos, 1 xícara-de-chá de açúcar, ½ xícara-de-chá de farinha de trigo. Amasse bem e estenda com um rôlo. Forre a forma de torta e recheie com doce de fruta ou gelatina. A fôrma de torta deve ser untada com manteiga.

PIROGAS DE CENOURAS

Tome 12 cenouras grandes, raspe, afine bem as pontas, cave, dando-lhes a forma de pirogas, e leve a cozinhar em água quente com sal e 1 colher de açúcar. Prontas, retire, passe em manteiga, e encha com petits-pois escorridos e temperados com 1 colher-de-chá de açúcar e outra de manteiga. Serve para acompanhar assados.

BATATINHAS DE CHOCOLATE

Tome 125 gr de amêndoas sem cascas, ligeiramente torradas e moídas, e junte a uma pasta feita com 125 gr de biscoitos palitos, 75 gr de açúcar e 2 colheres de chocolate ralado. Molhe tudo com umas 3 colheres de leite e 1 de rum ou de licor. Ligue tudo bem e faça com pequenas batatinhas. Enrole em chocolate ralado e deixe a secar. Sirva em caixinhas de papel frisado.

OVOS RECHEADOS COM CAMARÕES

Cozinhe 12 ovos, e deite em água fria para soltarem as cascas com



facilidade. Corte ao comprido, pelo meio, tire as gemas, e guarde. Leve a cozinhar 1 kg de camarões sem cascas em 2 xícaras de água, com cebola, bastante tomate e cheiro. Escorra e passe pela máquina de moer carne. Côe o caldo dos camarões, junte 2 colheres de maizena, leve ao fogo para engrossar, incorpore a massa dos camarões e a metade das gemas cozidas. Deve ficar como um creme grosso e com êle encha apenas 12 metades das claras e o que sobrar deite no centro de uma travessa. Arrume ao redor uma grinalda com as claras recheadas, voltadas para cima, e sôbre o creme outra com as claras vazias voltadas para baixo, separando as duas cercaduras das claras deite, como uma listra, petits-pois. Cubra a parte descoberta do centro com um creme feito com 1 xícara de leite, 2 gemas cruas, 1 colher-de-chá de maizena e outra de manteiga. Depois de tudo pronto, passe a metade das gemas que sobrou pelo expremedor de batatas, diretamente sôbre a parte coberta do creme, para que caiam como cobrinhas. E' um prato muito fino, gostoso e fácil de compor, estudando-se a receita. Sirva quente.

BERINGELAS FRITAS

Tome umas 6 beringelas novas, descasque, corte ao comprido em

NA COZINHA

fatias bem finas e deite a tomar gôsto em uma mistura de sal e açúcar. Quase na hora de servir, passe uma a uma em farinha de trigo para secar, e frite em banha quente ou em azeite fino, se preferir.

CREME DE BAUNILHA

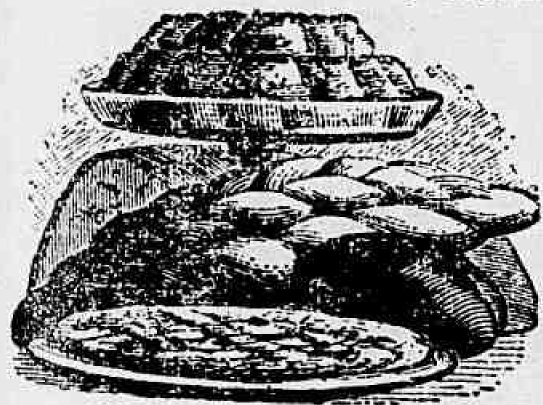
2 colheres-de-sopa de manteiga, 125 gr de farinha de trigo, 1 litro de leite, ½ fava de baunilha, 2 colheres-de-sopa de açúcar, 4 ovos, e uma pitada de sal. Mistura-se a farinha com a manteiga, o açúcar, o sal, a fava de baunilha e o leite. Cozinha-se até se obter um mingau liso. Retira-se a caçarola do fogo, deixa-se esfriar um pouco. Juntam-se então as gemas e as claras batidas, põe-se em fôrma untada e leva-se ao forno por espaço de 30 a 40 minutos. Polvilha-se com açúcar.

PUDIM DE OVOS

5 ovos cozidos, 2 ovos frescos, 1/4 de litro de leite, 50 gr de manteiga, 50 gr de farinha de trigo, 50 gr de açúcar.

Torra-se um pouco a farinha com a manteiga e cozinha-se com leite e açúcar, até que a massa se despegue da caçarola.

Quando esfriar um pouco, juntam-se as duas gemas e os ovos



cozidos cortados em pedacinhos, ajuntando-se então as claras, batidas em neve. Põe-se em fôrma untada e leva-se ao forno regular durante 25 a 30 minutos.

BOLACHINHAS DE FRUTAS

260 gr de farinha, 150 gr de manteiga, 100 gr de açúcar, 1 ôvo, 1 colher-de-café de canela, 50 gr de frutas cristalizadas, 1 ponta-de-colher de sal amoníaco em pó.

Com êsses ingredientes faz-se uma massa compacta, estende-se esta com o rôlo e cortam-se bolachinhas redondas. Põem-se em uma assadeira untada, pincelam-se com gemas e colocam-se em cada uma um pedacinho de laranja cristalizadas. Assam-se depressa em forno quente.

TORTA ZEBRA

120 gr de açúcar, 6 ovos, 170 gr de amêndoas, 120 gr de farinha de trigo, um pouco de cacau, anilina vermelha apropriada e 1 colherinha de fermento em pó. Batem-se o açúcar e as gemas como creme; misturam-se as amêndoas picadas, a farinha e as claras batidas em neve. Separa-se a massa em 3 partes, deixando-se uma parte branca; a segunda parte, tinge-se de côr-de-rosa e a terceira mistura-se com o cacau derretido.

Põe-se em uma fôrma untada e polvilhada com farinha de pão, alternadamente e às colheradas, estas três partes de massa, formando assim um desenho estriado, e levam-se ao forno moderado.

Cobre-se com um glacê de laranjas e enfeita-se com frutas.

SOUFLÉ DE GANSO

Toma-se o peito de um ganso, servindo também peito de pato ou de galinha. Passa-se na máquina, depois de cozido. Mistura-se 2 xícaras de leite, 2 colheres de maizena, pão torrado, dentro de um refogado de manteiga, ao qual não se deve deixar de juntar pimenta, noz-moscada, cebola e alho. Mistura-se por último a carne, mexe-se bem, leva-se para o forno em prato "Pirex", untado com manteiga e farinha de pão torrado. Serve-se com puré de ervilhas.

ATUM COM MAIONESE

Toma-se uma lata grande de atum, escorre-se o azeite, e mistura-se com 3 xícaras de puré de batatas e uma xícara de miolo de pão, desmanchado no leite. Tempera-se com pimenta, picles, mostarda e sal. Arruma-se numa fôrma, deixa-se repousar duas horas e retira-se da fôrma. Cobre-se com muito môlho de maionese e enfeita-se com salsa, claras picadas e azeitonas.

CAMARÃO COM ARROZ E VERDURA

Limpam-se as verduras e os camarões. Para 200 gr de camarão ou para 2 latinhas, empregam-se 2 xícaras de arroz. Deita-se o refogado numa panela com água e sal, na quantidade suficiente para cobrir tudo, com dois dedos de vantagem. Deita-se aí o arroz, 3/4 de hora antes do almôço. Cozinha-se em fogo lento. Acrescentam-se ervilhas e azeitonas, alcaparras e rodelas de ôvo duro.

SOPA DE CREME DE ESPARGOS

Aproveita-se o caldo em que se aferventou uma galinha, que se pode aproveitar para croquetes ou outro qualquer prato. Engrossa-se com maizena ou farinha de trigo; acrescenta-se o caldo da lata de espargos, 2 a 3 colheres de manteiga, 3 ou 4 gemas desmanchadas em vinagre e, por fim, os espargos.

LICOR DE BUTIÁ

Butiás, 1 litro de álcool ou de caninha boa, 1 quilo de açúcar. Deixam-se em fusão no álcool os butiás que se quiser. Quanto mais prolongada a fusão, tanto melhor ficará o licor, sendo, porém, indispensável que a vasilha esteja muito bem tampada. Quando estiver pronto, côa-se e filtra-se.

PEIXE DE PESCADOR À RIO GRANDE DO SUL

Os pescadores do Rio Grande do Sul preparam êsse peixe, que é delicioso. Partem o peixe, limpam, untam com gordura (às vêzes do próprio peixe), recheam com farinha e peixes pequenos ou camarões, enrolam muito bem em fôlha de bananeira e enterram na areia a alguma profundidade. Acendem sôbre o peixe uma fogueira que dura de acôrdo com a qualidade do peixe, apagam e afastam a fogueira, desenterram o peixe e servem.

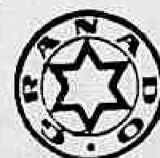
Esta receita vem aqui como curiosidade.



MUITÍSSIMO MELHOR

é a proteção da pele do bebê com um produto medicinal, cientificamente preparado, a um simples talco boratado!

Proteja o seu bebê contra os incômodos do calor (brotoejas, assaduras) com o inimitável...



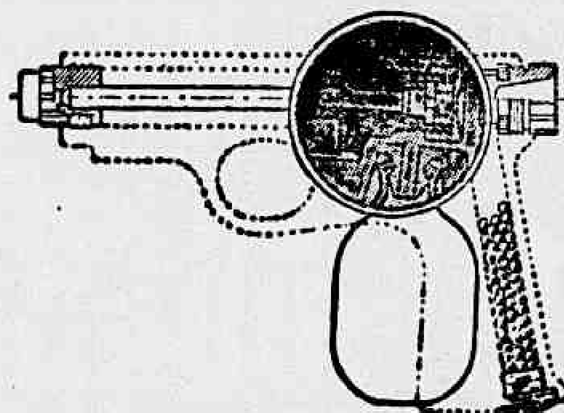
Polvilho Antisséptico GRANADO

UM PRODUTO CREDENCIADO PELO SÍMBOLO DE CONFIANÇA

Pistola "PNEUMA-TIR"

PATENTEADA EM TODOS OS PAÍSES

A pistola metralhadora atira 500 balins sem necessidade de carregar. Ar comprimido por novo processo



Corte da pistola

Permite o tiro ao alvo no interior de sua residência. Alcance regulável para 10, 20 e 30 metros. A pistola mais perfeita que se construiu no gênero. Não tem peças móveis, nem molas. Garantida contra qualquer defeito. Fabricada em várias côres

FABRICADA POR

ALFREDO ELLIS & CIA. LTDA.

RUA URUGUAIANA, 104

Tel. 43-0766 — RIO

Estojo contendo uma pistola, um desentupidor, uma alça de mira, 2.000 balins com 2 membranas sobressalentes

Cr$ 250,00 pelo REEMBÔLSO POSTAL

Caixa de munição com 2.000 balins, c/3 membranas sobressalentes Cr$ 15,00

Peço-lhes enviar-me pelo Serviço de REEMBÔLSO POSTAL, sem aumento de despesa, a PISTOLA «PNEUMA TIR», conforme indicação abaixo:

Nome ....

Enderêço ....

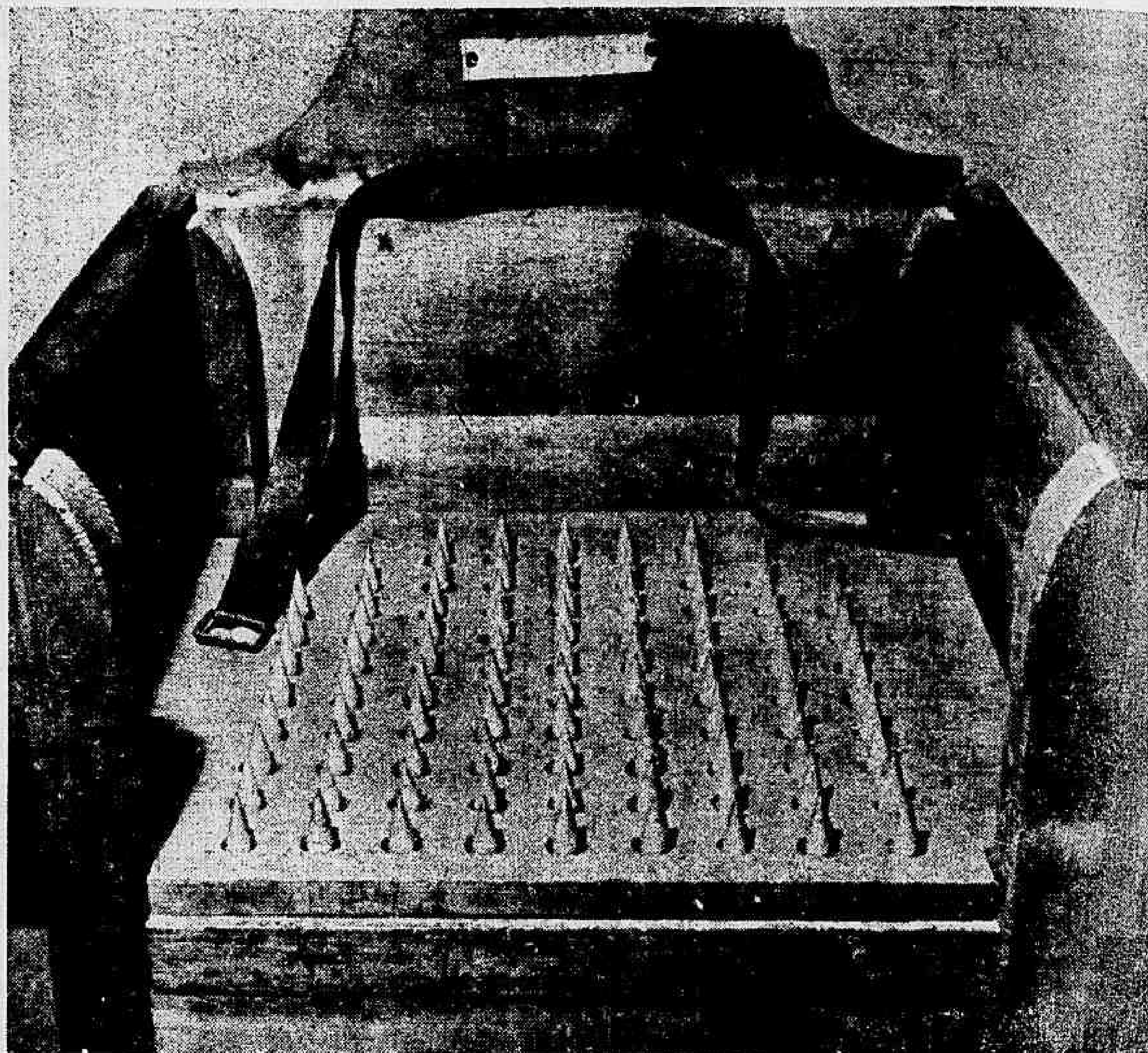
Cidade .... Estado ....

CRIME E CASTIGO

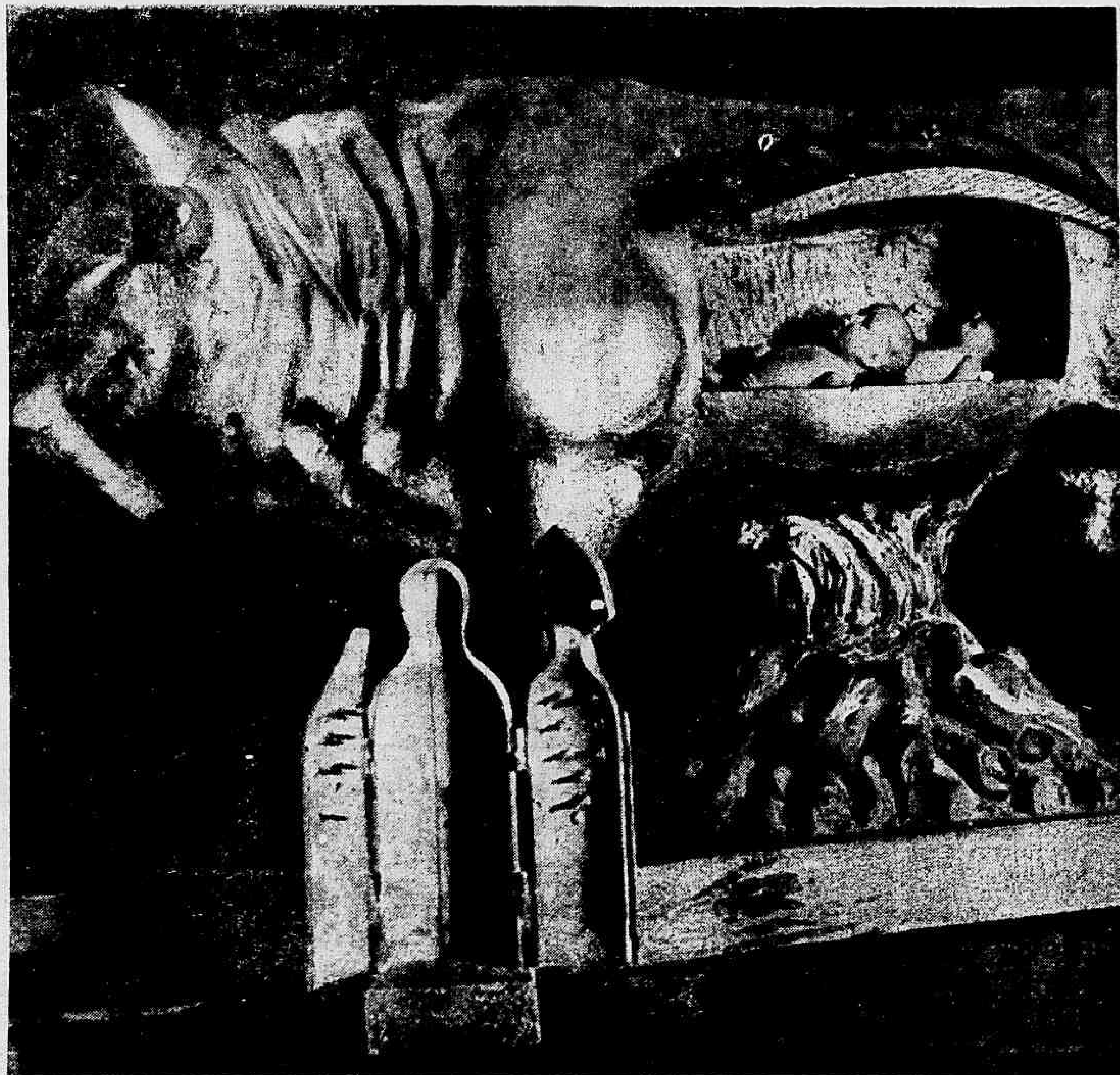
NO MUSEU CRIMINAL DE ROMA



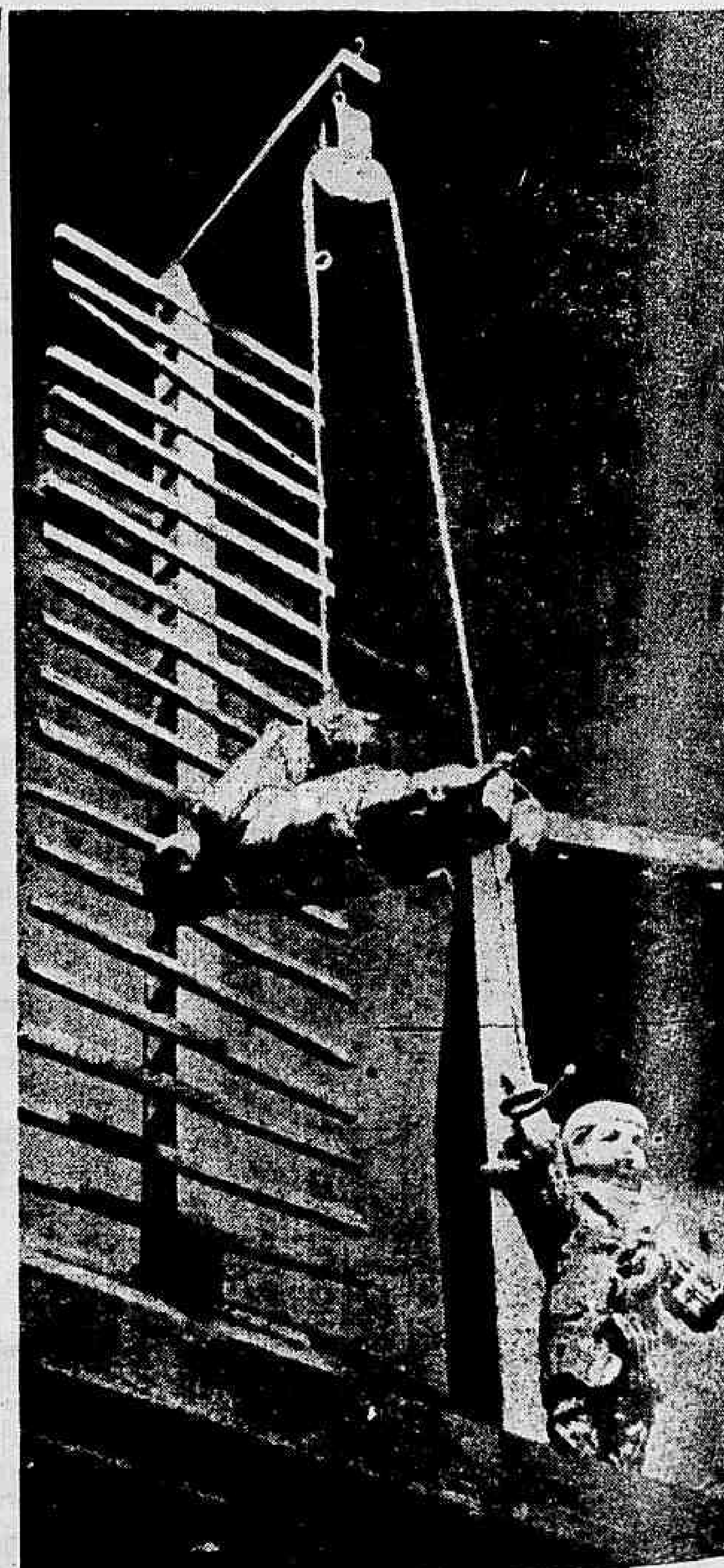
ESPÉCIE de brida imposta exclusivamente a mulheres acusadas de má língua, muito usada na Inglaterra e, sòmente abolida há cêrca de uns dois anos, por incrível que seja.



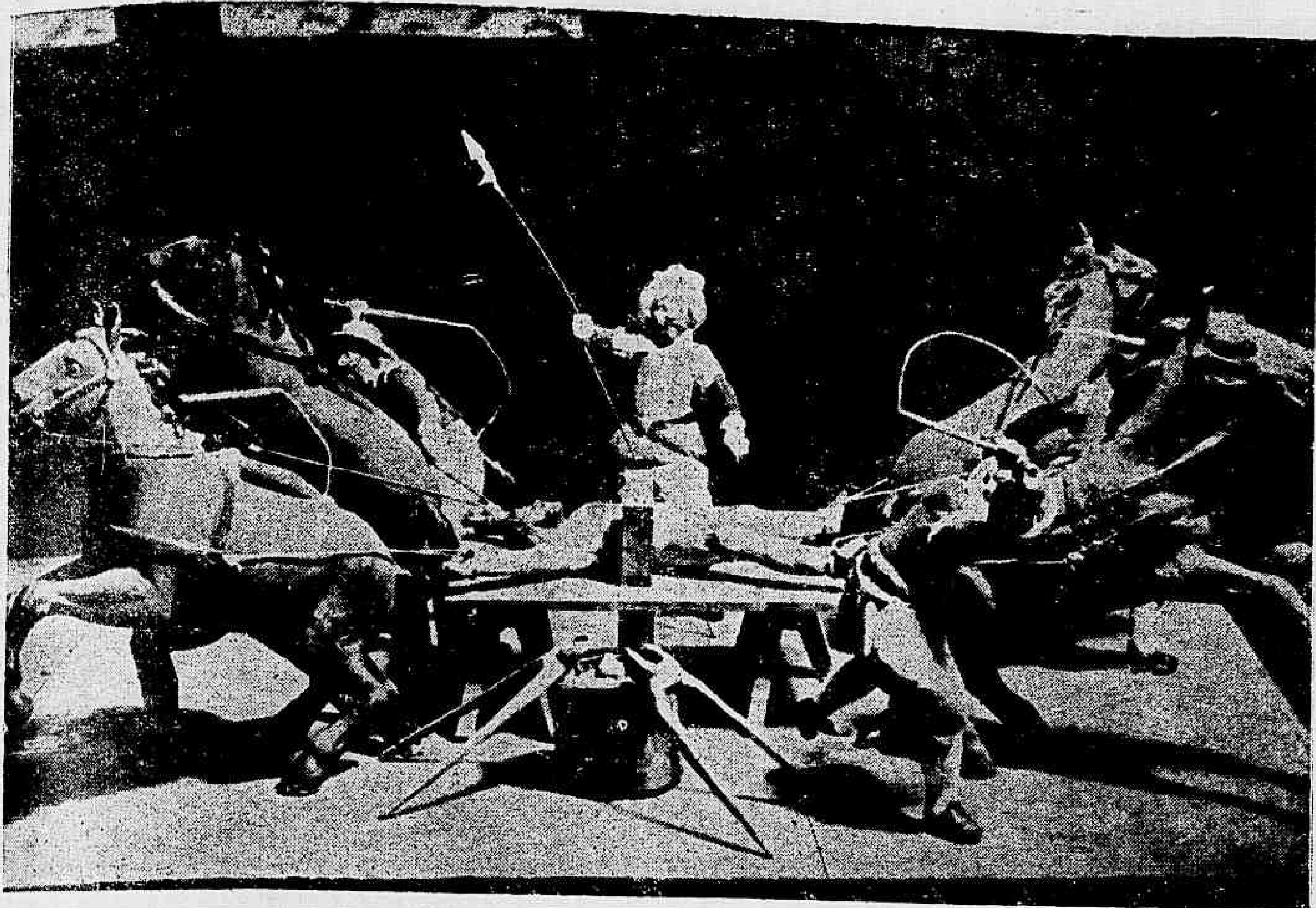
OUTRA FORMA de torturar presos para obter confissões: a cadeira de suplício na qual se sentavam os réus, devidamente amarrados. Êsse processo estêve em uso na Hungria.



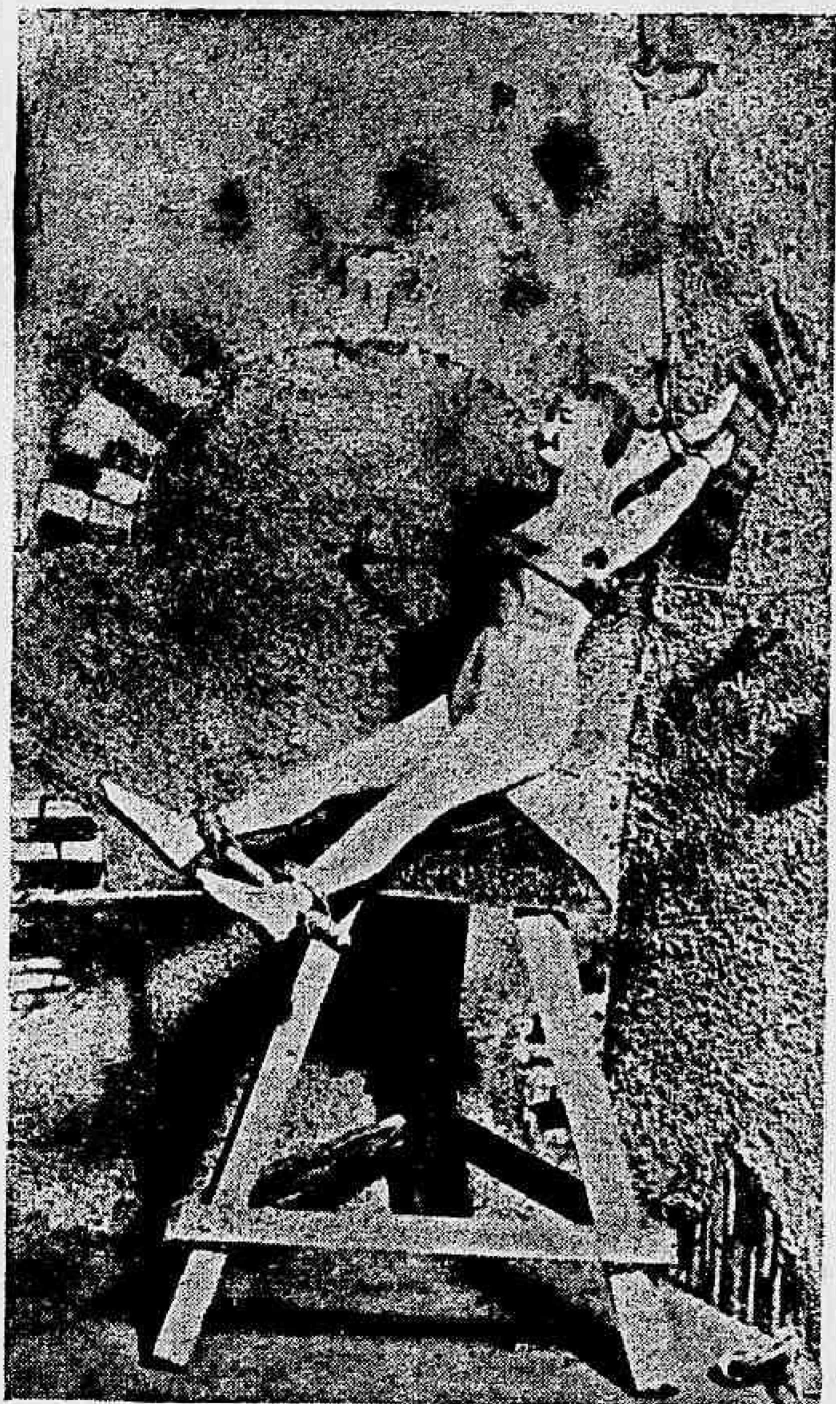
O «TOURO DE FALARIDE», tirano de Agrigento, e que viveu a 550 anos antes de Cristo, mandou construir êsse touro de bronze, dentro do qual cozinhava os seus inimigos e rivais.



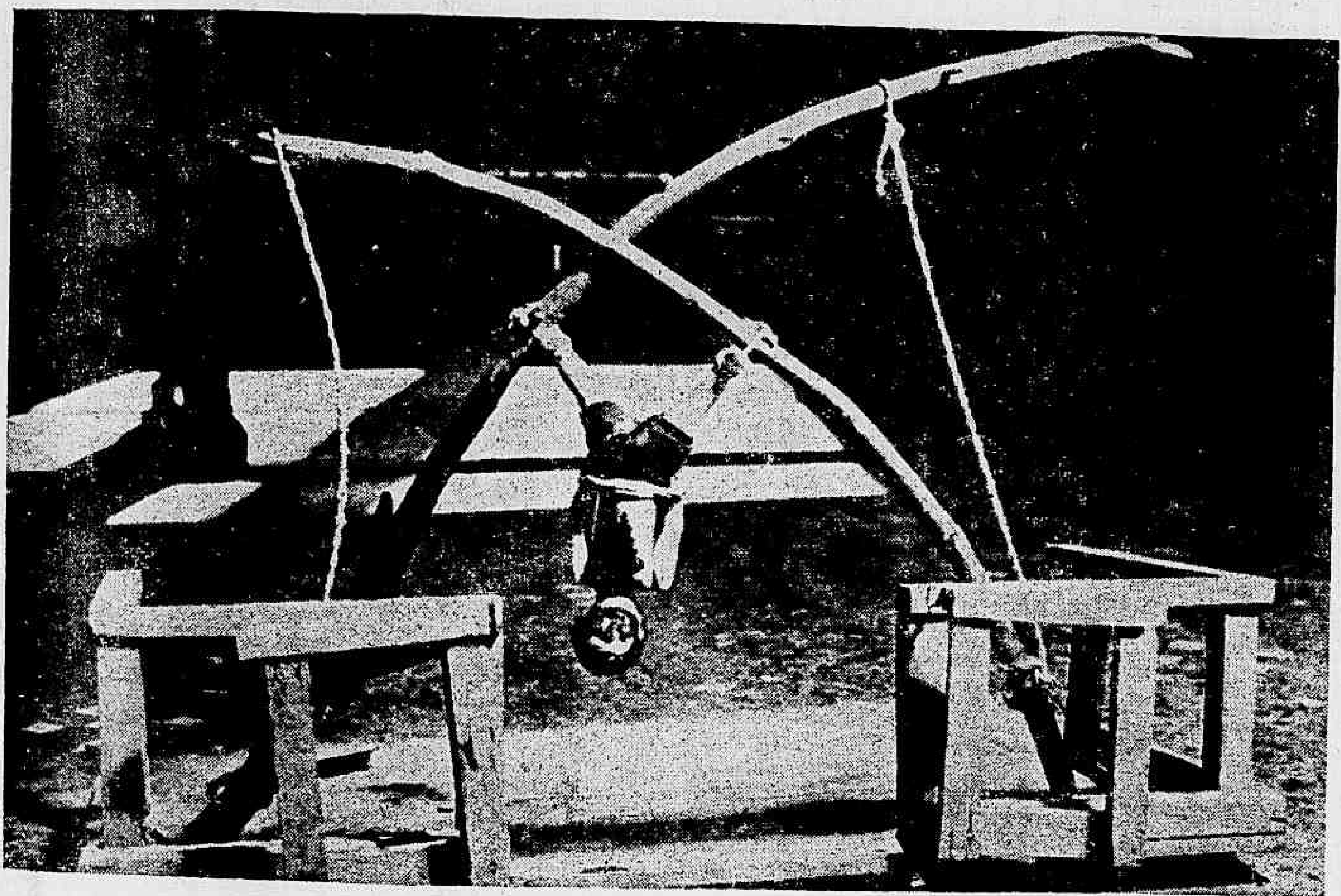
OUTRA TORTURA usada nos tempos antigos era a da escada. A vítima era suspensa pela roldana e, do alto, deixada cair batendo com a cabeça na escada e o corpo no chão.



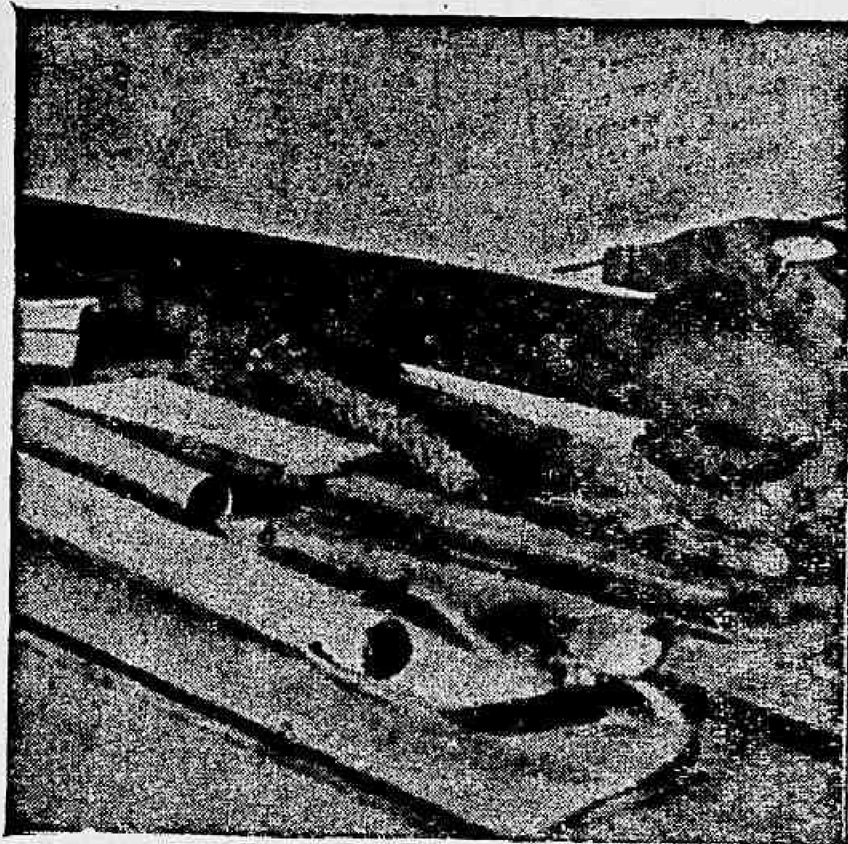
O SUPLÍCIO pelo crime de lesa-majestade era usado na antiguidade. O réu ficava deitado sôbre um estrado e os seus membros superiores e inferiores atados a 4 cavalos. O mais recente esquartejamento foi o do frade Ravaillac, em 1610.



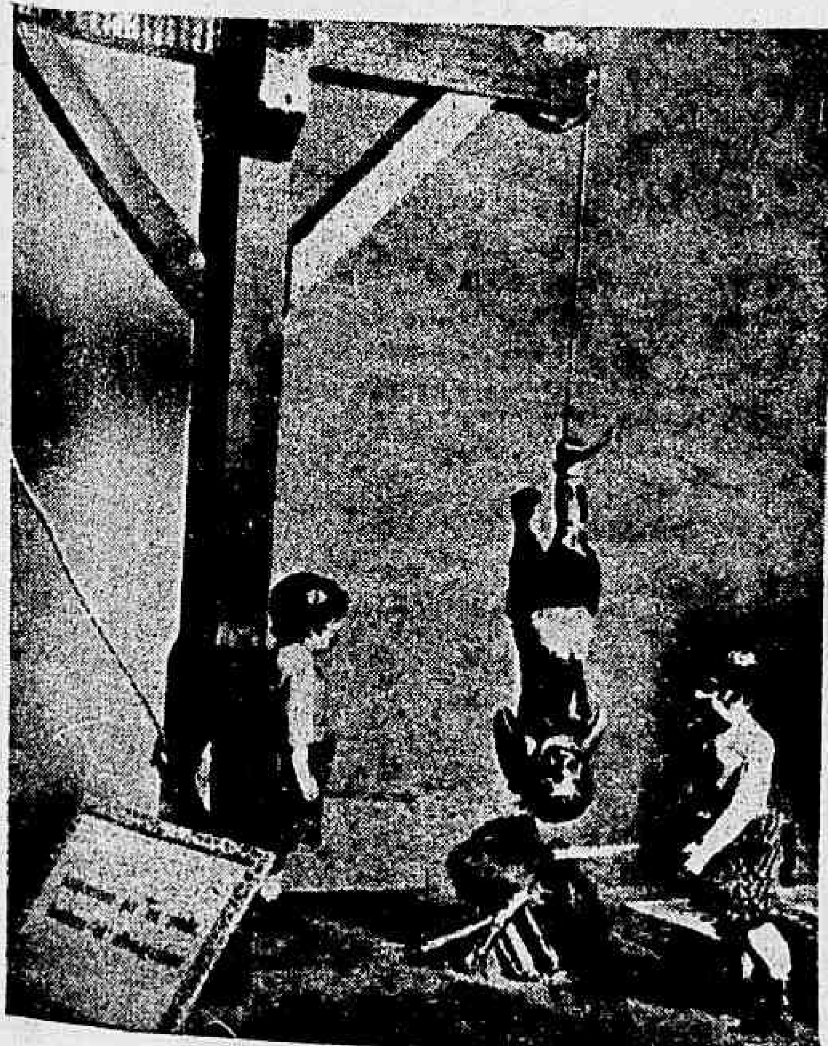
ESTA era a chamada tortura da «veglia», de complicada ideação, mas, como tôdas as daqueles tempos, horripilante.



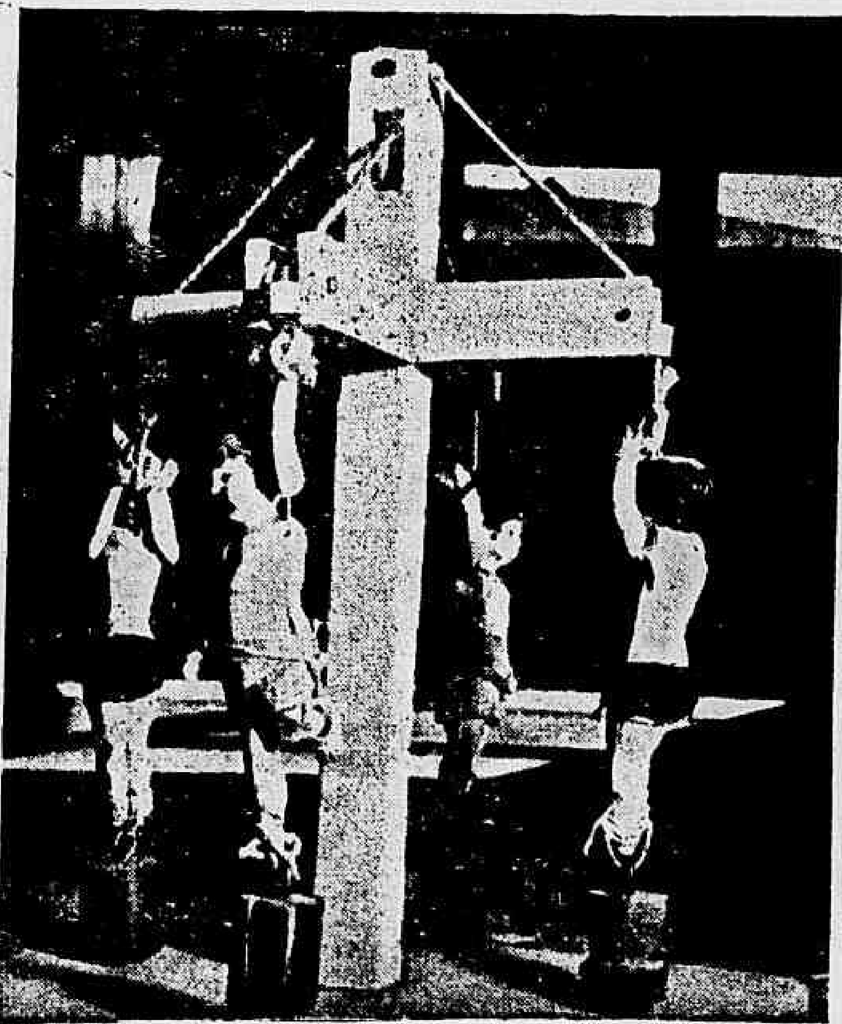
OUTRO PROCESSO de esquartejamento usado entre os povos bárbaros da Europa, era executado por meio de duas hastes fortes e flexíveis de árvores, entrelaçadas, nas quais se amarrava, de cabeça para baixo, o desgraçado perseguido.



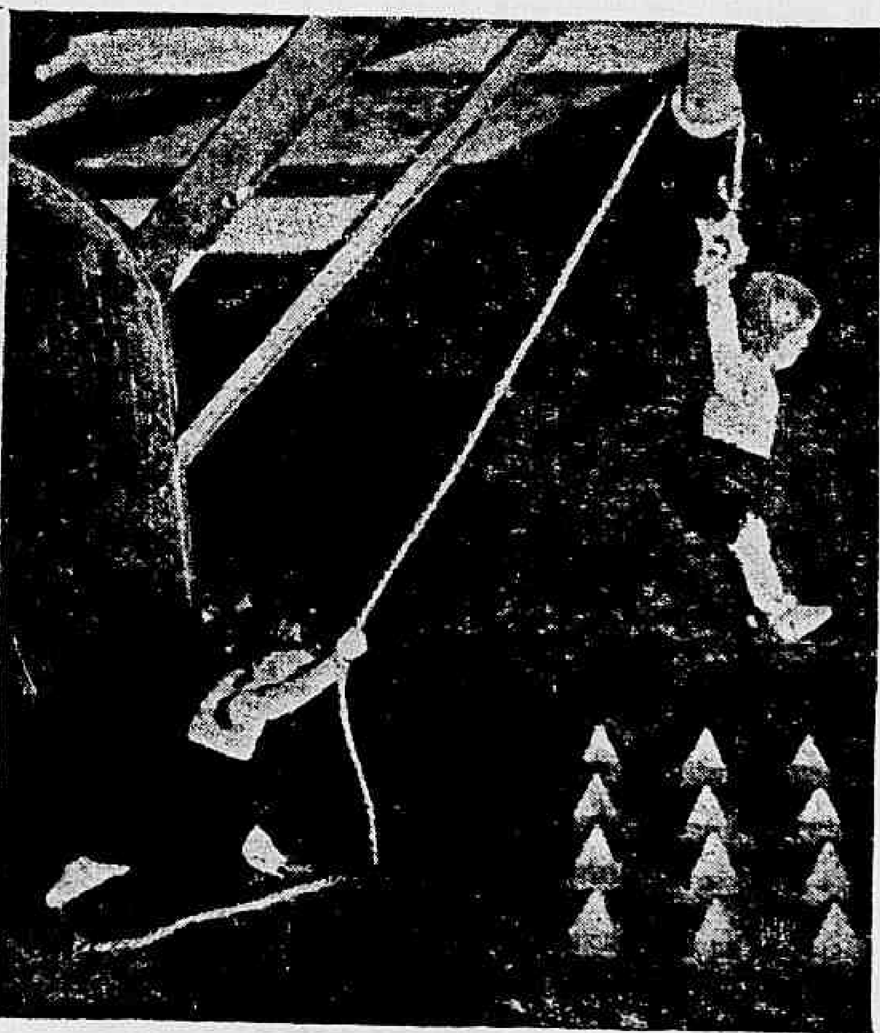
SISTEMA de se matar alguém com uma ferradura, para que parecesse que a vítima morrera de violento coice.



OUTRA FORMA DO SUPLICIO da «Corda». Com o rosto numa fogueira, o réu ia sendo surrado a pauladas, até confessar.



UMA VARIANTE do suplício da Corda. Os presos eram içados com enorme peso aos pés, o que resultava em ruturas cruéis.



E ESTA? Amarrado a uma corda, o supliciado era arremessado sôbre pontas de madeira, fossem crianças, velhos ou mulheres.

A BELEZA DOS SEIOS **BÉL-HORMON**

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1; e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.

BÉL-HORMON



Distribuidores para todo o Brasil: Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» nº ....

NOME ....

RUA .... Nº ....

CIDADE .... ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

FÁBRICA BANGÚ
TECIDOS PERFEITOS

Preferidos no Brasil



Grande sucesso em Buenos Aires

EXIJA NA OURELA
BANGÚ-INDÚSTRIA BRASILEIRA

BANCO DO COMÉRCIO S.A.

Capital e reservas: Cr$ 104.432.272,80

FUNDADO EM 1875
O mais antigo da praça do Rio de Janeiro

Sede:

RUA DO OUVIDOR, 93-95
Tel. 43-8966

Agência no: DISTRITO FEDERAL e ESTADO DE SÃO PAULO
Seção Especializada para Guarda de Títulos e Valores.

★

Tôdas as operações bancárias, inclusive câmbio.

HEMORRÓIDAS
E VARIZES EM GERAL

Novo tratamento sem operação e sem injeções

Após longos estudos foi descoberto um ótimo remédio para o tratamento das hemorróidas (mamilos externos e internos), inclusive os que sangram, Usando a pomada no local e tomando juntamente o liquido, em pouco tempo poderão ser debelados por completo tais males. Para varizes (nas pernas) use na dose de 3 colheres (das de chá) ao dia, em água açucarada e friccione a pomada no local. As pernas readquirem seu estado normal e a beleza estética. USE DURANTE 3 MESES.

Procure nas farmácias e drogarias e na falta à V. Sandoval Jr., Caixa Postal 1874 São Paulo.



Hemo-Virtus

Ag. Pettinati

TENÓRIO NÃO É . . .

(Cont. da pág. 40)

Sentando-se à mesa de trabalho o dr. Tenório escreveu um autógrafo para a REVISTA DA SEMANA. Depois, abriu o cofre e apanhou uma caixa de madeira. Abriu-a e mostrou-nos um pequeno punhal dizendo: — "Veja que maravilha". Era a miniatura em ouro e platina do punhal usado pelo Duque de Caxias. Disse ser presente de um amigo. Depois, sentando-se, abriu a cigarreira e tirou um cigarro. Ficamos observando. Calmamente, colocou o cigarro na piteira. Sorriu. Perguntamos-lhe por que sorria e êle esclareceu:

— "E' que, na Câmara, quando quero fumar, vou para junto do Nereu Ramos. Só para o assustar."

E antes que perguntássemos sôbre a maneira do susto, apanhou o isqueiro, que tem a forma exata de um revólver... Puxou o gatilho e fêz-se a chama. Deu uma boa gargalhada e disse: — "O Nereu tem um mêdo dêsse isqueiro!..." Nesse instante chegou ao gabinete, D. Walkiria Lomba Cavalcanti. Pedimos uma pose com a espôsa e êle prontamente atendeu-nos. Quis tirar uma foto segurando a estatueta de um Buda. Mas D. Walkiria discordou por ser um deus pagão. O seu desejo foi, assim, contrariado. Protestou. Insistiu. Mas a espôsa olhou firme para o marido e disse: Não!

Apreciamos a cena, e achamos graça. Sim. E' deveras engraçado ver um homem como aquêle, acostumado a não ser contrariado nos seus desejos, acomodar-se com um simples olhar feminino. Não afirmamos que o sr. Tenório seja dominado pela espôsa, mas, não há dúvida, é cativo do seu afeto. Êle pode ser mau para todo mundo mas para a espôsa e filhas é o marido modêlo e o pai carinhoso. No seu lar reina ordem e harmonia. Êle só luta com um objetivo: proporcionar à família maior confôrto, maior felicidade.

Suas filhas cursam os melhores colégios. São mui prendadas. Tôdas tocam piano, bandolim e acordeon. Na sua casa há automóvel, aparelhos de televisão, rádio e outros objetos que instruem e divertem, transformando o lar num verdadeiro paraiso terrestre.

O casal tem quatro filhas: Srts. Maria Helena, de 17 anos; e Maria Wilma, de 16 anos; sra. Maria do Carmo Lima Forte, casada com o tenente Sérgio da Rocha Lima Forte, e a caçula Natalicia Sandra, de 9 anos.

Às 8 horas da noite nos foi servida uma lauta mesa de doces. Quando faziamos umas fotos da mesa, o deputado disse, sorrindo: — "Póde fotografar a todos, menos ao meu genro...»

— Por quê?

— E' que êle é muito medroso... Pode ficar conhecido... e depois... a camarilha, agora, anda à sôlta..."

Todos sorriram, mas o Tte. ficou sério. D. Walkiria apressou-se em dizer que era brincadeira do marido. Acreditamos. Mas, por via das dúvidas, fizemos apenas a ponta do nariz do tenente. Assim, dificilmente será identificado...

Às 8,30 despedimo-nos. O deputado trouxe-nos até à porta. E, ao apertar a nossa mão, pela segunda vez, disse: — "E' fácil entrar em minha casa; o difícil é sair."

★

Ganhamos a rua. Chegamos à Avenida Nilo Peçanha. O *footing* estava animado. Centenas de moças e rapazes passeavam alegremente, num va-e-vem incansável. Subimos a avenida. Passamos em frente à casa de Abigail, uma das inimigas do dr. Tenório. Voltamos. Paramos num canto e ficamos apreciando... Passaram três moças. Uma delas disse: — "Vai viajar... quer levar-me?..." Tôdas sorriram e prosseguiram andando.

A "blague" tinha motivo. Estávamos de capa e maleta na mão. Tiramos essa indumentária, pois o tempo já havia firmado. O altofalante local tocava o bolero "Pecado", na voz de Fernando Albuerne. O trem apitou, avisando que ia partir. E como nossa missão estava cumprida, corremos e tomamos o chamado *Mata Sapo* da Leopoldina. Enquanto o trem corria, pensávamos:

— Caxias é uma cidade ordeira. E o sr. Tenório não é santo nem demônio. E' apenas o que quiseram que êle fôsse: um homem de cartaz. Apregoam que *Duque de Caxias é cidade sem lei*; que está em pé guerra, etc., etc. Grande mentira. Igualzinha à da "Pomba Milagrosa". Arruaças há em tôda parte. Tanto na Caxias de Tenório como na Caxias do Sul ou do Norte. A propósito: por que não mudam o nome dessa cidade?! Por que não dar-lhe o legítimo nome do Duque?! Se a intenção é reverenciar a memória do patrono do nosso Exército, nada melhor que dar o seu verdadeiro nome, que é Luís Alves de Lima, à terra que lhe serviu de berço. Acreditamos que, com a mudança do nome, acabará a má-fama da cidade. Ademais, de há muito vêm sendo mudados os nomes homônimos das cidades brasileiras. Das que recordamos, em Minas Gerais, mudaram os de Fortaleza, para Pedra Azul, por haver Fortaleza (capital do Ceará) no Norte, e Vigia, para Almenara, pelo mesmo motivo. Assim, deveria ser mudado o nome de Duque de Caxias, pois como dissemos, já existe Caxias no Norte (a quente) e Caxias no Sul (a dos vinhos gostosos). Por que, então, continuar com a Caxias (amarga) do sr. Tenório?! Aqui fica a sugestão para quem de direito. E oxalá que tal aconteça para tranquilidade de todos e felicidade dos seus 120 mil habitantes que, por causa de meia dúzia de malandros incorrigíveis, são taxados, em massa, de desordeiros e dissolutos.

Querendo ver os seus móveis sempre novos, conserve-os com óleo de peroba.

UM BAILE NO . . .

(Cont. da pág. 17)

tólicos diante do qual se ajoelham e oram pessoas da religião romana; ali, um pastor protestante lê o seu Evangelho, enquanto os crentes cantam com o cantor cristão sob os olhos; noutro canto funciona uma igreja ortodoxa, e assim por diante. O mais convincente dos exemplos de tolerância e humanização religiosa que pode haver neste mundo, há em Nova York.

Por êsse motivo a nação cresce, expande-se, torna-se vigorosa e admirada. Os seus filhos são alegres, brincalhões e democratas, esquecendo as amarguras da vida em favor de uma existência mais bela e mais divertida. E o último "Baile dos Sonhos" foi uma prova provada de que a mocidade norte-americana não está compreendida entre os 15 e 25 anos. Ela se prolonga pelos "quarentões" em diante, sempre cheia de vitalidade e alegria da juventude. Um povo feliz.

CASAMENTO . . .

(Cont. da pág. 36)

— Quero te apresentar à minha sobrinha, que veio passar uns dias conosco.

Euterpe levantou-se, virou-se para cumprimentar mas seu rosto se iluminou e seus braços se abriram:

— Arthur!

— Euterpe!

Foi um espanto geral:

— Como?

— E então?

— Afinal já se conheciam?

— Já nos amávamos — explicou Euterpe.

Zizi teve lágri'mas nos olhos de emoção.

O velho Antenor ficou apalermado, olhando os dois, sem conseguir articular palavra.

Belinha ficou tão abobalhada que virou no chão o guaraná de seu copo.

Cardoso abraçou Zizi, procurando conter-lhe a emoção.

— Ora vejam — conseguiu, afinal, dizer o velho Antenor. — E eu que desejava aproximá-los!

Zizi, refeita, foi até aos dois e perguntou a Euterpe:

— Então já se amavam?

— Já.

— Há muito tempo?

Euterpe e Arthur estavam abraçados:

— Conhecemo-nos no trem...

— ... quando vim de Rio Doce.

O velho Antenor não queria perder a glória; então disse à mulher:

— De qualquer forma, fui eu que arranjei o casamento. Se não fosse eu chamar a menina!...

O Souza, velho amigo da casa, que na mocidade tocava em orquestra, possuido de incontida emoção, sentou-se ao piano e atacou triunfalmente a "Marcha Núpcial".

AS CHUVAS CHEGARAM!

(Cont. da pág. 5)

Janot Pacheco. Disse-nos que o mais interessante episódio dessas experiências foi poder constatar as múltiplas reações operadas em conseqüência da ação do gêlo sêco sôbre o cúpulo da "cúmulus". E explica: — "E' que ao passar vapor d'água (estado de gás) para o estado liquido verifica-se uma enorme redução de volume, e, em segundos apenas, observa-se o acamamento da parte superior, como se fôssem prensadas enormes quantidades de algodão. Concomitantemente, é possivel observar uma rápida mudança de côr no cenário e aos tons claros dos altos topos da nuvem sucedem-se, gradativamente, tons menos claros, ficando a parte superior com uma barra consideràvelmente escura. Nesse instante a nuvem começa a descarregar água do seu bôjo."

Adiantou-nos o dr. Janot que os pingos das chuvas artificiais diferem, de inicio, dos das chuvas comuns. Naquelas, os pingos são, de comêço, grossos e volumosos. Foi uma outra constatação oferecida pelas experiências. Verificou, ainda, o engenheiro fluminense ser mais vantajoso atacar as nuvens "cúmulus" na sua parte superior, onde há a transformação de supostas cúpulas, abandonando as massas laterais. A área coberta pela depressão do gêlo sêco torna-se, assim, bem menor e o seu efeito se transmite a tôda massa.

CHUVAS ARTIFICIAIS POR MEIO DE BOMBARDEIOS

As experiências para a provocação de chuvas artificiais, no Ceará, continuarão. As próximas serão feitas, entretanto, com emprêgo de novo método. De acôrdo com o dr. Janot, resolveram os nossos técnicos tentar um meio menos dispendioso. Far-se-á, então, o bombardeio das nuvens "cúmulus" e "nimbus", utilizando-se uma espécie de granada. Trata-se de uma mistura de dinamite e de outras combinações químicas de elevado potencial desagregador. Lançada sôbre as nuvens, essa dinamite provoca, com a sua explosão, numerosas reações químicas que fazem as vêzes de retortas. E as moléculas em expansão, ionizadas, transformadas em núcleos de condensação, terminarão por engrossar-se e por se precipitar ao solo. Teremos então as chuvas. O major Expedito Sampaio, oficial do Quartel General da 10ª Região Militar, e o tenente Bordini, da Base Aérea de Fortaleza, estão entregues ao trabalho de preparação das dinamites. Disse-nos o major Expedito que nos próximos dias poderá ser feita a primeira experiência. Na hipótese de êxito, será possivel, então, conseguir chuva artificial por um processo mais econômico.

QUE DIRÃO OS AMERICANOS?

Nos Estados Unidos foi por algum tempo utilizado o processo de fazer chover com o emprêgo de gêlo sêco sôbre "nuvens-cúmulos". Sabe-se, todavia, que os norte-americanos não lograram sucessos com tal método. Preferiram recorrer a um outro: o emprêgo do iodeto de prata que, aliás, dispensa a utilização de aviões. Para os ianques nas regiões de baixa latitude não dará resultado o processo de emprêgo do gêlo sêco. Entretanto, Fortaleza está situada em área de baixa latitude e o dr. Janot Pacheco logrou completo êxito na experiência que realizou, pelo processo que os americanos haviam desprezado. E' o caso de perguntar-se: Que dirão disso os nossos amigos cientistas da Terra de Tio Sam?

FAVELA, NÃO! ALTO LÁ!

(Cont. da pág. 31)

— Vocês não respeitam a lei do silêncio?

Os quatro pararam. O que cantava perdeu a voz, o da sanfona correu, o da gaita soprou e não saiu nada, mas o do violão arriscou uma pergunta:

— Quem é você?

Ante àquêle quadro risível, o fantasma não pôde dominar-se. Riu a bom rir e todos descobriram o autor da brincadeira, que era o colega do quarto trinta.

— Puxa, isso é maneira de brincar, fulano?

Depois daquela, o grupo se dissolveu e o sanfoneiro entrou vagarosamente no seu quarto para não acordar o colega que dormia e, apanhando um vidro de água de flor de laranjeira, tomou um bom gole e foi dormir. Que suste, ô! Disse-nos êle que tem certeza de que os outros fizeram o mesmo, inclusive o "fantasma". De qualquer maneira, ficou estabelecido, no dia seguinte, que não se fariam mais serestas, a não ser em horas de lazer, total, isto é, quando todos pudessem assistir às mesmas.

E agora, aos domingos, enquanto uns vão ver as namoradas outros as *namoricadas* e outros ainda as noivas, os seresteiros se reúnem e lá vai música. Sentados pelo chão os colegas que colocam o estudo acima do amor a tudo assistem e aplaudem. A algazarra é total... Para os que colocam o estudo acima de cupido há a designação genérica de *Caxias*, com perdão do patrono do nosso exército.

AS LAVADEIRAS DA REPÚBLICA

Na República de estudantes da praia vermelha há lavadeiras, cerzidores de meias, barbeiros, tudo improvisado, de acôrdo com as necessidades. Longe estávamos de supor que êles fizessem tudo isto, quando, ao queimarmos uma lâmpada, vimos um rapaz tomá-la com todo o carinho e guardá-la. Intrigados perguntamos-lhe o motivo, e êle envergonhado explicou:

— E' p'ra cerzir meias, não posso comprar um ôvo, inda mais agora que vem da Argentina...

Com efeito, dentro de pouco tempo, êle mesmo o cerzidor, vendo-se descoberto, saiu apontando os colegas:

— Êsse aqui é o engraxate, aquêle é o barbeiro...

— Barbeiro, coisa nenhuma, protesta um outro estudante, açougueiro é o que êle é, tirou-me três bifes do rosto, hoje. Açougueiro, uh! e fêz uma carêta.

Na República da praia vermelha só não há cozinheiros porque a bóia é a forne-

cida pela própria Faculdade, ao prêço acessibilíssimo de Cr$ 2,00. Os estudantes têm uma grande admiração pela sua Faculdade e pelo seu diretório, diga-se de passagem. Aos domingos, pela manhã, todos que rem marcar encontros com suas namoradas e a fila do telefône se estende pelo corredor. Enquanto um fala, os outros atrás, na mais perfeita confusão, como diria certo locutor, gritam:

— Larga o osso, é minha vez!

— Vamos rapaz, larga o troço. Estás pensando que se casa pelo telefône!

— Ei, doutor, larga, telefône não é cachimbo de japonês.

A última alusão é feita sob medida para um filho de japonês que lá existe! Uma família perfeita, onde todos compreendem as angústias dos outros, sofrem por êles e por si mesmos, essa a nossa impressão. Oxalá o exemplo da Faculdade de Medicina frutificasse e as Repúblicas se sucedessem por êstes Brasis afora.

Quando dávamos o último aceno para os rapazes, futuros médicos do Brasil, êles em côro gritaram:

— Capricha nas fotografias, velho!

E daqui, da nossa coluna da REVISTA DA SEMANA lhes respondemos:

— Capriche no estudo, moçada, que o Brasil precisa de gente de fibra como vocês!

O RELÓGIO DA . . .

(Cont. da pág. 12)

Gonzaga Medeiros, proprietário da Py5 - QB, realizaram uma exposição em Blumenau. Em seguida, expuseram o relógio no Rotary Club de Brusque, onde o sr. Fiuza Lima, entusiasmado, resolveu financiar a viagem ao Rio. Aqui, o sr. Miguel Hamaty, comerciante de tecidos em Bonsucesso, também se interessou pelo invento e passou a auxiliar o inventor, contribuindo para as despesas de hotéis e procurando expor o relógio às firmas do ramo.

O moço está precisando de amparo. Não lhe faltam idéias. Outros projetos estão na sua cabeça. Depois de nos mostrar o desenho de um grande relógio, capaz de marcar as horas de qualquer parte do mundo, disse ser capaz de construir um telescópio, por onde se poderá ver os habitantes de Marte e até, mesmo, se comunicar com aquêle planêta.

Falamos-lhe sôbre Marconi e êle respondeu que aquêle cientista pertence ao passado. Não é da era atômica; que num futuro próximo êle mesmo construirá um aparelho para projetar imagens no espaço.

★

O novo relógio tem sido exibido ao público, à imprensa e interessados. Quando da exposição ao dr. João Carlos Vital, prefeito do Distrito Federal, no Palácio Guanabara, o governador da cidade teve palavras de louvor para com o inventor e achou, outrossim, muito interessante o engenho do sr. Sanguino.

Outras personalidades têm pronunciado-se a respeito do invento. Aqui estão, por exemplo, as palavras do sr. Paulo Bianckini, ex-prefeito de Brusque: "Acompanhei a exposição do relógio "Sanasil-Jantu", cujo funcionamento muito interessou e que causou admiração. Felicito o inventor do engenho, augurando perfeição cada vez maior e maior difusão em benefício geral."

Também o sr. Júlio Hildebrand, engenheiro geógrafo, superintendente do Serviço Nacional da Malária, no Estado de Santa Catarina, assim se expressou: "Longe de opinar algo sôbre a técnica de funcionamento dêsse interessante relógio, ao qual denominam "Sanasil-Jantu", não posso deixar de externar a minha admiração por êsse instrumento comum, porém, funcionando de um modo nunca visto, marcando horas e minutos com regular presteza, sem nenhum maquinismo que o faça funcionar, um mostrador de vidro, 2 ponteiros tôscamente colocados sôbre um eixo simples e nada mais, confessando-me verdadeiramente admirado."

O sr. Maurício de Souza, vice-presidente da Japércia S. A. de relógios Longines, viu de perto o "Sanasil-Jantu" e vivamente impressionado passou a elogiar o sr. Sanguino, finalizando por nos contar episódios interessantes acêrca dos descobrimentos de aparelhos de marcar o tempo.

— "Segundo escreveu Jacques Perret, na sua "Pequena História da Relojoaria", - -

disse inicialmente, o sr. Maurício, — desde as épocas mais antigas de civilizações, hoje extintas, a humanidade se vem esforçando no sentido de medir a fuga implacável do tempo, dividindo-o de modos mais ou menos precisos, e de acôrdo com os conhecimentos ou instrumentos de que dispunham. O dia e a noite foram o ponto de partida para as primeiras noções da divisão do tempo. O sol, astro do dia, e a Lua, astro da noite, que nos aparece de uma forma periódica, serviram de base, estabelecendo a primeira harmonia divisora.

O sol, que transmite luz e calor a todos os planêtas que gravitam em redor de si, é o astro que ocupa o centro de nosso sistema planetário. O seu diâmetro é 112 vêzes maior que o da Terra, da qual dista 153 milhões de quilômetros. A Lua, satélite da Terra, é um planêta 49 vêzes menor do que esta, em tôrno da qual gira num período de 29½ dias, e se acha distante daquela 35 milhões de quilômetros. Devido ao seu movimento em redor da terra, ela nos parece em diversas posições e sob diversos aspectos a que se deu o nome de fases da Lua.

Entre os povos da antiguidade, cada um possuia a sua maneira de contar os anos que eram, geralmente, regulados pela Lua, tendo assim anos de 12 meses lunares, de 354 e 355 dias, etc...

"Como outrora não se sentisse a vertigem da velocidade de nossos dias, não se dava aos segundos, minutos e nem mesmo às horas, o valor intransigente que a civilização atual lhes impôs.

"O homem, até há poucos séculos passados, tão sòmente calculava as horas, servindo-se para êsse fim de instrumentos primitivos e rudes que davam o tempo apenas por aproximação. Diversos exemplares raros dêsses aparelhos, têm sido descobertos em escavações arqueológicas. A princípio o homem reparava que a sombra projetada no chão, por árvores, montes, etc., tinha direções e comprimentos variáveis, conforme os movimentos do dia, e começou a marcar seu tempo de acôrdo com essas sombras. Aplicando essa observação, os egípcios construiram os seus famosos obeliscos, que eram finas colunas de pedra erguidas perpendicularmente e cuja longa e nítida sombra lhes servia para indicar as posições do sol, obtendo assim, as primeiras divisões do dia.

"A clepsidra, não menos antiga do que o obelisco, consistia num recipiente graduado em que gotejava água, marcando assim o tempo que decorria. A ampulheta, universalmente conhecida, pois já nos aparece como símbolo do tempo em antiquíssimas gravuras, obedece ao mesmo princípio da clepsidra, utilizando, porém, areia fina, ao invés de água.

"Os relógios solares, que ainda hoje ornamentam igrejas, fachadas, tôrres de edifícios públicos, etc., consistem em um mostrador horizontal ou vertical no qual se move a sombra de uma vareta fixada em seu centro, sendo assim, uma utilização prática dos raios solares para a indicação das horas. Contudo, tem a grande inconveniência de sòmente marcar as horas quando há sol e esta desvantagem é mais acentuada em certos países da Europa, onde, em diversas ocasiões, o sol passe muitos dias sem aparecer. Daí se origina a velha máxima gravada em alguns dêsses relógios: "Só marco as horas claras".

"Muitos outros aparelhos, uns rústicos e outros engenhosos, foram criados pelo cérebro fecundo de inventores, sempre em busca de mais exatidão, sem alcançar contudo, resultados aproveitáveis, pois os recursos mecânicos de que dispunham eram como prêmios para seus esforços, conseguiam apenas instrumentos que marcavam pequenos lapsos de tempo .

Grande variedade dêsses dispositivos que algumas vêzes chegam a ser complicados e mesmo bastante curiosos, sob o ponto-de-vista artístico, são conservados em museus, atestando a engenhosidade e perseverança dêsses precursores dos atuais relojoeiros.

E assim, por esta sucessão de tentativas e passos trôpegos caminhava esta arte, até fins do século XVI, época em que o sábio italiano Galileu veio com a descoberta do princípio do pêndulo, imprimir-lhe uma nova diretriz."

O sr. Maurício fêz uma pausa. Puxou a cigarreira e ofereceu cigarros aos que escutavam. Depois prosseguiu:

— "Entre os relógios mais célebres pela sua originalidade ou engenho do mecanismo citaremos o *Relógio de Água* (clepsidra) enviado a Carlos Magno pelo califa Harun-al-Raschid; o *Relógio de Gaza*, onde doze águias de bronze seguravam nas garras uma coroa que pousavam na cabeça de Hércules, cada uma de 60 em 60 minutos, em recordação das suas 12 façanhas; o *Menzanah*, uma das três maravilhas do Mechonar, residência dos antigos reis de Tlemcen; o famoso *Jacquemart de Dijon*, na França; o relógio astronômico da catedral de Strasburgo, que, além das horas, indica todos os fenômenos astronômicos diários; o atual relógio do Palácio da Justiça de Paris e o conhecido *Big-Ben*, de Londres."

E, finalizando, acrescentou, sorrindo: — "O "Sanasil-Jantu", do nosso patrício Sanguino Alves da Silva, é deveras interessante e bem se pode chamar — o *Relógio da era atômica.*"

A beleza dos móveis consiste apenas em saber tratá-los com óleo de peroba.

Para a renovação dos seus móveis torna-se indispensável a aplicação do óleo de peroba.

"SKANSEN"

(Cont. da pág. 8)

vincial. No dia da inauguração da feira, abrem-se as portas de tôdas as oficinas de artesania do "Povoado" de "Skansen". Comumente, tem-se ocasião de apreciar o trabalho do vidreiro e do ceramista, mas agora se pode ver também como se compõem e encadernam livros na mais velha prensa da Suécia; ourives e trabalhadores em prata de modernas oficinas vestem durante algumas horas a roupa de trabalho de seus predecessores e põem de novo em movimento martelos e prensas centenárias; o dono do armazem prepara cartuchos de papel com caramelos, para crianças gulosas que fazem fila; e, em uma cabana baixinha da velha Estocolmo, trabalham parede e meia o fabricante de pentes e o sapateiro.

Muitos são de opinião que diversas das atividades aqui escoçadas profanam os verdadeiros fins de "Skansen" e, por certo, que algumas delas se distanciam um pouco de sua obra conservadora e cultural. Porém os programas, que variam de um dia para outro estimulam a constante repetição das visitas, as quais, por sua vez, conduzem ao melhor conhecimenot e à compreensão cada vez maior do tempo ido que aqui se manifesta de todos os modos em seus distintos matizes. A missão de "Skansen" é múltipla e difícil. Não se trata sòmente de apresentar algo de cada parte do país, desde a Escânia, no extremo sul, com o casario baixo e cerrado do componês da planície, até à Lapônia, ao norte do círculo polar, com a tenda transportável do lapão criador de renas; mas também oferecer-se simultaneamente para o estudo tôdas as classes sociais e tôdas as épocas. Do século XIX, especialmente, oferece-se em "Skansen" um dilatado panorama. Os aldeões proprietários do período anterior à industrialização estão representados por várias granjas completas, uma das quais pertenceu a determinada família que, quando se dedicou à agricultura, explorava a indústria mineira e refinava minério de ferro de suas próprias jazidas. Os soldados formavam outro grupo social bastante grande mas de condição menos favorecida; sua remuneração consistia da morada com terreno para as pessoas e para os animais, o que se pode ver em "Skansen". Uma pequena cabana com o estábulo sob o mesmo teto evidencia as condições de vida dos lavradores assalariados de outros tempos. O nível mais primitivo é ilustrado pela residência do pobre, metade rancho, metade caverna escavada em alguma encosta. Os fidalgos do século XVIII, que além de agricultores em grande escala eram também guerreiros e altos funcionários, viviam geralmente com muito luxo; a mansão senhorial de Skogaholm é a residência típica de um magnata da nobreza. A igreja era o coração da comarca. Justamente no meio da colina de "Skansen", construido de madeira pintada a côres, encontra-se a igreja de Seglora, do oéste da Suécia, a qual, utilizada com regularidade para o culto e para a celebração de casamentos pôde servir em seu novo ambiente, melhor do que outras instalações, a um propósito real. Não foi possível por em prática a idéia de Hazelius de fazer ressurgir as granjas dos aldeões com a plenitude de vida de seu lugar de origem: para as granjas do sul da Suécia é necessário circunscrever-se a uns poucos animais, gansos, ovelhas e cavalos, e para as do norte, a algumas vacas, cabras e renas. O guardião, oriundo da mesma região da granja, leva o traje que uma vez foi usado alí e cumpre parte dos afazeres característicos — fazer manteiga e queijo, fiar e tecer. Além da igreja, a praça do mercado era o ponto de convergência dos camponeses; alí acudiam os vizinhos para a troca de mercadorias, oferecidas em simples postos de feira, e, entre um negócio e outro, tomavam uma caneca de cerveja ou um pincel de aguardente na taberna que na atualidade sóbria fornece sòmente refrigerantes.

O SEGREDO DE SUA MOCIDADE

EUTRICHOL ESPECIAL

que faz voltar a côr natural aos cabelos brancos. Fórmula completamente inofensiva, não contém nitrato de prata ou outro sal prejudicial à saúde. Revigoriza o cabelo, não o deixando quebradiço. Pode ser usado indefinidamente, e o seu uso previne a quéda do cabelo e elimina a caspa. Antes de acabar o primeiro vidro o seu cabelo estará completamente revigorizado, tendo voltado, portanto, à sua côr natural.

PARA COMPLETAR A SUA BELEZA E PERSONALIDADE USE ÊSTES PRODUTOS DA MULTIFARMA:

LEITE DE ARROZ

Para manter a limpeza e a higiene da pele, use LEITE DE ARROZ pela manhã, à tarde antes da maquilagem e à noite antes de deitar. Para fixar o pó de arroz não há melhor que o próprio LEITE DE ARROZ. O seu uso constante remove as partículas mortas e queimadas da pele, sardas, manchas, panos e cravos, tornando-a lisa, macia, aveludada e eliminando o cheiro desagradável do suor.

(Exigir a embalagem verde)

VINHO CHICO MINEIRO

Seja inteligente! Não espere engordar demais, tome de hoje em diante VINHO CHICO MINEIRO que conservará o seu porte elegante. A perda de pêso é natural, não faz mal e não provoca rugas. Insista no tratamento e depois do terceiro vidro o seu corpo tomará linhas firmes e delgadas adquirindo forma elegante indispensável à mulher moderna.

MULTIFARMA

Praça Patriarca, 26 — 2º — sala 6
São Paulo
Remessas pelo Reembolso
A venda nas boas Farmácias

"Que surprêsa desagradável"

quando se encontra no armário uma roupa roida pelas baratas ou traças.



Seja inteligente... Espalhe nas gavetas e nas malas NEOCID em pó, que não deixa manchas nem cheiro.

Use a lata grande — a embalagem mais econômica do NEOCID em pó

NEOCID

PAISAGENS DE PORTUGAL

(Cont. da pág. 24)

vens, o matiz do arvoredo, enquanto vamos deixando para trás Sacavem, Póvoa de Santa Iria, Alhandra, Vila Franca de Xira, núcleos importantes de indústria e agricultura da região ribatejana, dos touros e das campinas.

Em duas horas estamos em Santarem, a terra que não é mais "a semi-sertaneja de outros tempos, erguendo-se antes do sol e deitando-se com as galinhas". Fazemos a nossa peregrinação sacramental ás Portas do Sol e aos principais monumentos do lugar. Entramos na igreja da Graça, cruzamos o seu portal de ogiva em puras linhas e a sua rosácea flamejante. No absidíolo direito, lá está a lápide da jazida de Pedro Alves Cabral, com um decisivo interêsse artístico e histórico. Levamos da capital ribatejana, uma impressão de reconhecimento e carinho, mesmo sem tempo para percorrer a região que muitos consideram a mais marcada e definida do país, quer pela paisagem, pelo caráter e tipo da população, pelas culturas e indústria agrícola, quer ainda pelo que de impressionante nos concede a sua paisagem, à base de um avançado planalto por sôbre o Tejo.

E rumamos até a Alpiarça, onde nos espera uma hospitaleira e carinhosa recepção na adega do sr. Freire de Andrade, um dos grandes lavradores da região. Alí percorremos as mais modernas instalações na fabricação de vinhos do porto existentes em Portugal. Vamos ainda à Quinta dos Patudos, residência senhorial de outro ilustre cultivador das terras, já falecido, o dr. José Relvas, que foi por sinal um dos fundadores da República. Lavrador e artista, homem de requintada sensibilidade estética, soube reunir naquele cenário uma vasta coleção de obras primas da escultura e pintura nacionais, além da presença de obras de Murilo (um notável Santo Antônio). Velasquez (Os Bêbedos) e muitas outras.

Segue a caravana, uma hora passada, até ás margens do rio Zezere, em que se encontram as imponentes construções do Castelo do Bode. Almoçamos na estalagem vizinha ao açude e rumamos, finalmente, para Tomar. E' na cidade do Nabão, entre arquiteturas portuguêsas expressivas das suas fases evolutivas, que visitamos o Convento de Cristo, documento admirável do espírito da arquitetura das épocas em que uma vida ativa ali se atravessou. A obra manuelina ali faz áto de presença. O portal de entrada vale uma completa maravilha de arquitetura e escultura, acolhido sob um dossel que lhe dá caráter e grandeza, revelando a poderosa imaginação do mestre-arquiteto João de Castilho. A Charola, sacelo primitivo dos Templários, em estílo siríaco do templo em rotunda, como os santuários bizantinos, é um recinto de singularidade estranha e dominadora, com seus lavores de pedraria, seus ouros e suas pinturas, realçando as imagens. A série dos claustros, construções sucessivas, oferece particular interêsse. O do Cemitério, pequeno, em gótico-amouriscado, o claustro henriquino chamado "da Lavagem", o "das Hospedarias", o "dos Filipes", o mais belo claustro da Renascença em Portugal, o de "Santa Bárbara", do século XVI, o da "Micha" e o dos "Corvos", são obras soberbas de arquitetura. E a Sala do Capítulo, de Arruda e Castilho, abobadada, com o moldurado da célebre e decantada janela, perturba pela riqueza e pela originalidade, num caráter simbólico e exuberante de tôda a construção. Um dia de visita seria pouco para nos inteirarmos da grandeza e do significado desse monumento, e no emtanto, temos apenas uma hora para percorrer tudo isso.

Do Castelo do Bode, nas proximidades de Tomar, no rio Zêzere, em afluente do Tejo, ha muito o que dizer. Vale uma reportagem ápart que ficará para outra vêz. Informaremos apenas que sua barragem é de cêrca de 115 metros de altura, formando uma albufeira com a extensão de 59 quilômetros com a capacidade de 1.070 milhões de metros cúbicos. Sua producão média anual é de 300 milhões de hwh. Mas sabemos então que no país existem várias outras grandes barragens para aproveitamentos hidro-agrícolas, as de Vale do Gaio, a Salazar (Pego do Altar) e a Carmona. As duas primeiras estão situadas no vale do Sado e a terceira no Ponsul, em Castelo Branco. Foram construidas pela Hiddráulica Agrícola do Estado, para irrigar perto de 20.000 hectares e produzem cêrca de vinte milhões de kwh, em média anual.

Barragens para aproveitamentos hidro-eletricos, além do Castelo do Bode, há seguramente mais oito; Erval, no Rio Ave; Venda Nova, entre Braga e Chaves; Serra da "Estrêla"; Santa Luzia, perto da Lousã; Lindoso, próximo de Lamego; Pracana, no Ocreza, efluente do Tejo; Ribeira de Niza, e Belver, próximo de Abrantes.

As aplicações imediatas dessas barragens abrangem o alargamento até os pequenos centros, da rêde de eletrificação para usos caseiros, agrícolas e industriais; a redução da importação de carvão e óleos empregados na produção de enérgia térmica, cujas centrais ficarão de reserva e apoio das hidro-elétricas; e a possibilidade de criação de grandes indústrias consideradas básicas, como a produção de adubos, siderurgia, e considerável redução no preço da energia elétrica.

São atacados frontalmente e com firmeza todos êsses problemas, concluindo-se agora projetos para novos trabalhos idênticos. Em Cabril, ainda no ria Zêzere, como segundo escalão do Castelo do Bode, serão produzidos mais 200 milhões de kwh anuais. Em Salamonde, no Cavádo, será por sua vêz atacado o segundo escalão de Venda Nova, para uma produção calculada em 100 milhões de kwh anuais, enquanto em Távora, fazem-se os trabalhos preliminares para mais uma grande barragem.

★

Mas deixemos os problemas hidro-agrícolas e hidro-elétricos, por mais úteis e preciosos — para encetar a viagem de volta a Lisbôa. Novamente pelos nossos olhos as visões cintilantes de luz e côres, em plena leziria, deslizamos céleres pela vasta e rica região campina, e à medida que o sol desaparece, o casario alvinitente, sobressaindo do vicejante e esmeraldino vergel, com tonalidades crepusculares de indescritível beleza, vai envolvendo num quadro soberbo tôda a paisagem, em que os dons naturais se conjungam com o esfôrço do trabalho do homem.

E' noite fechada quando a iluminação da metropole se fêz sentir. Mais alguns quilômetros vencidos e damos por finda a jornada — uma enlevante jornala. Tejo acima, que ficaram em nossos apontamentos para estas recordações feitas agora com calma e vagar. Mas as vilas e as aldeias, os lugarejos e os casais, as vinhas e os pomares galgando os cabeços arredondadas, tôda a paisagem do Ribatejo — que encerra em si mesmo tôdas as paisagens de Portugal — não se esquecem. Nem os campinos que encontramos pela estrada, as ervas rasteiras, os tapêtes multicoloridos e primaveris, galgando valados, planicies e montes. E ainda menos o barrete verde, debruado a vermelho — o verde das searas, o vermelho do sangue de herois — que aquêle campino sóbrio acenou para o nosso grupo, cavalgando a mula tristonha mas ligeira, que se vira nos quartos trazeiros e já desapareceu numa curva da estrada tingida pelas côres rubras do crepúsculo.

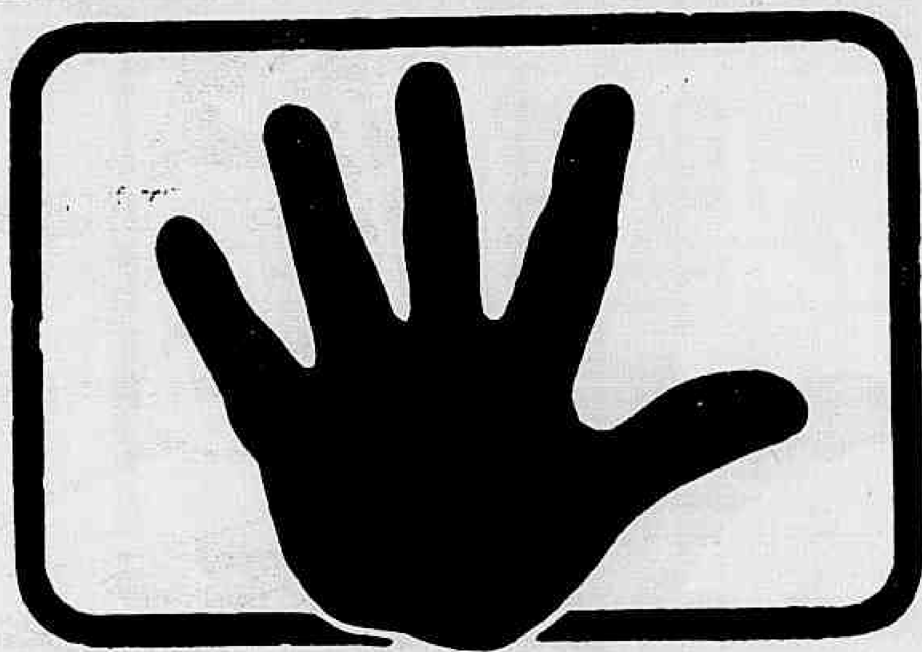
TENÓRIO NÃO É SANTO

(Cont. da pág. 20)

Como vêem, o caso é de policia. Mas quem teve a idéia foram repórteres policiais, lotados, naturalmente, no setor policial. Dessa forma, explica-se como tudo saiu bem. São os repórteres policiais, aliados à policia, que fazem o cartaz de um "Zé da Ilha", de um Carne Sêca" ou de um "Zé Mineiro". No fundo, êsses *valentões* são uns grandes covardes. Tão covardes que quando *acuados* pela policia, procuram logo entregar-se. Assim aconteceu com o primeiro, com o segundo e com o terceiro que, na penúltima semana de maio, compareceu à redação do "Correio da Manhã" para pedir garantia de vida. Todavia, entre o céu e a terra há algo de positivo, isto é, entre ter cartaz e ser valente, o sr. Tenório Cavalcanti merece o cartaz que tem. Mas como adveio êsse cartaz?

Natalicio Tenório Cavalcanti é alagoano da região de Quebrângulo e Palmeira dos Indios. Antes de pisar em Caxias, foi servente, copeiro e enfermeiro no Hospital dos Maritimos. Ganhava bagatelas como trabalhador numa fábrica de cerveja. Trabalhou, também, como porteiro de hotel, emprêgo que abandonou para administrar uma fazenda naquele municipio fluminense. Data dessa época o seu encontro com um grupo de pistoleiros, que tentou invadir a propriedade sob a sua administração. De arma em punho, expulsou os saqueadores da propriedade e repeliu o bandoleiro Souza, que nunca mais apareceu. Participou depois de outros conflitos, saindo sempre vitorioso. Ganhou fama de valente. Os "valentões" da redondeza, despeitados, tornaram-se seus inimigos. Um dêles foi o cabra Manoel Costa que, num café local, o alvejou com seis tiros de revólver. Êle, mesmo ferido, disparou tôda a carga de sua arma, eliminando o inimigo. Agiu em legitima defesa. A imprensa registrou o fato

(Cont. na pág. 40)



PARE!

A QUEDA DE SEUS CABELOS

USANDO

PETROLINA MINANCORA

O TONICO CAPILAR POR EXCELENCIA

CONTRA CASPA, QUEDA DOS CABELOS

E DEMAIS AFECÇÕES

DO COURO CABELUDO

O ANUÁRIO DO

"ESPORTE ILUSTRADO"

N.º 2 — 1951

Cr$ 10,00 EM TODO O BRASIL

Idealização e orientação: LEVY KLEIMAN

FUTEBOL (Estatistica, comentários, e texto): CARLOS ARÊAS
Fotos: JOSÉ SANTOS
Gráficos: WILLIAM GUIMARAES

★

ESPORTES AMADORISTAS

AUTOMOBILISMO — Max Gold ★ ATLETISMO — Oswaldo Gonçalves ★ BASKETBALL — Saldanho Marinho com a colaboração de Geraldo Castro, e Hugo Ferreira ★ CICLISMO — Cristóvão Nunes ★ ESGRIMA — Mauro Pinheiro ★ HIPISMO — Armando Canongia ★ NATAÇAO, SALTOS ORNAMENTAIS, e WATER-POLO — Cachimbau (Luís Cardoso de Castro) ★ PUGILISMO — R.A.A. Coutinho ★ TÊNIS — Herbert Mesquita — TÊNIS DE MESA — Sylvio Rangel ★ TIRO AO ALVO — Antônio Guimarães ★ VOLEYBALL — Sylvio Cintra Filho ★ REMO — Benjamim Wright ★ YATISMO — William de Almeida.

Pedidos mediante vale do Correio, à CIA. EDITORA AMERICANA — Rua Maranguape, nº 15 — RIO DE JANEIRO.

COMO APRENDER A DANÇAR



4.ª EDIÇAO AMPLIADA

Com a nova dança, «Baião», Samba liso, e os últimos passos de Bolero, Rumba, Swing, contendo 120 gráficos, 330 passos, facilitando as senhoritas e cavalheiros a aprenderem em suas próprias casas em 10 dias apenas, no principio sem companheiro ou companheira Método de ritmos modernos pelo Prof. Gino Fornaciari, Diretor e Prof. do «CURSO PRATICO DE DANÇAS RITZ». Aulas particulares, rua da Liberdade, 120. — Preço: Cr$ 45,00 — Pedidos pelo reembolso postal — com o autor — Caixa Postal, 649 — São Paulo.

A venda, também, nas Livrarias e Casas de Música de São Paulo.

AMOR ERA SEU JÔGO













NO PRÓXIMO NÚMERO INÍCIO DE: LUCIA, A AMOROSA













TUDO ISTO



CENA DA GUERRA NA CORÉIA, que não se diferencia de cenas de guerra em qualquer outra parte do mundo. Esta criança coreana foi ferida na cabeça e numa perna. Tem apenas dois anos de idade e já está sentindo cruelmente os efeitos da destruição voluntária de povos em choque. Um capelão do exército das Nações Unidas a socorre dando-lhe alimento e remédios. A criança, depois de devidamente medicada, seguiu, horas depois com muitos outros feridos para o hospital mais próximo, num avião de transporte de vítimas da guerra. A poucos quilômetros dali, passa o paralelo 38, de lado a lado, grandes e aguerridos exércitos troam os seus canhões e levam à frente a morte, a destruição, a orfandade e a viuvez.



VÃO DESAPARECER as câmaras de ar dos pneus de automóveis e caminhões, segundo espera o sr. Antônio Pierone, um inventor italiano, de Nápoles, que, com seus setenta janeiros não se deixa ficar por aí a recordar o seus passado. Aqui o vemos segurando uma das molas de aço ou anel elástico, com o que espera substituir com muita vantagem as atuais câmaras de ar, garantindo o inventor que os anéis de aço flexível, alé mde custarem mais ou menos o mesmo que uma dessas câmaras, tem uma durabilidade muitíssimo maior.. Será que o aço vai entrar em concorrência com a borracha e o ar? Pelas experiências que o sr. Pieroni fêz em Nápoles, está êle plenamente convencido da exeqüibilidade de sua descoberta e do sucesso industrial.

CINEMA DE GRAÇA



HÁ certas particularidades no âmbito comercial dos cinemas que o povo não percebe em tôda a sua plenitude. Muitas vêzes pensamos que determinado filme rendeu êste mundo e o outro, simplesmente porque vimos as casas cheias. Mas, em verdade, todo aquêle povaréu pagou para ver o filme? Não. Além das meias entradas a estudantes, que vão dos 18 aos sessenta anos, ocorre o seguinte: — os que entram protegidos por documentos ou carteiras de uma infinidade de repartições oficiais. Já houve um tempo, aqui mesmo no Rio, que todo mundo era Inspetor de Menores. As casas de diversão abriam as portas a verdadeiro exército dêsses funcionários. Parece que o abuso já foi atenuado; mas, mesmo assim, ainda há Inspetores em demasia... Da cidade do Salvador, capital da Bahia, chega-nos agora uma notícia que mostra haver ali os mesmos vícios de carona em cinemas. Aumentando exageradamente o número de pessoas que entram de graça nas casas de espetáculo daquela cidade, a Associação dos Exibidores pediu providências ao Chefe de Polícia, a fim de evitar a evasão de rendas e mesmo incidentes com os respectivos porteiros. Para ilustrar o que reclamavam, juntaram os interessados em normalizar a situação uma estatística das mais convincentes: em dois dias de sessão, com um total de 215 espectadores havia nada menos de 117 (cento e dezessete!) caronas da polícia! Os proprietários dessas casas de diversão estão justamente alarmados. Além dêsse exército de policiais, investigadores, secretas, com suas carteiras profissionais, há numerosos "permanentes" que entram nos cinemas com simples carimbo da Polícia Baiana. E vai mais longe. Também não pagam entrada os guardas-civis e mesmo funcionários burocratas de repartições da Polícia daquela capital, constituindo isso considerável prejuízo para as emprêsas. O Chefe de Polícia, impressionado com o abuso, prometeu acabar com a caronagem...

O FALSO ME'DICO



DIVULGOU um dos nossos diários o triste episódio em que se viu desmascarado o sr. Rosemberg Ipiranga Magalhães, um amazonense doido pela medicina. De que acusam o rapaz? Do exercício ilegal da medicina. Mas, em verdade, êsse falso médico não o era por chantagem, por esperteza, por velhacaria. Rosemberg nasceu com a veia de ser médico, de praticar a cirurgia. Uma obsessão. Fêz em sua terra o curso ginasial com a idéia de entrar numa faculdade de medicina. Mas isso — raciocinou — leva muito tempo, custa uma fortuna, e êle não tinha tempo a perder, nem dinheiro para freqüentar uma escola superior de medicina. Vindo para o Rio, sempre que podia, ia aos sebos da Rua de S. José e comprava obras de medicina. Lia-as com a dedicação de um estudante aplicado e procurava executar o que diziam os mestres tratadistas. Iniciou pequena clínica de cirurgia leve: pequenos tumores, panarícios, quistos, intervenções de fácil execução. Os seus clientes louvavam sua perícia, seu sangue-frio, sua técnica operatória. Foi para S. Paulo. Falhando a clínica, empregou-se num banco, onde passou cinco anos. Empregado excelente, deixou o banco porque a idéia fixa não o deixava: ser médico. Voltou ao Rio e conseguiu empregar-se num hospital como auxiliar. Os médicos gostavam dêle, de sua capacidade,

de sua inclinação para o serviço. Enamo
rado de uma enfermeira, seu prestígio au
mentou. Um dia, porém, um cliente, n
qual fizera melindrosa intervenção no es
tômago, de quem recebera certa importân
cia para guardar, deu o berro e o denun
ciou à polícia. Rosemberg foi submetid
a testes de medicina, saindo-se muito ben
Era médico capaz, de cultura, conheced
da técnica operatória tendo feito até ces
riana! Mas não tinha diploma... E, p
isso, foi para a cadeia. Não seria pref
rível que o Ministério da Educação prov
denciasse a regularização dêsse médico, q
o é até sem cursar faculdade?

ESCALPELAR



QUE quer dizer isso, Esfolar a cabeça de um cristão e tirar-lhe o couro com cabelos e tudo. Ou sem cabelo, se o cidadão escalpelado fôr careca. Com cabelo ou sem êle, o escalpelamento é de arrepiar cabelos. Contam as crônicas que, nos Estados Unidos, os índios costumavam fazer essa brincadeira com o branco invasor. No Brasil não se sabe de tais processos de hostilidades. O selvagem daqui costumava eliminar os invasores a flechadas ou a golpes de tacape. Há quem conteste que os nossos aimorés, tupiniquins e goitacazes eram antropófagos. Se, às vêzes, devoravam carne dos prisioneiros sacrificados, faziam-no por sentimento religioso. Acreditavam que, comendo a carne do inimigo temível e mais adiantado, ficavam com suas virtudes guerreiras. Voltando, porém, ao escalpêlo, acaba de passar-se nos Estados Unidos uma que vale por uma dúzia. No Estado de Pensilvânia havia um lei, datando ainda dos primeiros tempos da colonização, que premiava muito bem todo o branco explorador de matas e campos daquela região, que trouxesse às autoridades locais um escalpêlo de índio. E' claro que muita gente não deixou de experimentar suas habilidades em tirar o couro cabeludo dos po-

bres peles-vermelha. Mas, com o an
mento da civilização e a ausência, ca
vez maior de índios nas redondezas
Pensilvânia, era absolutamente ilógica e
lei ainda em vigor. Foi então apresent
na Câmara legislativa da cidade de H
rysburg um projeto de lei mandando
vogar a tal lei do escalpe, agora ino
rante por falta absoluta de índios a
folar. Os que ainda vivem por aqu
bandas são protegidos pelo govêrno fed
e, além de tudo, são mansinhos como
deiros e muito trabalhadores. Como ven
ainda há leis neste mundo que nos fa
descrer de nossa decantada civilização!

ACONTECEU

DRAMATICA DESPEDIDA



COM a divulgação do caso do dr. Laureano, o assunto câncer ficou na ordem do dia. Nunca se falou tanto nessa doença como depois que o heróico médico paraibano foi aos Estados Unidos em busca de melhoras e de lá voltou à sua terra resignado com a sorte. Antes de morrer, porém, mobilizou todo o país num movimento geral contra o insidioso mal. Até agora havia centenas de cancerosos que definhavam aos poucos e que morriam anônimamente. Morrer de câncer era o mesmo que falecer de úlcera duodenal, de apendicite ou de volvo. A morte queria apenas uma desculpa. Depois, porém, que o dr. Laureano deu o alarma, o câncer passou a ser olhado como uma calamidade nacional. Mas, passou-se um caso em Belém do Pará que pode fazer contrapeso com o do dr. Laureano. Trata-se de um canceroso, também médico, o dr. Acilino Leão, professor da Faculdade de Medicina da capital do Pará. O dr. Acilino estava subministrando uma aula, quando, dirigindo-se aos seus alunos declarou que sua próxima lição seria sôbre o câncer. Como não podia deixar de ser, o assunto despertou o maior entusiasmo, a maior divulgação entre discentes e docentes daquela casa de ensino superior. No dia marcado, a sala se encheu. Colegas do catedrático, funcionários do estabelecimento e a alunada em pêso, tudo acorreu para o local da preleção. O professor Acilino discorreu com grande proficiência sôbre o câncer, sua sintomatologia, os esforços da ciência, até que chegou ao ponto crucial: os sofrimentos de um canceroso. A precisão com que discorreu em tôrno das angústias, dos sofrimentos, das aflições, das lancinantes dores que sofre um canceroso, causaram geral admiração. Ao terminar a aula, declarou o médico: "Êsse canceroso, cujo sofrer atormentador acabei de descrever, sou eu próprio! Esta, meus amigos, foi a minha derradeira aula!" Só então se soube da enfermidade que suportava em silêncio, heròicamente. Nem sua espôsa tinha conhecimento disso.

CIUME OU LOUCURA?



CERTA vez, entre acadêmicos de direito desta capital, uma estoniana de rara beleza, ao lhe perguntarem se não queria casar-se, respondeu com a maior sinceridade: "No Brasil, não. Os homens daqui são muito ciumentos e matam as mulheres com a maior facilidade". E' inútil dizer que os rapazes ficaram sem dispor de nenhum contra-argumento. Porque, na verdade, se há casos de vingança de honra ultrajada, há também muita tragédia que se desenrola nos lares exclusivamente por culpa de ciumadas absurdas. Veja o que acaba de ocorrer numa pequenina cidade do interior da Paraíba, Alagoa Nova. Um cidadão, casado, com uma filha já moça, começou a desconfiar da espôsa. Embora a mulher não lhe desse nenhum motivo, o homem não podia dormir sossegado. Para o seu cérebro doentio a mulher o traía. A idéia fixa passou a ser uma obsessão dolorosa, alucinante. Pretextando uma viagem, o marido desconfiado ficou próximo a sua casa, observando. Armado de revólver, postou-se na tocaia. A certa hora da noite, divisou a um lado de sua residência, dois vultos. Era ela em companhia do canalha que lhe enxovalhava o lar! Cego de ciúme, apontou a arma e fêz fogo repetidamente, para atingir os dois. Correndo até ao local em que estavam, verificou, alucinado, que alvejara sua filha e não a espôsa. A moça caíra aos gritos de socorro, enquanto o seu namorado fugia ferido levemente. O assassino, como louco, entrou em casa e foi até ao quarto onde estava a espôsa a dormir e lhe vibrou várias punhaladas, matando-a incontinente. Prêso, foi recolhido à cadeia, manifestando todos os sintomas de alienação mental. O desgraçado fôra vítima do seu mórbido ciúme; e agora, com a espôsa morta e a filha gravemente ferida, sua desgraça se completa: está louco. A estoniana tinha razão...

FENOMENO EM SINGAPURA



ANTIGAMENTE, quando uma pessoa se mostrava muito importante, sem ao menos tirar o chapéu como forma de cortezia, dizia-se que "tinha o rei na barriga". Era uma maneira de censurar o importante cidadão, sem molestá-lo. Um dos muitos eufemismos que a civilização inventa para dar trabalho aos tradutores estrangeiros de nossa língua. E' claro que ninguém pode estar com um rei na barriga, salvo se se trata de jogador de bacará, o qual, em situação difícil, pode engolir um rei de copas ou de ouro, para fugir ao flagrante policial; mas isso ainda não se verificou, ao menos aqui no Rio. Será que uma pessoa pode ter uma outra na barriga, sem ser caso natural de gravidez? Pois sucedeu um caso sensacional com uma criança lá em Singapura, leitor amigo. O Oriente continua a fornecer notícias sensacionais e originalíssimas às agências noticiosas do mundo inteiro. Vejam o que acaba de registrar a AFP: — Uma operação feita na cidade de Singapura em um garotinho chinês de 14 meses de nascido, revelou a mais curiosa anomalia congenital de que há memória nos anais da medicina em todo o mundo. O menino começou a apresentar sintomas de inchação do ventre, não atinando os seus pais sôbre a causa daquilo. Muito sofria o garotinho, chorando, esperneando, gemendo aflitivamente. Levado a um hospital da cidade, os médicos examinaram e decidiram operar. Feita a intervenção cirúrgica, encontraram os médicos numa bôlsa cheia de líquido no abdome. Rasgada, surge de dentro um corpo de criança. Tudo se explicou. A criança que estava morta no próprio ventre do garotinho, era um irmão gêmeo, que, em condições normais, teria nascido com o outro. A natureza, porém, se descuidou e o corpinho ficou dentro da barriga do menino. Retiraram o cadáver, mas a criança operada não resistiu e morreu.



Bárbara Hutton ao chegar ao aeroporto de La Guardia, em Nova York, vinda de Cuernavaca, México, aonde fôra tratar de seu divórcio com o quarto espôso, o Príncipe Trubetzkoi. Mas, contra tôdas as espectativas de Bárbara, não foi conseguida a separação e ela regressou aos Estados Unidos decepcionada e profundamente aflita. Ao saltar do avião alguns repórteres indagaram do processo e como teria ido lá pela Côrte Judiciária do México, ao que ela respondeu com voz denunciadora de seu abatimento moral: «Evidentemente estou atravessando um período negro em minha vida, e, o que é pior, não estou de boa saúde».



E AQUI ESTÁ O príncipe Igor Trubetzkoi, o quarto marido de Bárbara Hutton, quando em Paris declara que, de maneira alguma concordaria com a ação de divórcio intentada por sua milionária espôsa Hutton. Enquanto isso, porém, entrava em juizo com uma ação legal contra ela, acusando-a de abandono do lar e exigindo que a sua rebelde espôsa reconsidere seus atos e volte para sua companhia ou o aceite como seu legítimo marido. O príncipe não quer saber de divórcio e tudo tem feito e fará para deter o furor [illegible] de sua amada e milionária Bárbara Hutton. Será que o aristocrata terá êxito?



O EXÉRCITO SUIÇO procura instruir-se dentro da maior técnica de guerra para qualquer eventualidade. Nação pacifista e que tem escapado a tantas guerras, seu govêrno não quer, porém descuidar-se e trata de dar aos seus soldados a mais perfeita e eficiente instrução militar. País montanhoso e de neves eternas, a Suiça mantém nas montanhas geladas corpos de tropa em permanente exercício. Aqui vemos um soldado instrutor mostrando como se dissimulam combatentes na neve, aplicando no rosto dos mesmos uma composição de pó muito alvo, e que, visto do alto ou de longe, se confunde perfeitamente com o ambiente nevado. E' o mimetismo que a própria natureza adota para a defesa de espécimes, contra os seus inimigos.

AUMENTA ANUALMENTE O NÚMERO DE LOUCOS

A VIDA AGITADA DAS GRANDES CIDADES É A CAUSA PRINCIPAL DAS DOENÇAS MENTAIS — "NÃO PERCA A CALMA, PARA NÃO ENLOUQUECER"! — 6.000.000 DE DOENTES MENTAIS NOS ESTADOS UNIDOS

ENTREI apressadamente no "hall" do Hotel de La Plaza, localizado na Quinta Avenida, onde havia marcado encontro com um médico americano, que não via há muito tempo. A última vez que nos encontramos, foi por ocasião do fim da guerra, na Alemanha. Passando por várias salas, dirigi-me ao "bureau" de entrada, para mandar avisá-lo de que chegara. Foi nesse momento que senti a mão de alguém em meu ombro: era o médico meu amigo!

— "Por que é que você está tão apressado? — perguntou-me assim que voltei o corpo. — Não se deve exagerar, a ponto de perder as fôrças!"

— "E' que eu vinha com um pequeno atraso e queria ser pontual!"

— "Está certo! E' natural e justo que você queira ser pontual, mas o mundo hoje em dia apresenta tôdas as facilidades para que a gente se torne doente mental! A vida agitada das grandes cidades pode nos transformar em loucos, se nos faltar calma! Eis aí, a razão pela qual não nos devemos tornar mais nervosos ainda, pelo simples fator pressa!..."

E continuou: — "Você sabe, por exemplo, que nos Estados Unidos temos mais de seis milhões de doentes mentais? Isto significa que um em cada dezessete americanos é doente mental. Se não acreditar, examine os relatórios que existem sôbre o assunto. As cifras de doentes mentais, por incrível que pareça, aumentam cada ano, e não sòmente entre nós, como também em outros países Especialmente durante o período de guerra e no após-guerra, as cifras de doentes mentais acusaram aumentos sensíveis."

— "E quais são os meios que possui a medicina para enfrentar essa luta?

— "Existem diferentes possibilidades de cura, todavia, a ação preventiva contra a doença é deveras difícil, devido às condições da vida. Determinada porcentagem de tais doenças é provocada por outras moléstias contagiosas, por exemplo, as venéreas, sendo que nestes casos procura-se fazer todo o possível para diminuir o seu número, não permitindo, assim, que o doente contraia núpcias, para evitar que seus filhos estejam propensos ao mal. O ambiente das grandes cidades favorece cem por cento as doenças mentais, o que nos mostram as estatísticas, quando afirmam que a porcentagem de doentes, em geral, das grandes cidades, é bem maior do que a dos campos, vilas afastadas, etc. Contudo, a situação tornou-se verdadeiramente difícil, porque o maior número de tais doentes deve ser isolado. Como tôdas as clínicas e hospitais já se encontram inteiramente lotados, tais condições deram origem a inúmeras dificuldades no tratamento."



E esclareceu: "Tem-se procurado demonstrar à opinião pública a situação exata, tal como se apresenta, exibindo-se até filmes de grande realismo sôbre o que se passa dentro dêsses Institutos. Apesar disso, a falta de lugares, obrigou a manter-se em suas casas os doentes, ainda não tão adiantados."

PROTEÇÃO À CRIANÇA

Uma das nossas maiores preocupações é, também, a de formar as crianças que não contam com o devido equilíbrio mental. No último ano, 163 escolas especializadas em todos os Estados, possuíam nada menos de vinte-e-duas mil crianças não desenvolvidas do ponto-de-vista mental. Atualmente, as cifras devem apresentar-se bem maiores, pois que nem tôdas essas crianças vão à escola! O número de instituições nesse sentido aumenta consideràvelmente, aumentando também o número de psiquiatras e médicos. E' preciso agir com paciência se se quiser legar à comunidade pessoas curadas. Naturalmente, dentre os inúmeros casos que aparecem, existem casos sem cura, sendo, no entanto, muito maior o de doentes que assim se tornam devido a choques ou acidentes, e que podem voltar a ser novamente normais, depois de determinado tempo. Trabalho num hospital de doenças mentais e sei perfeitamente quais são as causas do mal. Dentre elas, posso citar-lhe o nervosismo. Compreendo que a guerra, e o período de após-guerra, trouxeram um ambiente de nervosismo. Contudo, é preciso que sejamos calmos, nunca nos preocupando com coisas que possam nos enervar!"

G E WILSON — (I.P.A.)

CORREIO DA REVISTA

M. L. F. (Campinas, S. Paulo) — "Um caso de psiquiatria" não foi aproveitado. Não faça descrições físicas de personagens comparando-as com artistas de cinema. Isso revela pobreza de imaginação. Mas continue. Não perca as esperanças.

Tanni Sin (Rio) — Não foi possível aprovar o seu conto "Fuga". O conteúdo é vulgar e o enrêdo sem atrativos. Prossiga. Mande outro.

F. R. (Feira de Santana, Bahia) —Foi pena que o amigo enxertasse em seu conto "O Hético", tanta frase latina e expressões gongóricas. Tem você muita imaginação e escreve com acêrto. E' conveniente aperfeiçoar seu estilo, tirando-lhe os excessos de erudição, coisa incompatível com o gênero conto literário, salvo quando há motivo para isso. E veja em seu dicionário o significado da palavra *inerme*, que o amigo confunde com *inerte*.

Esperanza de San Pablo (Rio) — Foi aprovado o seu conto "Noite de S. João".

A. S. T. (Uruguaiana, R. G. do Sul) — Os tipos imperfeitos da máquina em que foi dactilografado o seu "As desventuras do dr. Pascoal", prejudicaram a publicação do mesmo. Mande outro bem legível.

G. P. G. (Pinhal, São Paulo) —Seu conto "O colar de maravilhas" se ressente de substância. Procure libertar-se da literatura pueril e analise os fatos sob moldes mais construtivos. Leia os bons autores. Sem muita leitura dos estetas da língua não se pode progredir na Arte de Escrever bem.

Doroty (São Paulo) — "Em cada pétala um beijo" está muito fraquinho. E' conveniente seguir outro caminho se quiser escrever contos. Repila as tiradas líricas, coisa que tôda moça já escreveu no colégio. E procure aperfeiçoar seu português, especialmente quanto à pontuação e emprêgo dos acentos gráficos.

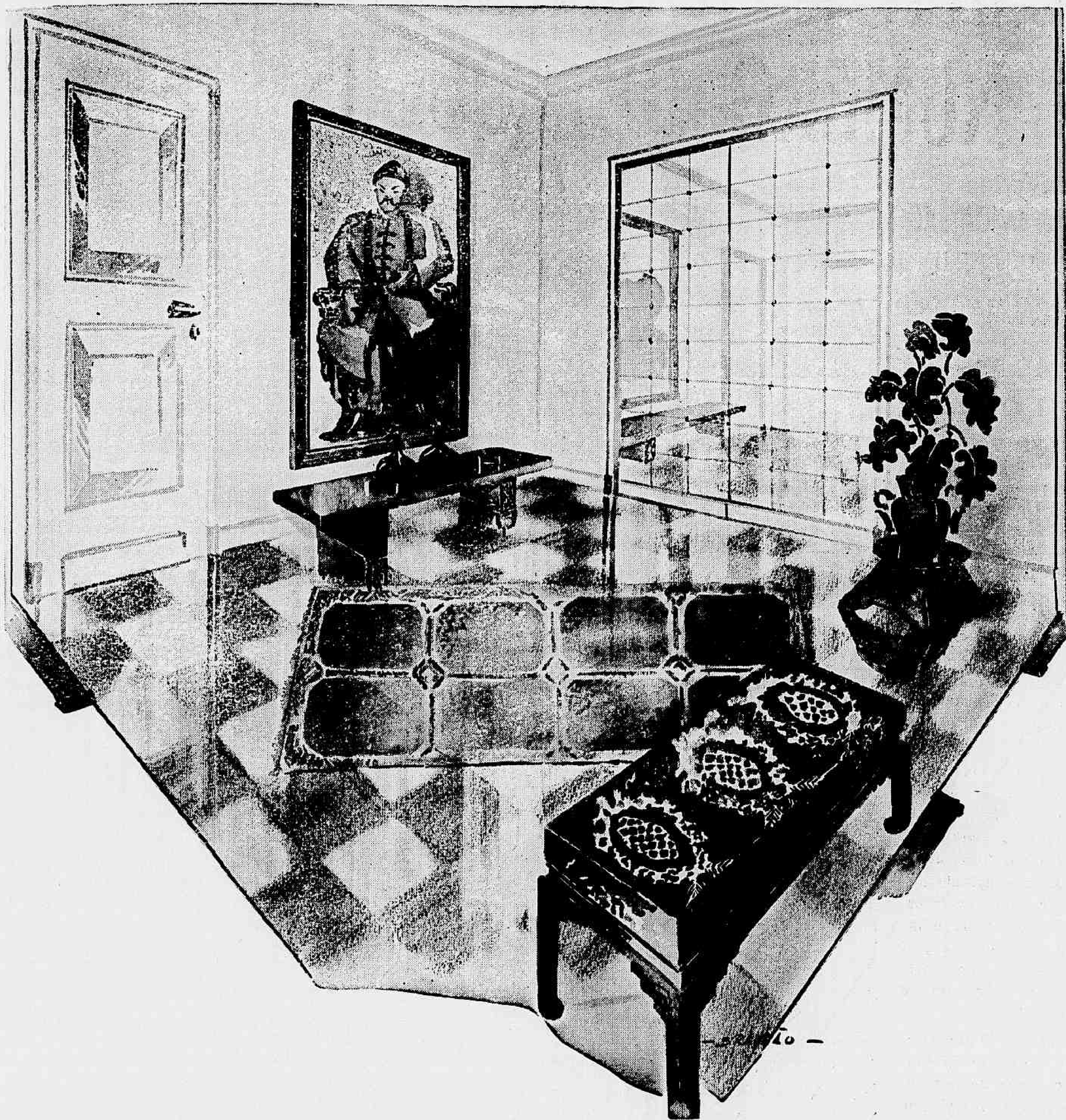
Darcy Araújo (Parnaíba, Piauí) — Aprovado o seu "Arigós". Quando empregar têrmos regionais, com decisiva influência no conto, dê o significado.

J. K. (Votorantim, São Paulo) — "Yolanda" não pôde passar. Melhore seu português.

Respostas ao teste

1—Amazonas
2—S. Paulo
3—Rio Branco
4—Duas (Rio e S. Paulo)
5—1.852
6—66
7—199 miligramos
8—Um (Oceano Atlântico)
9—Devagar e atenção
10—Banco do Estado de S. Paulo (Capital de S. Paulo)
11—10h, 36m. da manhã
12—373
13—3.156
14—No Recife
15—Um (Estados Unidos)
16—Noruega
17—À França
18—Canberra
19—No Canadá
20—Dinamarca.

MÓVEIS E DECORAÇÕES



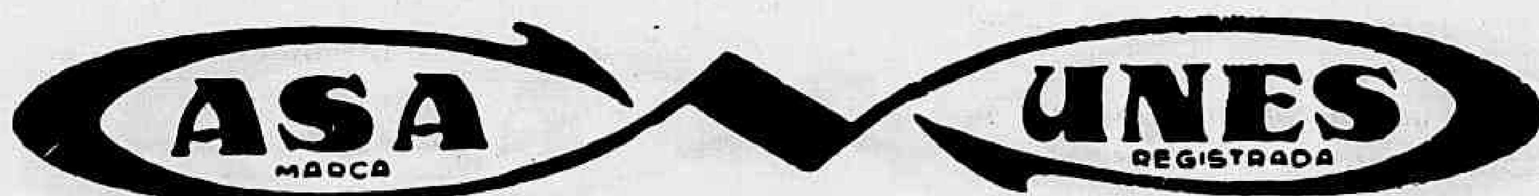
Projeto da CASA NUNES

Grupos Estofados

— especialidade de nossas oficinas —
prontos para entrega imediata

Tapêtes de Forração

— lisos e com flores — em tôdas
as côres e larguras



65 RUA DA CARIOCA 67 — RIO



Os amantes da arte preferem Hollywood

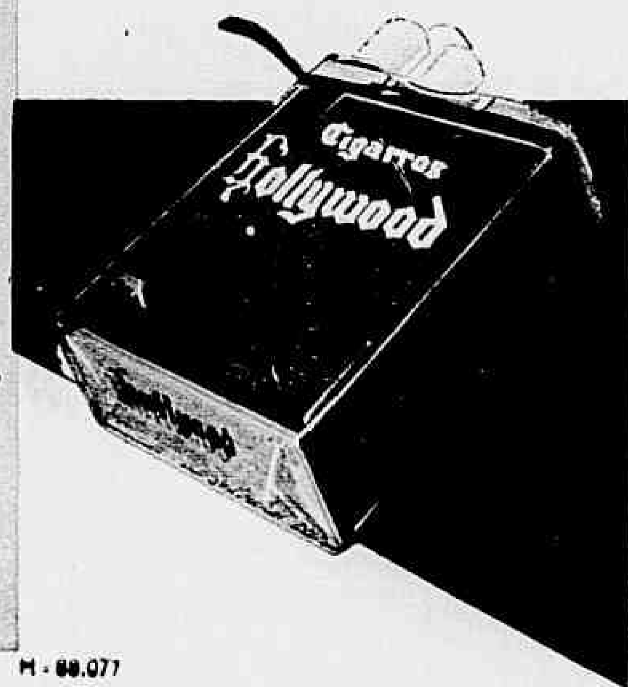
VELASQUEZ: AUTO-RETRATO



PICASSO: AS METAMORFOSES

A quem sabe apreciar um Velasquez ou um Picasso, sòmente um bom cigarro satisfaz — Hollywood, mistura feliz de tabacos da mais alta classe. Hollywood conta hoje com mais fumantes que todas as outras marcas da mesma categoria combinadas. Você, como pessoa de bom gosto, não pode dispensar Hollywood!

cigarros **Hollywood** *uma tradição de bom gosto*



UM PRODUTO SOUZA CRUZ

H-88.077